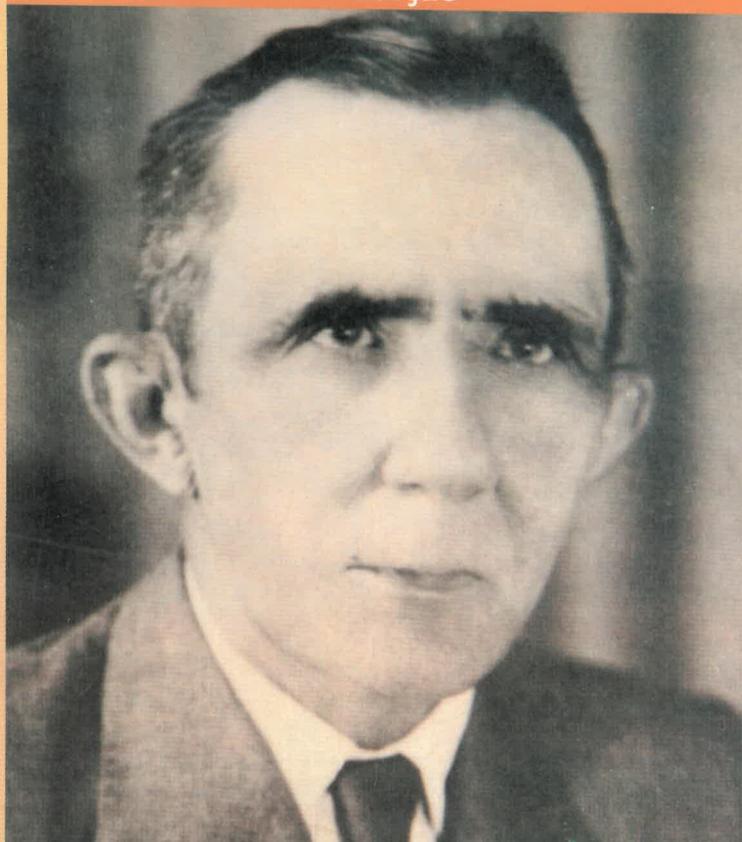


José Mendes de Sousa Moura

ISAÍAS COELHO

O Esculápio do Sertão

2ª Edição





José Mendes de Sousa Moura

José Mendes de Sousa Moura nasceu em Simplicio Mendes, cidade do semi-árido piauiense situada a 420 Km de Teresina. Cresceu ouvindo histórias de um médico que ali vivera amado pelo povo e com fama de milagroso. Isso explica o seu interesse em conhecer a vida e a obra do Dr. Isaías Coelho, o que já se manifestara desde os tempos de ginásiano em sua terra natal, quando escreveu um perfil do citado médico, em artigo para o "O Satélite", jornal mural fundado e mantido pelos alunos do Ginásio Isaías Coelho.

Engenheiro Civil pelo Centro de Tecnologia da Universidade Federal de Pernambuco, formando-se em 1977, em Recife-PE. Fez curso intensivo de especialização em restauração e gerência rodoviária. Ainda estudante, estagiou na MARPEF – Engenharia Ltda e trabalhou na Companhia de Instalações Industriais de Pernambuco – CIPER. Em 1980, foi professor de Física na Escola Normal Presidente Castelo Branco, em Oeiras-PI.



*“Que me seja dado gozar da vida e da profissão, honrando
entre os homens, se bem cumprir este voto.”*

Hipócrates



José Mendes de Sousa Moura

ISAÍAS COELHO

O Esculápio do Sertão



Copyright by 2007 - José Mendes de Sousa Moura

ISBN 85-905815-1-9

M929I

MOURA, José Mendes de Sousa. Isaías Coelho: o esculápio do sertão.
Gráfica Modelo, Teresina-PI, 2007.

151. : il.

1. Piauí - Biografia. 2. Piauí - Médicos. 3. Simplício Mendes -
História. I. MOURA, José Mendes de Sousa. II. Título.

CDD 920.981 22

Índice para Catálogo Sistemático: 2ª edição

1. Piauí - Biografias : 920.981 22

Digitação

José Mendes de Sousa Moura

Capa

Editoração Eletrônica

Eclética!

Revisão

Djanes Lemos

Penha Feitosa

Fotolito

SerGraf

Impressão

Gráfica Modelo

A todos aqueles que considero
esteio e razão de minha experiência e desta obra:

Familiares, amigas, amigos e conterrâneos.

ÍNDICE



Cronologia	9
Apresentação	11
Tributo a um Benemérito	13
A Primeira Viagem	15
As Origens	19
A Formatura em Medicina	25
A Construção da Fama	29
Liderança Incontestável	37
O Noivado Desfeito	45
Cultura e Sapiência	47
Histórias de uma Vida	51
A Última Viagem	65
As Homenagens	71

Discursos e Outros Escritos

Discurso Mudo, por Isaías Coelho	79
Saudação ao Padre Anchieta Cortez, por Isaías Coelho	85
Agradecendo, por Isaías Coelho	93
Saudação, por José Atanásio de Santana	101
Discurso na Inauguração da Estátua, por José Atanásio de Santana	107
Um Retrato do Dr. Isaías, por José Expedito Rêgo	117
Dr. Isaías Coelho, Exemplo às Novas Gerações, por Felipe Mendes	125
Um Benemérito, por Carlos Rubem Campos Reis	129
Depoimentos	131
Atenção, meus Amigos de Simplício Mendes	135
Venturas e Aventuras Isaianas, por Luiz Ayrton Santos Junior	137
Bibliografia	141

CRONOLOGIA

- 1890** - Isaías Coelho nasce no dia 20 de outubro, na fazenda Lagoas, então município de Oeiras, Estado do Piauí.
- 1891** - É batizado pelo Padre José Dias de Freitas, recebendo o nome de Isaías Rodrigues Coelho.
- 1896** - Vai morar com seus pais na fazenda Lagoa Comprida, então município de Oeiras.
- 1904** - Partindo da fazenda Lagoa Comprida, inicia viagem com destino a Salvador-BA, no dia 25 de fevereiro. O pai o acompanha até o lugar Salgado, próximo à divisa com o Estado de Pernambuco, onde chega a 3 de março.
- 1908** - Conclui os estudos preparatórios no Colégio São Salvador e ingressa na Faculdade de Medicina da Bahia.
- 1910** - Seu pai, Joaquim Jusselino Rodrigues Coelho, morre no dia 16 de março, no lugar Salobro, no Estado de Pernambuco, quando voltava de viagem que fizera a Salvador para visitar o filho.
- 1913** - Forma-se em Medicina, colando grau no dia 27 de dezembro.

- 1914** - Retorna para Simplício Mendes, onde monta consultório.
- 1924** - Exerce, por curto período, o cargo de Intendente Municipal de Simplício Mendes.
- 1953** - Dr. Isaías é homenageado pelos conterrâneos e amigos, no transcurso do quadragésimo aniversário de sua formatura, em 27 de dezembro, ocasião em que pronuncia memorável discurso de agradecimento.
- 1960** - Viaja para Teresina, em avião fretado, na manhã do dia 21 de janeiro, a fim de tratar de infarto do miocárdio sofrido.
- Morre às 20 horas e 15 minutos, no Hospital Getúlio Vargas, em Teresina.
 - No dia 22 seu corpo é trasladado para Simplício Mendes, onde é sepultado sob forte comoção popular.
- 1962** - Fundação, a 11 de março, do Ginásio Isaías Coelho, em Simplício Mendes.
- 1963** - Projeto de Lei do deputado Nelson de Moura Fé, aprovado pela Assembléia Legislativa, cria o município de Isaías Coelho, com sede no povoado Tamboril, cuja área territorial é desmembrada de Simplício Mendes.
- Em 9 de dezembro é sancionada a Lei nº 2549 que cria o município de Isaías Coelho.
- 1964** - Em 19 de abril é instalado o município de Isaías Coelho com a posse do primeiro prefeito, Nelson Lopes Buenos Aires.
- Em 9 de julho: Inauguração da praça Isaías Coelho, em Simplício Mendes, pelo então prefeito Ney Madeira Moura Fé.

APRESENTAÇÃO

Simplício Mendes, cidade pobre do sertão nordestino, tem na grandiosidade de seu povo sua maior riqueza, como mostra o livro “Simplício Mendes – História e Notáveis”, de autoria de José Mendes de Sousa Moura.

O citado escritor simplício-mendense enriquece a historiografia do município com uma nova obra. Desta vez, traz a público este livro biográfico: “**Isaías Coelho – O Esculápio do Sertão**”, que conta a vida e a obra do ilustre filho de Simplício Mendes, indiscutivelmente um dos maiores médicos piauienses de todos os tempos.

A vida do Dr. Isaías Coelho é um exemplo a ser seguido. Ele exerceu a profissão com muita competência e espírito humanitário, trabalhando incansavelmente pelo seu povo, salvando vidas e sendo um benemérito dessa gente pobre e sofrida.

Este livro resgata, portanto, um pouco da história desse grande médico do sertão, mostrando-nos sua dedicação ao ofício de curar, sua capacidade e inteligência invejável, seu caráter, sua bondade, seu temperamento por vezes explosivo, sua vontade de aprender e sede de saber, sua humildade, suas dúvidas e incertezas.

Conheci-o ainda criança e fui seu vizinho na antiga Rua 15 de Novembro. Aprendi a admirá-lo e a respeitá-lo, como também o povo da cidade e região o admirava e o respeitava, assim como todos os piauienses que dele ouviram falar. Certamente ele influenciou não só a mim, mas a tantos outros simplicio-mendenses que optaram pela atividade médica. (*)

A profissão de médico é realmente muito gratificante pela oportunidade que se tem de aliviar a dor ou prolongar a vida de muita gente. Mas é também uma atividade angustiante pelo fato do médico muitas vezes se sentir impotente para atender as expectativas daqueles que o procuram com a esperança da cura ou do alívio de seus sofrimentos.

É por isso que, em média, os médicos morrem mais cedo. É por isso que são mais propensos a doenças mentais e a depressões. As estatísticas mostram isso. E o Dr. Isaías, com sua impaciência e temperamento difícil, retrata bem isso. Morreu aos 69 anos, vítima de infarto do miocárdio, mal certamente causado pelo stress que a atividade profissional lhe proporcionou.

Heli de Araújo Moura Fé

Médico e ex-prefeito de Simplicio Mendes

(*) Além do Dr. Isaías, abraçaram a medicina os seguintes simplicio-mendenses: Ney Marques, Joel Coelho, Raimundo de Moura Fé, Raimundo Mendes de Carvalho, Olavo Mendes de Carvalho, José de Anchieta Santana, Natan Madeira Moura Fé, Nilson de Moura Fé, Nilson Cronemberger, José Romualdo Cronemberger, Florêncio de Sousa Moura, Manoel Rodrigues Costa Reis, Sebastião Cronemberger, Paulo Afonso Kalume Reis, Ivan Moura Fé, José Deodato de Carvalho, Heli de Araújo Moura Fé, Anchieta de Moura Cortez, Reynaldo Mendes de Carvalho, Neide Moura Fé Araújo, Carlos Augusto Moura Fé, Felipe Néri de Sousa Moura, Eugênio Moura Campos, Joalandro Coelho, Francisco de Assis Carvalho Santana, Pedro de Moura Fé Filho e Reinaldo Mendes de Carvalho (2º do nome), Alice Maria Coelho Marques, Juraci Jesuino, Stanley Jesuino da Silva. Há também os jovens que ainda esquentam os bancos escolares das Faculdades de Medicina que, no futuro, se juntarão a esses nomes. (Nota do Autor).

Tributo a um
TRIBUTO A UM BENEMÉRITO
Benemérito

Guardo na retentiva da memória, gravadas nos tempos da minha infância em Simplício Mendes, imagens de pessoas passando em frente à casa de meus pais, provenientes das bandas do Cassange, Ligeiro e dos antigos povoados Campos e Tamboril, interior do município, numa certa tarde de inverno. Pessoas simples, da roça, homens e mulheres, todas numa só direção, para o mesmo destino: a casa do Dr. Isaías, onde iriam velar seu corpo e dar adeus àquele que fora um verdadeiro benemérito para aquele povo. No semblante de alguns, as lágrimas marcando-lhes o pranto sentido; noutros, o silêncio piedoso da tristeza; e em todos, a consternação pela privação sofrida.

A casa de meus pais ficava na zona suburbana. Situava-se no portal da cidade, pelos lados do Cassange e Espinheiro, por onde chegavam os viajantes de outras plagas e moradores da zona rural do município, pelo lado norte. Daí porque ficou na minha lembrança a procissão daqueles que, a partir de então, ficariam desprovidos das receitas miraculosas aviadas pelo grande médico, verdadeiro esculápio do sertão.

Nos meus quase sete anos de idade não me ocorria a dimensão da perda irreparável, para aquela região, do médico pranteado. A morte de Dr. Isaías Coelho deixou a todos estupefatos.

Como prescindir daquele que era ao mesmo tempo, médico, amigo, conselheiro e milagroso?

Outra imagem é a estátua de bronze, em tamanho natural, plantada no centro da praça que o homenageia. Desde que me tenho por gente, imaginava quão importante foi o Dr. Isaías. Sim, pois a perpetuação de alguém no bronze só poderia ter uma explicação: o mérito pela obra deixada e pela fama. Assim eu pensava e desde então aprendi a admirá-lo. Admiração que crescia a cada história contada pelos seus contemporâneos; histórias de curas miraculosas num ambiente de toско instrumental; histórias de uma vida dedicada ao sacerdócio da medicina, exercido fielmente como ele próprio dissera que “jurou à sua Fé, à sua vocação, por Deus e por Hipócrates, que exerceria o divino ofício de sarar a dor – **divinum opus sedares dolorem** – sempre fiel aos ditames e aos preceitos da honestidade, da caridade e da Ciência.”

A par dessas considerações, com o incentivo de amigos, dispus-me a escrever a biografia do grande Isaías Rodrigues Coelho, para que não se perca, com o perpassar dos anos, a memória de um dos maiores médicos piauienses de todos os tempos, que deu exemplo de abnegação, devotamento, humanidade e dedicação à nobre causa de salvar vidas.

Certamente não conto a história de sua vida de modo completo e em todos os seus pormenores. Tampouco digo tudo o que ele fez como médico, mas pelo menos tenho a honra de registrar o que pude compilar de anotações esparsas e de testemunhos daqueles que tiveram o privilégio de conhecê-lo.

Isaías Coelho - O Esculápio do Sertão é meu modesto tributo a um homem que marcou época na minha terra natal, transformando Simplício Mendes num centro de romaria de pacientes atraídos pela sua fama, vindos dos mais distantes lugares, inclusive de outros Estados, na esperança de alcançar a cura dos mais terríveis males. E quase sempre alcançavam-na, atestam os mais velhos, contemporâneos e testemunhas de seus feitos extraordinários.

José Mendes de Sousa Moura

A PRIMEIRA VIAGEM

Em busca do saber

Sol de inverno no sertão árido do Piauí. Sol menos cálido que o entusiasmo do jovem buscando a realização de um ideal. Esse era o tempo e o clima naquela manhã do dia 25 de fevereiro de 1904. Quincas Jusselino observa seu relógio de algibeira e memoriza a posição exata dos ponteiros para posterior anotação no seu diário: 10 horas e 40 minutos. Seu filho Isaías já se despedira da mãe, irmãos e amigos e montara no cavalo encilhado para dar início, naquele momento, a uma longa viagem com destino à Bahia. Quincas o acompanharia na primeira parte da viagem, desde a casa de morada, na fazenda Lagoa Comprida, até as proximidades do extremo do Piauí, limítrofe com Pernambuco.

Aos 13 anos de idade, o adolescente Isaías partia em busca de estudos mais avançados, que ali na residência de seus pais e em toda a redondeza não podiam lhe oferecer. Ele havia estudado em casa e já sabia ler, escrever e fazer as quatro operações de conta. Tinha, porém, sede de saber. Queria aprender mais e adquirir conhecimentos científicos que só os grandes centros do País podiam proporcionar.

Viagem longa, que a soalheira e dificuldades dos caminhos eram suportadas pela esperança de um porvir de luz e glórias. Esse sonho sedimentava uma convicção de Quincas Jusselino: os

Memorandum.

L. Livro

Livro de notas particulares, pertencente a Joaquim Jusselino Rodrigues Coelho.

Lapso comprido, 11 de Abril de

1904.

Notas suas e de outros de proprios parentes.

Joaquim Jusselino Rodrigues Coelho

Faviana Rodrigues de Carvalho

Arizida Joaquina Rodrigues

Crisianato Rodrigues Coelho

Isaías Rodrigues Coelho

Honorio Rodrigues Coelho

Página de abertura do "Memorandum" onde se lê: "Este livro é destinado a assentos de nascimento - meu e de minha família, assim como para todo e qualquer assunto que me convenha fazer ou tomar em nota, a fim de perpetuar-se na memória e não se perder no esquecimento com o perpassar dos tempos.

Memorandum.

Este livro é destinado á - assentos de nasci-
mento - meu e de minha família, assim
como para todo e qual quer assunto que me
convenha fazer ou tomar em - nota - á
fim de perpetuar-se na - memoria - e não
se perder no esquecimento com o pas-
sar dos tempos.

Lagoa Comprida, no termo de Oeiras do
Piahy, 11 de Abril do Anno do Nascimen-
to do Nosso Senhor Jesus Christo de
1904, 1.º bisseto do século XX.

Joaquim Jusselino Rodrigues Coelho.

sacrifícios e recursos financeiros que fossem necessários despende certamente seriam recompensados no futuro, pois vislumbrava no seu filho uma carreira brilhante, mercê da inteligência privilegiada de que ele era possuidor e o amor extremado pelos livros. Por isso, estava disposto a investir na educação de Isaías, cujo entusiasmo para prosseguir nos estudos era alimentado por um sonho alto: Salvador da Bahia, o horizonte. Medicina, a vocação.

Vencendo as estradas lamacentas, veredas e caminhos pedregosos, arranchando-se aqui e acolá, ora em casas de fazenda, ora à sombra de juazeiros ou de outras árvores frondosas, chegaram no dia 3 de março, depois de sete dias de jornada, ao lugar denominado Salgado, entre Curral Novo e Caboclo, no termo de Paulista, que se tornaria mais tarde município de Paulistana. Ali se encontraram com os novos companheiros de viagem, Vitalino Rodrigues Coelho e Zé Luís. Este era filho de José Luís Gomes, primo de Quincas Jusselino. Vitalino, primo de Isaías, era o mais experiente e viajado, razão pela qual ficou responsável pelos dois companheiros.

Ao se despedir do filho, Quincas observa mais uma vez os ponteiros do relógio de algibeira, que marcam meio-dia e 25 minutos. Dali em diante Isaías seguiria o seu destino em companhia dos dois parentes, sob os cuidados do primo e amigo Vitalino, que também iria estudar, assim como o outro companheiro Zé Luís.

Antes, porém, de empreender viagem de volta à Lagoa Comprida, Joaquim Jusselino desembolsa a importância de 950\$000 (novecentos e cinquenta mil réis) e a entrega a Vitalino. Desta quantia, ele autoriza ao sobrinho reservar 98\$100 (noventa e oito mil e cem réis) para pagamento de fatura de umas mercadorias que lhe vieram de Petrolina. O restante, no valor de 851\$900 (oitocentos e cinquenta e um mil e novecentos réis) destinava a fazer face às despesas de viagem e dos primeiros dias de Isaías na Bahia.

Os três estudantes embarcaram em Juazeiro(BA), com destino a Salvador, no dia 9 de março daquele ano de 1904. Dias depois chegaram à capital baiana, onde se matricularam no Ginásio “São Salvador” para os estudos preparatórios.

AS ORIGENS

Ascendência ■ Naturalidade ■ Infância

Joaquim Jusselino Rodrigues Coelho, o Quincas Jusselino para os amigos e íntimos, ou Cel. Joaquim Jusselino, como muitos o chamavam por ser a patente de “coronel” o tratamento mais respeitoso que se dava naquela época aos fazendeiros abastados e influentes na política, descendia do rico fazendeiro português Valério Coelho Rodrigues, seu “tataravô por todos os lados da linhagem”, como consta no seu “Livro de Notas Particulares”. De fato, seus dois avôs eram irmãos. Suas duas avós também eram irmãs. Todos netos e netas do velho patriarca.

Valério Coelho Rodrigues nasceu em Portugal, mais precisamente em São Salvador do Paço Sousa, bispado de Porto. Veio para o Brasil por volta da metade do século XVIII, estabelecendo-se no Piauí e situando fazendas em terras onde mais tarde surgiram Paulista, hoje Paulistana, e municípios vizinhos desmembrados posteriormente. Tornou-se fazendeiro abastado e principal responsável pelo povoamento da região centro-sul piauiense, através de sua enorme descendência. É o ascendente mais remoto de que se tem notícia, no Brasil, da grande família Coelho Rodrigues. Joaquim Jusselino, quando fala de seus ascendentes em suas anotações, diz que “*Valério mandou*



O irmão, Cincinato Coelho e esposa Francelina, com os filhos: Joaquim, Homero, Gabina e Noeme (ao colo da mãe).

INSTITUTO DE IDENTIFICAÇÃO		Emitida em de de <i>Francelina de M. Rodrigues Coelho</i> DIRETOR DO INSTITUTO	
Nome	DR. ISAIAS RODRIGUES COELHO	Assinatura do Portador <i>Isaias Rodrigues Coelho</i>	Registro geral 158.989 I. D. { Séri. Y. 1344 Suced. V. 4422
Nascido a	20 - Outubro - 1890		
Nacionalidade	Brasileira		
Naturalidade	Piauí - Ceiras		
Filiação	Joaquim Juscelino Rodrigues Coelho e Gabina Rodrigues de Carvalho		
Estado civil	solteiro		
Profissão	Médico		
Côr.	Branco		
Olhos	Castanhos		
Barba	Rapada		
Marca, cicatrizes, etc.		Foto do Portador Polegada direita	
53394			

Carteira de Identidade do Dr. Isaias Rodrigues Coelho

construir uma Capela, hoje Matriz de Paulista, no ano de 1750, segundo consta de um caderno de 'assentos', que encontrei nos papéis de meu avô".

Desde o final do século XVIII até os dias atuais, muitos descendentes de Valério Coelho Rodrigues têm se destacado em diversas atividades. Na política, o ex-presidente José Sarney; o ex-presidente da Província do Piauí, Manuel de Sousa Martins - Visconde da Parnaíba - e muitos outros. Na religião e educação, o padre Marcos de Araújo Costa e outros. Enfim, em todos os

O termo de "Simplicio Mendes" foi criado pela Lei nº 375 de 15 de julho de 1905, e a villa do mesmo nome foi inaugurada a 15 de Novembro do mesmo anno, perante grande concurrencia de povos no povoado até então denominado Sítio Branco - q. passa a chamar-se Villa de Simplicio Mendes - e que em poesia do actual Governador do Estado G. O. Barros de Assis Lyrio e de seu em memoria do seu fallecido pai, q. tenha a seguinte nome (Simplicio Mendes).

O Conselho municipal provisório do mesmo termo foi installado no dia seguinte a da inauguração da villa, occupando em alguns de Jurisdicção do mesmo Conselho municipal, com de quatro Concelheiros ou membros: - Antonio Mendes de Carvalho, José Eduardo de Carvalho, Antonio Gomes de Carvalho e Theodoro Ferreira de Carvalho. Intendente do m. o Ten. Cel. Eustaquio Ferreira Gomes, Secretario do Conselho m. o e da Intendencia: Affonso de...

ramos de atividade humana se encontra representantes brilhantes. Na medicina, Dr. Isaías Coelho é considerado, sem dúvida, uma das maiores expressões dentre os descendentes de Valério.

Joaquim Jusselino nasceu na fazenda Curral Novo, termo de Paulista, posteriormente município de Paulistana, em 23 de setembro de 1857. Homem inteligente e de fé inabalável, estudou as primeiras letras em casa de seus pais e seguiu para Jaicós aos 16 anos de idade, onde estudou gramática portuguesa. Com o falecimento do pai, voltou de Jaicós e foi morar no lugar Poço Negro, pertencente à fazenda Serra Vermelha, de 1878 a 1884. Mudou-se, então, para a fazenda Lagoas, do termo de Oeiras, posteriormente pertencente ao município de Simplício Mendes e atualmente ao município de Isaías Coelho.

Na fazenda Lagoas nasceu, no dia 20 de outubro de 1890, o menino Isaías, terceiro dos quatro filhos do casal Joaquim Jusselino Rodrigues Coelho e Gabina Rodrigues de Carvalho. Os outros filhos são: Anízia, Cincinato e o caçula Homero (este falecido aos 17 anos de idade).

No ano seguinte, 1891, o menino recebeu na Pia Batismal o nome de **Isaías Rodrigues Coelho**, tendo sido batizado pelo Padre José Dias de Freitas, vigário de Oeiras, que se encontrava na ocasião em missão religiosa no Cemitério do “Vamos Ver”. Seu padrinho foi Antônio Ferreira Gomes, cunhado do seu pai. Sua madrinha, a bisavó materna, dona Clara Rodrigues de Carvalho.

Isaías era um menino como os outros de sua idade, nas atitudes e brincadeiras infantis. Mostrava-se, entretanto, possuidor de rara inteligência e interesse incomum pelos estudos. Até os seis anos de idade viveu na fazenda Lagoas, onde seu pai trabalhava de vaqueiro, profissão valorizada na época. No final de 1896 mudou-se com os pais para o lugar Lagoa Comprida, onde Joaquim Jusselino adquiriu terras, situou fazenda para lavoura e criatório de gado, dando início à construção de um razoável patrimônio. Ali o garoto permaneceu até os primeiros anos da adolescência, quando aos 13

anos viajou para a Bahia em busca de outros horizontes e novos conhecimentos.

Naquela época, assim como Lagoa Comprida, Lagoas pertencia ao município de Oeiras, daí porque Dr. Isaías é considerado oeirense de nascimento. Com a criação e emancipação política de Simplício Mendes, essas propriedades passaram a pertencer ao novo município. Em 1964 foi desmembrado e instalado o município de Isaías Coelho, passando, então, para o domínio deste as referidas fazendas. Desta forma, o grande médico é um patrimônio dos três municípios citados. Não é exagero dizer que Dr. Isaías Coelho foi um dos maiores médicos piauienses de todos os tempos. A par disso, e pela sua habilidade na arte de Hipócrates e dedicação ao exercício profissional como um verdadeiro sacerdócio, ele pode ser considerado um dos filhos mais notáveis não apenas daquele rincão árido do sertão, mas, sem nenhum favor, de todo o Piauí.

ISAIAS COELHO
MEDICO

S. Mendes, 10 de abril de 1947

Para Felipe Prudente

Uso int. *Jalob*

Clínica digestiva. Fontana
de V.
de 1000 uma colher de
de 1000 de açúcar e antes
de jantar.

Sr Hepátres Coza

de 1000 uma colher
de 1000 de açúcar
de 1000 de açúcar
e depois de jantar
Jalob

Voltando á consulta, traga esta receita



A FORMATURA EM MEDICINA

■ As despesas com os estudos

■ Opção pela terra natal

Entre março de 1904 e dezembro de 1907, Isaías fez os estudos preparatórios, concluindo-os com brilhantismo no Ginásio “São Salvador”. Ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia em princípios de 1908. O primo Vitalino fez exames para a Faculdade de Direito, tornando-se mais tarde Bacharel em Direito.

Durante os estudos na capital baiana, Isaías não esquecia a terra natal e os familiares. Prova disso se vê pelas anotações do pai no citado “Livro de Anotações Particulares”. Sempre que chegavam as férias, durante os estudos preparatórios, ele vinha a Lagoa Comprida para a convivência com os familiares e amigos no aconchego do lar. Foi assim nas primeiras férias, no período de 13/12/1905 a 22/03/1906, e nas outras do início de 1907 e do final do mesmo ano, viajando quase sempre em companhia de Vitalino. Numa dessas oportunidades, Joaquim Jusselino o acompanhou em viagem de volta até Juazeiro, na Bahia, ocasião em que aproveitou para fazer compras em Petrolina.

Quando ingressou na Faculdade, não foi possível para o jovem acadêmico vir passar as férias com os pais, pelo menos nada consta nas “anotações” a esse respeito.



Dr. Isaiás Coelho, aos 23 anos. Formatura em Medicina (27/12/1913)

As despesas com a manutenção de Isaiás nos estudos eram cuidadosamente anotadas por Joaquim Jusselino. Com a morte deste, ocorrida em 16 de março de 1910, no lugar Salobro, termo de Pernambuco, quando retornava da capital baiana, onde fora visitar o filho acadêmico do terceiro ano de medicina, as anotações das despesas foram continuadas por Cincinato Coelho, irmão mais velho do futuro médico. Jusselino chegou a despendar a quantia total de 9:230\$000 (nove contos e duzentos e trinta mil réis), enquanto Cincinato enviou 10:900\$000 (dez contos e novecentos mil réis). Por conseguinte, as despesas com os estudos do Dr. Isaiás na Bahia somaram a respeitável cifra de 20:130\$000 (vinte contos e cento e trinta mil réis), dinheiro que era enviado em espécie por meio de portadores parentes e amigos, que viajavam para Petrolina



REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL
Faculdade de Medicina da Bahia

Em nome do Governo da República dos Estados Unidos do Brasil:

Eu, Doutor Augusto César Vianna, Professor Catedrático de Microbiologia e Director da Faculdade de Medicina da Bahia, tendo presente a Colação de Grau de doutor em medicina conferido no dia 27 de dezembro de 1913, ao Senhor Isaias Rodrigues Coelho natural de Estado do Piauí, filho de Joaquim Jusselino Rodrigues Coelho, nascido em 20 de outubro de 1890, depois de ter sido aprovado com Distinção Grau Dez (10), em defesa de theses, em virtude da autoridade que me confere o Regulamento da Faculdade, mandei passar-lhe este Diploma de Doutor, afim de que possa exercer a sua profissão nos estados Unidos do Brazil, com os direitos e prerrogativas concedidas pelas Leis da República.

Bahia, 12 de Dezembro de 1917

Dr. em Medicina,

O Director da Faculdade,

MINISTERIO DA EDUCACAO E SAUDE
SECRETARIATO NACIONAL DE ENCADENCO
VISTO - Em 17 de Junho de 1932

O Secretário da Faculdade,

DECRETO n. 3902 de 12 de janeiro 1901

Diploma de Medicina (cópia restaurada, a partir do original, através de processo de computação executado por Fernando Müller - Foto Müller)



CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DO PIAUÍ

COELHO
Sobrenome

Livro: - I Fls.: - 156
Registro do Diploma

103/Interior
Nº de inscrição

DR. ISAIAS RODRIGUES COELHO

Nome

Filiação: Joaquim Jusselino Rodrigues Coelho e Gabina R. de Carvalho

Naturalidade: Piauiense

Data do Nascimento: 20 de outubro de 1890

Est. Civil: solteiro

Nome do cônjuge: -

Escola: Faculdade de Medicina da Bahia

1913

Data Exp. do Diploma: 12 de dezembro de 1917

D.N.S. - Liv. 17 Fls. 105 (abr/39)

Especialidade: clínica médica

TÍTULO: Doutor em Medicina

Doc. Militar: Cart. Isenção - 18a.C.R.

Tit. Eleitoral PI/55 Simp. Mendes/37a. Z

Cart. Identidade: nº 158.989 - Bahia

Cargo Part. ou função pública atual: Chefe do Posto de Higiene de Simp. Mendes

End. Residencial: rua 15 de Novembro, s/n - Simplicio Mendes rel: não tem

End. Consultório: o mesmo acima

Tel. -

Asbulatório ou Hospital: - - -

Teresina, 16 de junho de 1959

Data

pp. P. Mendes

Assinatura por extenso

Impressão do polígrafo direto



Ficha de Registro no Conselho Regional de Medicina do Estado do Piauí. Sua inscrição no Conselho se deu somente em 1959, pois não havia CRM-PI na época de sua formatura.



Nesta casa, na Rua 15 de Novembro, atual Rua Nivardo Rodrigues, em Simplício Mendes, Dr. Isaías residiu durante 46 anos. O consultório funcionava ligado à residência, à direita, onde hoje existe um bar.

e Salvador, ou levado pelo próprio Isaías quando do retorno de suas férias escolares.

Dr. Isaías Coelho colou grau em medicina na famosa Faculdade de Medicina da Bahia, em 27 de dezembro de 1913, após realizar um curso brilhante, constando no seu diploma o grau 10 com louvor. Tornou-se clínico geral de renomado conceito e, muitas vezes, cirurgião de rara habilidade. Conquistara assim o sonho que um dia o fez empreender longa viagem para a velha Bahia.

Ao se formar, Dr. Isaías foi convidado para trabalhar lá mesmo em Salvador, mas preferiu voltar para o Piauí. Recusou vários convites, como, por exemplo, do seu mestre Dr. Fernando São Paulo, que o queria médico de sua clínica particular.

No início do ano de 1914, o novel médico chegou à sua pequena Simplício Mendes, onde montou um consultório ligado à sua residência na Rua 15 de Novembro (hoje Rua Nivardo Rodrigues), próximo da Praça da Independência (atual Praça Isaías Coelho). Iniciou-se ali, naquele modesto consultório, uma das mais fantásticas carreiras médicas do interior piauiense, cujo protagonista adquiriu fama que logo ultrapassou os limites do Estado.

A CONSTRUÇÃO DA FAMA

O médico e o político ■ Mito ou médium?

Dr. Isaías retornou para clinicar no interior do Piauí, como dito, talvez por amor ao torrão natal e um indescritível desejo de servir à sua gente. Em Simplício Mendes montou consultório e construiu fama, não porque era o único médico “*metido aqui neste recanto perdido do Brasil*”, como disse Dr. José Expedito Rego, que acrescenta: “*Não! Dr. Isaías teria sido ainda maior do que foi entre nós, se tivesse vivido em um grande centro. Se a vaidade, nele, fosse maior do que o amor a esse rincão desprotegido, a esse povo pobre e sofredor, a que ele serviu como escravo*”.

Neste recanto perdido, ainda nas palavras do Dr. José Expedito Rego, “*Dr. Isaías só dispunha de seus livros, de suas revistas chegadas com bastante atraso, de sua experiência, de sua inteligência, de sua insônia solteirona, de seu indefectível cigarro, para o estudo dos casos difíceis. No entanto, Dr. Isaías diagnosticava, aqui, casos da terrível moléstia de Chagas e os doentes iam para São Paulo, e o exame de laboratório confirmava o diagnóstico. Dr. Isaías diagnosticava, aqui, casos*

de Calazar, a insidiosa leishmaniose visceral e os doentes iam para São Paulo e era confirmado o diagnóstico e era continuada a terapêutica já por ele instituída.”¹

Abimael Carvalho, no livro **Família Coelho Rodrigues – Passado e Presente**, registra a formatura do Dr. Isaías Coelho em 27 de dezembro de 1913 e acrescenta: *“Recebido o diploma, o novel médico que, não obstante a excessiva modéstia, deixara fama na Velha Escola, tantos os conhecimentos adquiridos durante o curso e tal a seriedade com que o encarara, pois sempre considerou a medicina como um verdadeiro sacerdócio, voltou, no ano seguinte, para a sua pequena e pobre Simplício Mendes. E lá, onde montou a tenda de trabalho, só se ausentando para atender clientes em outras cidades do Piauí, ou em visitas periódicas que fazia a Salvador, centro de cultura médica dos mais adiantados do País, ficou para o resto da vida. Não se transformou, porém, em simples médico de aldeia. Ao contrário, e em pouco tempo tornou-se conhecido e respeitado, não só em seu estado natal, como na Bahia e em Pernambuco. É sabido que nas suas passagens por Petrolina(PE), com destino a Salvador, tinha de demorar-se dias seguidos para atender os muitos clientes que, tomando conhecimento, com antecedência, através de informações de pessoas amigas, da realização da viagem, aguardavam-no e, esperançosos, recorriam ao médico, no qual tanto confiavam”*.

Não por acaso, Simplício Mendes se tornou um centro de romaria de pacientes atraídos pela fama do Dr. Isaías. Eram pessoas dos mais diversos e distantes lugares, inclusive de outros Estados, que vinham na esperança de alcançar a cura pelas mãos desse médico que *“viveu a medicina como idealizada por*

1. trecho do discurso pronunciado por José Expedito Rego, no dia 09/07/1964, por ocasião da inauguração da Praça Isaías Coelho, em Simplício Mendes.

Hipócrates, fazendo do seu exercício o mais sublime sacerdócio”, como se expressou Dagoberto Carvalho Jr.²

E muitos alcançavam a cura de terríveis doenças, mesmo após terem sido enganados pelos médicos das cidades de origem, contribuindo para aumentar a fama do Dr. Isaías. Uma aura de místico o envolvia a ponto de ser reverenciado por todos quantos o conheciam. Por isso, disseminaram-se a fama e a crença de que, além de médico competente e dedicado, o Dr. Isaías era um médium que “pressentia” o diagnóstico e “intuía” a terapêutica adequada a ser ministrada para cada caso.

Com o transcorrer inexorável do tempo, a imagem que se forma do Dr. Isaías, através dos depoimentos de pessoas que tiveram o privilégio de conhecê-lo, transcende a imaginação para transformá-lo num mito. São tantos os casos de curas milagrosas, procedimentos terapêuticos e cirúrgicos corretos, praticados num ambiente de escassez e de recurso instrumental quase inexistente, que é difícil imaginar como um homem naquelas condições, desempenhando ao mesmo tempo o papel de enfermeiro, anestesista, clínico e cirurgião, se houve com tão esmerado sucesso na maioria de suas intervenções.

Por causa da grande procura pelos serviços profissionais do Dr. Isaías, especialmente de pessoas vindas dos mais diversos e distantes lugares, um ramo de atividade ganhou espaço na bucólica Simplício Mendes: o setor de hospedaria. De fato, na primeira metade do século XX a cidade contava com modestos hotéis, em quantidade superior à dos municípios vizinhos. Havia o de propriedade de Luis Machado; um outro melhor estruturado, de Lourenço de Moura Fé, e outros, além de várias “rancharias” na periferia da cidade, algumas mantidas pelo próprio Dr. Isaías para abrigar as pessoas pobres.

2. Um Prefácio de Lembranças, Dagoberto Carvalho Jr., Isaías Coelho – Centenário de Um Mestre, 1991, p. 11.

Simplicio Mendes, 23 de Setembro 1957.

Querido amigo Silvio.

Quando regressou o Zélio, eu estava fora da cidade, e sendo que por ele não lhe respondi a sua carta.

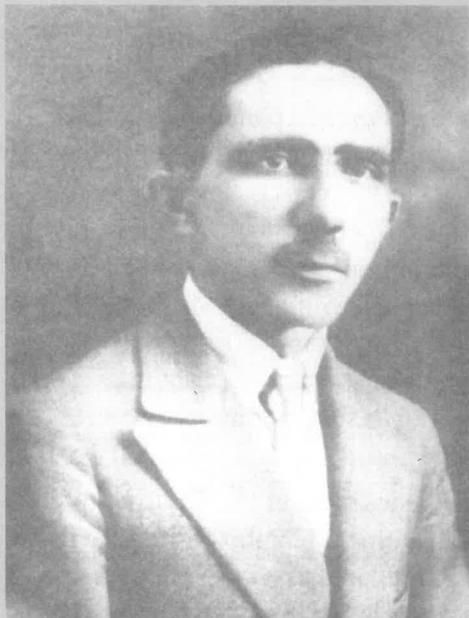
Os instantaneos vieram enaquinados. Sempre, e cada vez mais, muito obrigado! Queria ainda mercar um gabot; si ainda for possível, peço-lhe que consiga mais meia dúzia de Bexes - reserve um para si e a Franca, - outra para o Decio e Felício; os restantes, remeterá por outra media do Joaquim Mendes.

Foi mal de saúde ou de... nerros a cidade também não vai muito para que digamos; franca decadencia!

Continua o êxodo: ambos este ano se vão sair o Valtor Frasco que já adquiriu casa em Petrolina, o Homero, que talvez há poucos dias de uma demorada estadia ao sul, onde já estái ocunhado alguns e outros, quer arribar em que não proximo. Aparente do estado de saúde do Chico Felício, cada dia peor?

Trecho de uma carta escrita por Dr. Isaías, dirigida ao amigo Silvio Mendes de Oliveira, datada de 23/09/1957.

Sim. Ele também era um filantropo, um benfeitor incontentável a levar uma vida de devotamento, como disse José Atanásio, “vida de bondade, de caridade, de humanidade, (...)” em qualquer lugar onde se encontrasse, “para servir, para dar, para curar, seja em casa, no consultório, na rua, em viagem, à



Dr. Isaias Coelho, aos 39 anos (fotografia extraída do livro Família Coelho Rodrigues - Passado e Presente, de Abimaél Clementino Ferreira de Carvalho)



O farmacêutico José de Moura Fé (Dr. Deca), seu opositor político, a quem Dr. Isaias costumava confiar a manipulação de remédios.

*soalheira ardente dos caminhos ou sob os ranchos sujos das estradas, sempre o mesmo homem, a mesma caridade, o mesmo médico”.*³

Era um homem respeitado e amado. Amado pelo povo carente e respeitado, sobretudo, pelos políticos, mesmo os adversários e governantes estaduais. Tinha prestígio junto ao governo estadual. O Interventor Federal no Estado, Dr. Leônidas de Castro Melo, além de seu colega médico, era seu amigo e admirador e o respeitava como profissional e como político.

3. Trecho do discurso pronunciado por José Atanásio, no dia 27 de dezembro de 1953, por ocasião das comemorações pelo transcurso do 40º aniversário de formatura do Dr. Isaias Coelho.

Dr. Isaías atuava nos bastidores da política municipal com razoável discrição. Entretanto, por mais discreta a sua militância, seu papel nas decisões políticas e sua influência nas eleições municipais eram preponderantes e dominaram o cenário do poder municipal em quase três décadas que sucederam à recuperação da autonomia político-administrativa do município de Simplício Mendes, ocorrida em 4 de setembro de 1933. Antes desse período o seu poder político sempre se fez presente, bastando registrar aqui que algumas seções eleitorais eram sediadas no interior de sua própria residência.

Seus correligionários não tomavam nenhuma decisão sem antes obterem sua aprovação. Nunca quis ser candidato a prefeito, preferindo eleger seu sobrinho Homero Coelho Ferreira em duas oportunidades (1950 e 1958) e ajudar a eleger o prefeito Arnaldo Ferreira de Carvalho nas eleições de 1948 e 1954. Certamente se egeria toda vez que o desejasse, mas a vaidade não o atingia para desejar o exercício de funções públicas. Preferia a causa da medicina, em que se sublimava numa “vida de devotamento”, de sanar a dor e curar enfermos. Isso lhe rendia a admiração e o respeito do povo e, em consequência, prestígio e poder político.

Registre-se, no entanto, o cargo de intendente que exerceu num curto período da década de 1920. Nessa condição, representou o governo estadual na transferência para o Estado do açude Poços, executado pelo governo federal, através da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas - IFOCS. Outro cargo público que exerceu foi o de chefe do Posto de Higiene de Simplício Mendes, mas este era um cargo técnico que ele exercia com dedicação como profissional do serviço público.

Querido e respeitado por todos, Dr. Isaías tinha maior aproximação com os partidários do PSD, partido no qual militavam seus amigos mais próximos, que sempre contavam com seu apoio discreto nas lides políticas.

Tornou-se uma espécie de conselheiro e como tal indicou o seu sobrinho Homero Coelho Ferreira para concorrer ao cargo

de prefeito municipal de Simplício Mendes, pela primeira vez, nas eleições de 1950.

A candidatura de Homero foi para evitar um previsível racha no PSD, naquela ocasião prestes a lançar um candidato por imposição de uma ala, que não tinha o aval do prefeito Arnaldo e de próceres daquele Partido.

Instado a ser o candidato de conciliação, Dr. Isaías não aceitou sê-lo. Preferiu lançar o sobrinho, embora houvesse dito que naquela eleição não iria manifestar-se.

Apesar do apoio ostensivo à candidatura do sobrinho e afilhado político, e de seu largo prestígio, Dr. Isaías quase não elegeu Homero, que derrotou seu opositor, farmacêutico José de Moura Fé, o Dr. Deca, com uma maioria de apenas 23 votos.

Essa disputa apertada entre Homero e o chefe local da UDN foi um teste que também mostrou o razoável prestígio popular de Dr. Deca, adversário político do médico.

Dr. Deca era farmacêutico químico formado em Salvador pela Faculdade de Farmácia da Bahia. Ao se formar em 1911, voltou para Simplício Mendes, onde montou uma farmácia e um laboratório químico. Manipulava vários produtos químicos, transformando-os em remédios de larga aceitação, rotulados com a marca “Moura Fé”, que ganharam fama até em outros Estados. Entre os remédios manipulados destacam-se: Pasta Dental, Licor Quinado, Regulador para mulher, Pílulas para impaludismo e outros. Em suas receitas passadas aos clientes, Dr. Isaías freqüentemente se utilizava dessa farmacopéia dos produtos “Moura Fé” ou indicava a fórmula de alguma droga para a manipulação sempre acertada do farmacêutico.

Embora adversários politicamente, Dr. Isaías e Dr. Deca mantinham um relacionamento de amizade e respeito mútuo na vida particular e profissional. O farmacêutico seguia à risca no preparo dos produtos químicos e remédios prescritos nas receitas aviadas pelo médico. Ambos trocavam idéias constantemente sobre a manipulação de novas drogas.

Pa. Dulce Moura Fé (4ans)
(Pádr. Mma) Safra 89 100

Int

Podrascorbol - pequeno

1V
São uma colher e ché
duas vezes ao dia

Int Vitascorbol 1V.
(amp)

São duas por dia.

L. Lawrence

31/vi/950

Supende

LIDERANÇA INCONTESTÁVEL

■ Prestígio e poder

■ O médico e o cidadão

Como já referido, a atuação discreta do Dr. Isaías na política municipal teve importância fundamental nas vitórias de Arnaldo Carvalho (1948 e 1954) e de Homero Coelho (1950 e 1958). Graças à sua participação na política de Simplício Mendes e à sua fama como médico, Dr. Isaías tinha razoável poder de mando e largo prestígio político junto ao governo estadual.

Todos os políticos do Estado, em passagem por Simplício Mendes, faziam questão de visitá-lo. O governador/interventor Leônidas de Castro Melo fez amizade com Dr. Isaías, por quem tinha admiração e respeito, oferecendo-lhe, sempre que preciso, prestígio e poder.

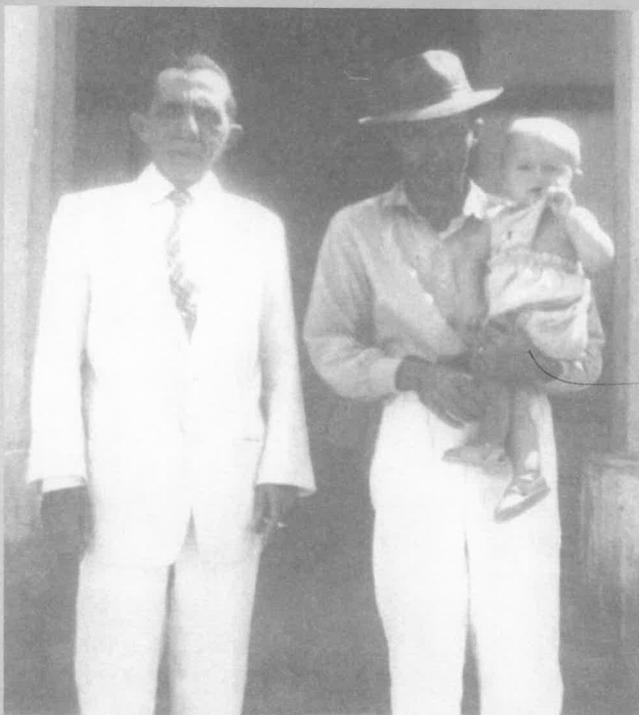
Numa ocasião esse prestígio foi posto à prova por um certo tenente Mazza, que assumiu o comando da delegacia local nos anos obscuros da ditadura do “Estado Novo” do presidente Getúlio Vargas. Esse delegado, “*conhecido pelo seu temperamento irracional, verdadeiro terror para aquele povo pacato e ordeiro*”, como o definiu Sílvio Mendes de Oliveira, no livro “Revivendo Meus Caminhos e Outras Notas”, instituiu na



Dr. Isaias Coelho, aos 67 anos, ao lado da Igreja
Matriz de Simplicio Mendes.

cidade um clima de medo e de revolta pelas ordens e contra-ordens demandadas de sua pena através de portarias e outros expedientes.

Vivia o delegado tenente Mazza praticando abuso de poder sem mais da conta. Proibiu, certa vez, o trânsito pelas ruas da cidade das vacas leiteiras de Dr. Isaias e das pertencentes a Silvino Amorim. Vacas mansas, que não ofereciam nenhum perigo para os habitantes, passaram a contornar a cidade quando



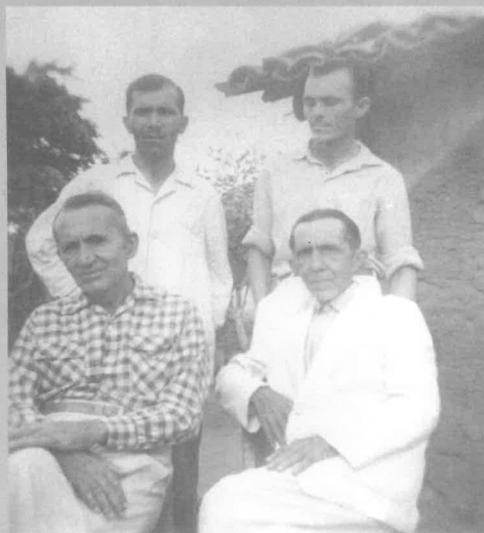
Dr. Isaías Coelho ao lado do seu sobrinho Homero Coelho (este com seu filho Isaías ao colo).



Os sobrinhos: o ex-prefeito Homero Coelho Ferreira e esposa, Anísia Marques Coelho.



Em férias no Balneário do Cipó (Bahia)
(Gentileza Maria do Socorro Coelho Durão)



Sentados, da esquerda para direita: Cincinato Coelho e Dr. Isaías. Em pé, da esquerda para direita: os sobrinhos Ney Marques e Ernestino Marques.
(Gentileza Maria do Socorro Coelho Durão)

retornavam da roça do Paracatuá e do Tanque Grande em direção aos currais, onde se faziam a ordenha, e vice-versa, aumentando o percurso significativamente.

Outro ato de exorbitância de poder do autoritário delegado foi a proibição de apresentação do Pastoril, comandado por Dona Dezinha Amorim. Essa senhora, esposa do fazendeiro Silvino Amorim, desenvolvia intenso trabalho de atividades culturais e religiosas na cidade.

O Pastoril era uma espécie de reisado, composto por moças da sociedade, as chamadas “pastorinhas” e a “cigana”. Apresentava-se em residências de famílias previamente acertadas com a finalidade de angariar dinheiro para as obras sociais da Igreja. As apresentações tinham início no Natal e se estendiam até o dia 6 de janeiro.

No ano da chegada do novo delegado, Dona Dezinha foi surpreendida no segundo dia de apresentação do Pastoril com o recebimento de um ofício do tenente Mazza, proibindo-a de representar o auto das pastorinhas. Alegava o delegado que ela não lhe solicitara a devida “licença”.

Dona Dezinha ficou profundamente aborrecida e não quis saber de conversa com o tenente. Procurou primeiro o prefeito, seu sobrinho José Severiano da Costa Andrade, para encontrar uma solução. Mas Costa Andrade não resolveu o problema porque, segundo alegou, o delegado fora nomeado à sua revelia por ato do interventor a serviço de uma ditadura em pleno vigor.

O caso chegou ao conhecimento de Dr. Isaías, que procurou imediatamente Dona Dezinha. Certificando-se que esta desejaria continuar com a apresentação do auto das pastorinhas, sem ter que ir pedir “licença” ao delegado, o médico prometeu-lhe a garantia necessária. Para isso, tomou algumas providências: recrutou alguns amigos da cidade e do interior; telegrafou ao interventor Leônidas Melo, a quem comunicou os fatos e pediu a imediata transferência do tenente Mazza.

O próprio Dr. Isaías, juntamente com os amigos, acompanhou e garantiu a apresentação do drama. Segundo Sílvio Mendes de Oliveira, no seu livro citado, *“À noite, o Pastoril saiu acompanhado pela torcida habitual e por pessoas que, não sendo torcedores de nenhum dos partidos, usavam paletó abotoado, deixando transparecer na cintura algo que não era apenas o cinto”*. Felizmente o delegado usou de bom senso e não ousou impedir a realização do drama.

Dois dias depois, Leônidas Melo telegrafou para o Dr. Isaías informando-o que havia autorizado a volta imediata do tenente Mazza para Teresina.

A partida do tenente para Teresina foi comemorada pelo povo da cidade, inclusive com foguetes, apesar da recomendação do Dr. Isaías para evitar comemorações provocativas.



Constantino Cronemberger auxiliava Dr. Isaías em cirurgias, partos e curativos, nas décadas de 1940 e 1950.



José Atanásio de Santana, amigo, confidente e conselheiro nas lides literárias

Era um médico humano, sobretudo. Não cobrava receita das pessoas mais pobres e, muitas vezes, ainda doava os remédios. Mantinha “rancharias”, isto é, casas para hospedagens dos doentes forasteiros pobres, abastecendo-as com lenha, água, querosene para os candeeiros e, não raro, gêneros alimentícios.

Por mais generoso e grande o coração, a essa “vida de devotamento”, de caridade e de bondade, intercalavam-se momentos de irritação em que seus nervos se eclodiam nos famosos calundus. Nada mais natural para o ser humano, médico, muitas vezes cansado pelas exaustivas solicitações de sua presença e de seus serviços profissionais, que, de quando em vez, precisando de repouso, ter de suportar insinuações, suposições e a impaciência do leigo.

Não obstante, quando Dr. Isaías se retraía em sua residência depois de uma eclosão de nervos e a bronca severa ao paciente incauto, ninguém ousava importuná-lo. Entrementes, fumando um e outro cigarro, pois era fumante inveterado, pouco voltava à normalidade e, arrependido, ia atrás daquele que sofrera seus impropérios para pedir-lhe desculpas e atendê-lo com presteza.

Fazia cirurgias no próprio consultório. Nessas ocasiões, exercia ao mesmo tempo as funções de cirurgião e enfermeiro. Quase sempre, ele mesmo aplicava injeções, cuidava dos curativos e acompanhava o tratamento e a evolução da saúde do paciente.

Sua especialidade era clínica médica, mas naquele sertão perdido e carente era um esculápio polivalente: clínico, cirurgião, ginecologista, obstetra, enfermeiro, etc.

Já famoso e calejado de experiência, Dr. Isaías passou a contar com a ajuda inestimável de um jovem farmacêutico prático: Constantino Cronemberger, valoroso auxiliar e eminente discípulo do grande médico.

Fazia partos com destreza. Certa feita o Dr. José Expedito Rêgo assistiu a um parto feito por Dr. Isaías. *“Era uma extração a ‘fórceps’. Ele manejava aquele instrumento, cuja simples visão causa arrepios na espinha dorsal dos leigos, com a perícia dos mestres, com a mesma facilidade com que se pode mover as peças de um jogo infantil. A diferença é que aquilo não era um jogo infantil. Quem olhasse para a fisionomia do grande médico, naquele instante, veria nela estampada a tensão emocional dos grandes momentos”*.⁴

Muitos eram seus amigos, mas poucos gozavam de sua intimidade, até porque, Dr. Isaías quase sempre se retraía nas horas de folga para se deleitar em leituras de livros e revistas especializadas ou montava em seu cavalo e viajava para a fazenda Tanque para cuidar do gado.

O professor José Atanásio de Santana era um dos raros amigos íntimos. Por isso foi escolhido para saudar o médico amigo, em nome do povo de Simplício Mendes, por ocasião das comemorações alusivas ao quadragésimo aniversário de sua

4. Trecho de discurso do Dr. José Expedito Rêgo, pronunciado por ocasião da inauguração da Praça Isaías Coelho, em 09/07/1964, em Simplício Mendes. In. Isaías Coelho – Centenário de Um Mestre – 1991.

formatura, transcorrido no dia 27 de dezembro de 1953. A solenidade que marcou a festa em sua homenagem foi presidida pelo Bispo Diocesano Dom Expedito Lopes, e contou com a presença do primo e amigo Vitalino Coelho. (Leia o discurso do Prof. José Atanásio e outros no capítulo “Discursos e Outros Escritos”).

Sempre que possível, participava à noite da rodada de bate-papo na calçada da casa de Benedito de Sousa Reis, o Dito Reis. Dessas palestras participavam os correligionários e amigos Arnaldo Carvalho, Homero Coelho, Pio de Sousa Mendes, Elias Fialho, José Atanásio e outros.

Não lhe escapava nada nos seus cuidados na administração da casa e das rancharias: uma ordem ao aguadeiro, à copeira Mariinha e ao cozinheiro “Seu” João, enfim, como disse José Atanásio, “vendo tudo, provendo tudo naquela sua encantadora simplicidade doméstica”. (Trecho do discurso pronunciado por José Atanásio, por ocasião das comemorações pelo transcurso do 40º aniversário de formatura do Dr. Isaías Coelho).

Dr. Isaías pouco frequentava a Igreja. Às vezes se auto-intitulava de incrédulo, porém tinha um conhecimento profundo de religião. Não obstante, havia resquício de credulidade em sua formação, talvez pela sua origem do seio de uma família católica. Aliás, se Dr. Isaías era incrédulo, como ele mesmo apregoava, parece ter se convertido nos últimos anos de vida. É o que se depreende pelo seu “Discurso Mudo”, escrito por ocasião da passagem da imagem de Nossa Senhora de Fátima, que em peregrinação pelo Brasil, no ano de 1953, esteve em Oeiras e São João do Piauí, e sobrevoou os céus de Simplício Mendes. (Leia esse discurso no Capítulo específico).

O NOIVADO DESFEITO

■ Opção: medicina e celibato

O casamento do ano ou, quiçá, do século estava prestes a acontecer na pequena Simplício Mendes. O noivo, o melhor partido e o filho mais famoso da cidade, Dr. Isaías Coelho. A noiva, filha de Antônio Mendes de Carvalho, o fazendeiro mais rico do município. Os preparativos para o casamento estavam bastante adiantados. O enxoval da noiva, em boa parte, vindo de Salvador, Bahia, sendo adquirido com a antecedência necessária para que tudo ocorresse da melhor forma possível.

O imprevisível, porém, aconteceu. Certa vez, Dr. Isaías foi à fazenda do futuro sogro passar o final de semana com a noiva. Recebido regiamente pela amada, desencilhou o cavalo e entregou-o aos cuidados de um funcionário da fazenda para levá-lo à roça. E nem ao menos havia tirado as botas, chegou um portador com um chamado urgente para o médico ir à cidade atender a uma senhora em trabalho de parto, sofrendo dificuldades e complicações inerentes. Era caso de vida ou morte e a parteira não sabia mais o que fazer.

Dr. Isaías não se fez de rogado: mandou o empregado voltar imediatamente para pegar o animal. Houve uma certa incompreensão da noiva, que não o queria atendendo ao

chamado, ocorrendo ali uma discussão. Aborrecido, o médico disse para o empregado ir buscar o animal, caso contrário ele próprio iria buscá-lo.

O capataz criou coragem e foi buscar o cavalo na roça, arreando-o. O médico montou-se rapidamente no animal e retornou para a cidade, chegando a tempo de fazer o parto, salvando a mãe e o bebê.

Conta-se que Dr. Isaías enviou depois uma carta para o ex-futuro sogro, na qual lhe comunicava o fim do noivado e lhe pedia a conta das despesas já realizadas com o enxoval e com os preparativos do casamento, para fins de ressarcimento. Não houve cobrança das despesas, mas por algum tempo houve certo desconforto na convivência das duas famílias.

Algum tempo depois a ex-noiva casou-se com outro. No seu primeiro parto foi socorrida por Dr. Isaías Coelho, chamado às pressas por um amigo comum. Ao chegar à casa da ex, o médico foi conduzido ao quarto da parturiente, salvando-a e também à criança. Com a missão cumprida, saiu sem cumprimentar ninguém, como procedera ao chegar. Solicitado a apresentar a conta, nada cobrou.

O noivado desfeito foi um duro golpe para a noiva e sua família. Para Dr. Isaías, foi uma experiência que não se repetiu.

Nunca mais se soube de algum interesse seu por outra mulher. No final de sua vida veio a se queixar para amigos que, às vezes, tinha arrependimento por não ter se casado para deixar descendentes, sangue de seu sangue.

Cultura e
CULTURA E SAPIÊNCIA
Sapiência
O literato e o cientista

No “Livro do 1º Congresso da Associação Piauiense de Imprensa”, (Tipografia Popular, Teresina, 1934), que traz o resumo geral das atividades desenvolvidas naquele evento, ocorrido nos dias 23 a 28 de julho de 1933, consta a relação dos sócios da dita Associação. À página 16 vê-se o nome do sócio Isaías Rodrigues Coelho, único representante da cidade de Simplício Mendes. Outro filho desse município, José Severiano da Costa Andrade, consta também da relação dos sócios, porém como um dos representantes de Teresina, onde então era domiciliado.

Por aí fica-se sabendo da incursão do Dr. Isaías no jornalismo. Suas atividades nesse setor foram aquém de sua capacidade, pois a distância de Simplício Mendes para a capital e as dificuldades nas comunicações daquela época eram empecilhos quase intransponíveis.

Não tendo participado ativamente das atividades jornalísticas, como o fez Costa Andrade, ressalta-se, entretanto, o aspecto intelectual na obra de Isaías Coelho. A esse respeito, Dagoberto Carvalho Jr. escreveu, em “Um Prefácio de Lembranças”, in **Centenário de Um Mestre**, 1991, p. 11; Co-Edição das Prefeituras Municipais de Simplício Mendes e de Isaías

CARLOS ANTONIO CORDEIRO

Consultor Criminal

ACERCA

DE TODAS AS AÇÕES SEQUITAS NO FORO CRIMINAL

QUINTA EDIÇÃO

COMPLETAMENTE REFUNDIDA DE ACCORDO COM A LEGISLAÇÃO
PROMULGADA DEPOIS DE 15 DE NOVEMBRO DE 1889,
CONTENDO AINDA OS FORMULARIOS DOS PROCESSOS CRIMES
INTENTADOS PERANTE A JUSTIÇA LOCAL
DO DISTRITO FEDERAL E BEM ASSIM OS FORMULARIOS
DES HABEAS CORPUS PROCESSADOS
NO JUIZO LOCAL E NO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

POR

OSCAR DE MACEDO SOARES

Advogado.



H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR.

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

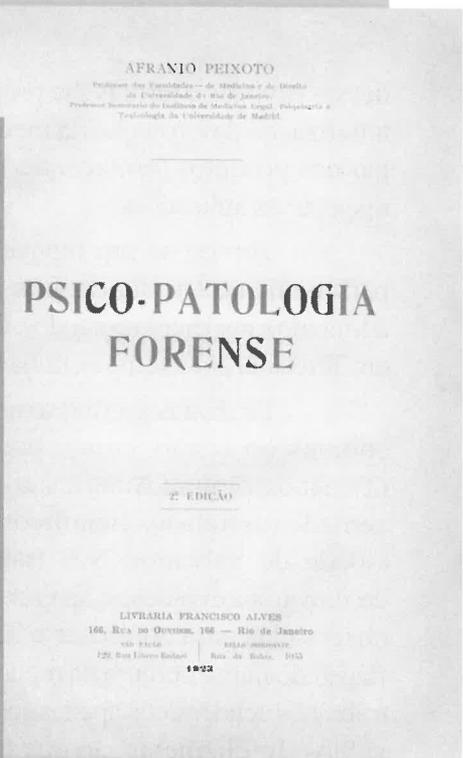
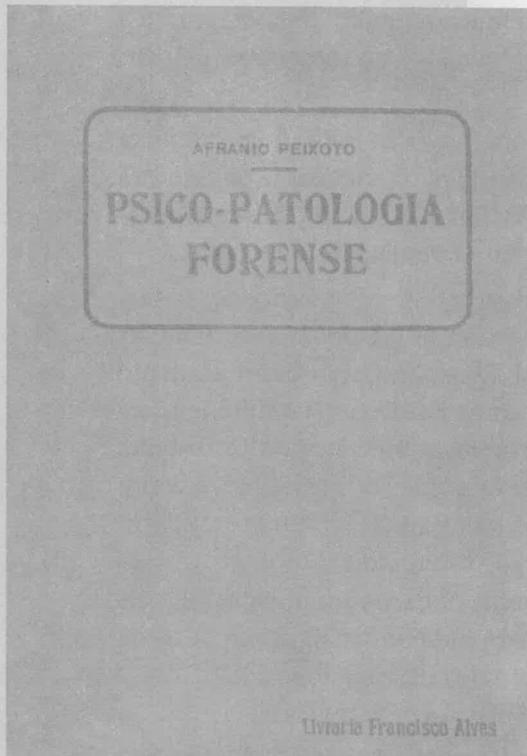
6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

Consultor Criminal

Interesse também pelo Direito: o livro "Consultor Criminal", exemplar datado de 1918, do acervo bibliotecário do Dr. Isaías. (gentileza da Sra. Irene Coelho Machado)

Coelho e do Instituto Histórico de Oeiras: "*Foi um escritor de largos recursos literários. Escreveu belas páginas no melhor vernáculo. Dominava, além do português, o latim. Conhecia bem o francês, o alemão e o espanhol, condição que o diferenciava mesmo a nível de Estado e lhe permitia a leitura dos clássicos no original*".

Dentre os muitos escritos deixados por ele, apenas três primorosos discursos, além de uma ou outra anotação, escaparam



Gosto pela Medicina Legal: o livro "Psico-Patologia Forense", datado de 1923, de autoria de Afranio Peixoto, também fazia parte do seu acervo. (gentileza da Sra. Irene Coelho Machado)

da destruição levada a cabo, logo após a sua morte, pela insensatez de pessoas que atearam fogo em vários de seus pertences importantes, papéis e revistas inclusive. Os referidos discursos, transcritos em Capítulo à parte deste livro, são obras-primas de uma inteligência privilegiada e mostram a vasta cultura do Dr. Isaías, um mestre também na arte literária.

Dr. Isaías recebia regularmente revistas científicas, americanas e francesas, especializadas na área médica. A leitura

dessas revistas e jornais lhe proporcionava o acompanhamento e atualização da evolução da medicina no mundo. Estava sempre a par dos produtos farmacêuticos lançados no mercado e de suas respectivas aplicações.

Tornou-se um repositório vivo de saber, um cientista perfeitamente em dia com os avanços da ciência. Por isso era admirado e respeitado por todos. Dr. Zenon Rocha, médico renomado em Teresina, por exemplo, tinha por ele verdadeira admiração.

Dr. Isaías escreveu monografias sobre as doenças mais comuns do sertão, como, por exemplo, a doença de Chagas (Tripanossomíase Americana ou Brasileira), que resultaram em verdadeiros tratados científicos apresentados em conferências na cidade de Salvador. Nos trabalhos sobre essa enfermidade, descrevia sua evolução e apresentava sugestões importantes a serem observadas para combater o *Trypanossoma Cruzi*, protozoário flagelado muito comum na região do semi-árido nordestino. Desses trabalhos acadêmicos apenas se tem notícia na lembrança dos mais velhos. Infelizmente, ao que tudo indica, foram queimados na “fogueira” que a sanha dos incautos fez destruir, logo após a morte do médico-cientista, muitos dos seus papéis e revistas.

Sua sapiência tornava-o cientista assaz reconhecido pela comunidade médica e admirado por todos.

O Jornal do Comércio, de Teresina, em edição de 24/25 de janeiro de 1960, noticiando a morte do Dr. Isaías Coelho, assim se expressou: “Inteligente, culto e sabidamente humano, seu ‘olho clínico’ fez-se respeitado. Cientista sábio, rejeitou convites para ir trabalhar ao lado de Professores de Medicina da Bahia e São Paulo. O seu prestígio era de tal sorte preponderante, que os colegas mais novos não se sentiam diminuídos em ouvir os seus conselhos”.

HISTÓRIAS DE UMA VIDA

Rompantes e casos do dia-a-dia

■ Curas Miraculosas

A roda formada para a palestra na calçada da casa de Dito Reis, após o jantar, tinha as presenças habituais dos amigos Dr. Isaías e Prof. José Atanásio, entre outros.

Foi numa dessas noites, após o costumeiro cafezinho, que Dr. Isaías Coelho saiu-se com esta: “Receitei hoje dois clientes. Um muito pobre - não lhe cobrei nada. O outro, vindo do Maranhão, bem vestido e aparentando boas posses, logo no início me aborreceu e, então, mandei-o ao inferno. Depois, arrependido, mandei chamá-lo. Receitei-o e não tive mais condições de cobrar-lhe”.



Um doente soubera da fama do Dr. Isaías por um conterrâneo que chegou em sua região afirmando: “Fui ao inferno, receitei com o diabo e estou completamente curado”.

Explica-se: A longa distância e as dificuldades das estradas tornavam uma grande penitência o caminho para se chegar a Simplício Mendes (o inferno). Numa eclosão de nervos do médico (o diabo), o cliente foi destrutado. Dr. Isaías o receitou, ministrando rigoroso tratamento, e o deixou completamente curado de terrível moléstia.



Dr. Isaías gostava de uma sesta. Como de hábito, certo dia se encontrava deitado em seu quarto, depois do almoço. À sombra da figueira, os meninos Joel e Ernestino Marques, seus sobrinhos, conversavam na calçada com o amigo Sílvio Mendes.

Chegou um cidadão bem trajado, montado num garboso cavalo, perguntando aos meninos se ali era a casa do Dr. Isaías. Recebendo a resposta afirmativa, o cavaleiro disse-lhes que precisava falar urgente com o médico.

– Dr. Isaías está deitado, descansando. Ele atenderá no consultório, logo mais, às 2:00 horas da tarde. Respondeu o sobrinho Ernestino.

Diante da insistência do forasteiro, que se dizia com pressa para voltar, Dr. Isaías levantou-se, abriu a porta, e foi logo dizendo para o estranho:

– Moço, nestas horas até os veados estão descansando em alguma sombra nas chapadas. O senhor venha das 2 horas em diante, se quiser. Se não quiser, vá pro inferno.

O cidadão nem mesmo havia apeado do cavalo. Deu meia volta, e procurou uma pensão para se hospedar. À tarde, estava na sala de espera do consultório aguardando a vez de ser consultado.



Não raro chegavam pessoas chamando-o para um atendimento de urgência. Um negro residente no lugar Piador, a 18 Km da cidade, bateu-lhe à porta, numa madrugada fria, pedindo-lhe socorro para a sua mulher que ficara em penoso trabalho de parto. A parteira que a assistia não sabia mais o que fazer diante das complicações surgidas.

Dr. Isaías pediu ao cliente para ir buscar o cavalo na roça. Montado, seguiu viagem acompanhando os passos do rapaz para não se perder pelos caminhos. Chegando à casa da parturiente, e

vendo o deplorável estado de miséria daquela família, o médico foi tomado de sincera compaixão: Mandou o rapaz voltar à cidade com um bilhete para a sobrinha Anísia, casada com o também sobrinho Homero Coelho, prefeito da cidade. Pedia-lhe que mandasse pelo portador uns lençóis e umas pesadas de arroz, feijão, farinha, açúcar e café.

Quando o rapaz retornou, trazendo as mercadorias, encontrou o Dr. Isaías no terreiro, com o indefectível cigarro, apreciando o sol nascer. A criança nascida nos braços da mãe, ambas passando bem.

Passado o café, o médico saboreou-o numa xícara sem asa e retornou à cidade em seu cavalo marchador. Encontrando o consultório repleto de pacientes, atendeu a todos naquele dia, mesmo cansado da viagem.

Além de ofertar ao pobre lavrador os lençóis e alimentos, Dr. Isaías não lhe cobrou um centavo pelos serviços prestados.



Uma professora de São Luis (MA) foi acometida de grave mal nos membros inferiores. Perdera completamente a capacidade de locomoção. Depois de se consultar com os médicos da capital maranhense, a moça veio tentar a sorte no Piauí.

Chegou a Floriano e consultou-se com um médico de nomeada, Dr. Sebastião Martins, que a examinou minuciosamente, mas, infelizmente, não lhe foi possível curá-la. Dr. Sebastião indicou o Dr. Isaías Coelho, em Simplício Mendes, a quem a professora devia procurar.

Viajou na cabine de um caminhão, que fazia a linha Petrolina – Floriano – Petrolina, passando por Simplício Mendes, aonde chegou chorando e sentindo fortes dores e as forças alquebradas. Na cidade, o caminhão que a transportara parou defronte à pensão de Moreira Rosado. Este ajudou o motorista a descer a doente da cabine e a carregá-la nos braços até a calçada.

Informada pelo dono da pensão que o Dr. Isaías estava de saída para a Bahia, numa viagem demorada, a enferma começou a chorar, dizendo-se ser uma pessoa de pouca sorte.

Moreira Rosado ofereceu-lhe os préstimos e foi imediatamente à casa do médico. Deu-lhe ciência da situação da doente e pediu-lhe para examiná-la.

Com o cavalo encilhado e já com as botas e esporas, Dr. Isaías foi à pensão examinar a professora que viera de tão longe com a esperança de encontrar a cura para aquela enfermidade terrível que lhe impedia de caminhar.

Prescreveu injeções de uma droga, cuja fórmula descreveu na receita. Mandou a doente procurar o farmacêutico para este preparar e aplicar as injeções de acordo com o procedimento receitado. E completou: *“Ao tomar a sexta injeção você estará saindo do quarto, sozinha ou, quando muito, com uma pequena ajuda. Quando eu voltar, dentro de quinze dias, quero vê-la caminhando para o consultório a fim de continuarmos o tratamento”*.⁵

Assim foi feito e de fato aconteceu. A cada dia a professora sentia-se melhor. Com a sexta injeção, realmente começou a caminhar, para espanto de todos.

Ao retornar, Dr. Isaías examinou a moça, constatando a boa evolução do tratamento e, depois de alguns dias, deu-lhe alta completamente curada.

A professora ficou muito feliz e agradecida. Ao regressar para a sua São Luis, disse que iria alardear o milagre alcançado graças a um médico dos cafundós do Piauí. Todos os anos, no aniversário do Dr. Isaías, ela o presenteava, enviando-lhe de São Luis os mais valiosos presentes, como uma linda caneta Parker, dourada, envolvida em belo estojo.

5. in Revivendo Meus Caminhos e Outras Notas, p. 145, Oliveira, Silvio Mendes.



Dona Chiquinha, irmã de Joaquim Mendes, morava na fazenda Pitombeira. De repente escureceu-lhe a visão, ficando completamente cega. Consultou-se com o Dr. Isaías, que a encaminhou ao dentista Jonas Moura com a recomendação para extrair-lhe todos os dentes, suspeitando-os infeccionados. Como ele havia previsto, dona Chiquinha voltou a enxergar normalmente após a extração dos dentes.

Possivelmente, nem todos os dentes estavam infeccionados. Não havendo raios-X, o jeito foi extrair todos. Mas como o doutor sabia que os dentes de dona Chiquinha, infeccionados, provocara súbita cegueira?



Dona Belinha, abnegada esposa de Joaquim Mendes, estava grávida do oitavo filho. A parteira que a assistia, habituada ao sucesso dos partos anteriores, tardiamente deu-se conta das complicações surgidas e pediu a Joaquim Mendes para chamar Dr. Isaías, que estava viajando para Oeiras.

Pelo telégrafo, Joaquim Mendes conseguiu se comunicar com o médico. Este o mandou anotar o nome de uma injeção e pedir ao Dr. Deca para aplicá-la. Mas o farmacêutico se negou a fazê-lo, alegando falta de receita médica com a devida prescrição. Diante deste fato, Joaquim Mendes retornou ao telégrafo, porém ficou sabendo que o Dr. Isaías já havia partido para a fazenda Tanque, de sua propriedade e de seu irmão Cincinato.

Foi, então, despachado positivo em cavalo de boa montaria àquela propriedade, com a finalidade de obter a receita requisitada pelo dono da farmácia, a fim de que fosse possível salvar dona Belinha e a criança.

Ao receber o bilhete de Joaquim Mendes, Dr. Isaías disse não ser possível viajar para a cidade naquele momento, pois chegara adoentado de Oeiras. Entretanto, mandou a receita assinada como

desencargo de consciência, dizendo com segurança para o portador: “Não vai ser preciso. Quando você chegar lá, Belinha estará de menino novo”.

Realmente, com a ajuda de promessas e mais promessas, nasceu saudável o filho de Joaquim Mendes de Oliveira e de Isabel Elisa de Oliveira (dona Belinha), que recebeu na pia batismal, atendendo promessa de uma amiga do casal, o nome de um santo: Francisco do Bonfim Mendes de Oliveira, hoje bancário aposentado.



Um cidadão chegou de Canto do Buriti sofrendo de terrível e permanente dor de cabeça, gritando e gemendo desesperado. Viajara deitado numa rede, conduzido por vários homens revezando-se.

Embora não se verificasse qualquer indicação externa, exceto uma marca sobre o couro cabeludo que teria sido resultado de um coice de animal que o rapaz sofrera na infância, e desprovido dos modernos aparelhos atuais, Dr. Isaías diagnosticou um coágulo sanguíneo comprimindo o encéfalo contra a caixa craniana, provocando assim uma dor cada vez mais insuportável. Não havia outro jeito senão extraí-lo. Autorizado pelo cliente e família, o médico fez meticulosa punção utilizando-se de uma espécie de pua para retirada de enorme quantidade de sangue coagulado, aliviando o paciente daquela terrível dor encefálica.

Como Dr. Isaías ousara tamanho risco, num ambiente desfavorável e sem os recursos necessários? A anestesia era uma máscara colocada no nariz do paciente sobre a qual se gotejava éter; os instrumentos eram toscos comparados aos aparelhos modernos da atualidade. E então, o que levava aquele esculápio do sertão a diagnosticar doenças com precisão e a praticar cirurgias com habilidade incrível? Diziam que as lentes de seus óculos eram seu raios-X e que tinha poderes mediúnicos. Verdade ou não, o Dr.

Isaías foi, reconhecidamente, até pelos seus colegas, um dos maiores médicos piauienses de todos os tempos.



Dona Cristina Madeira, esposa do farmacêutico Dr. Deca, iniciou rigoroso tratamento com o Dr. Isaías Coelho. Depois de algum tempo, sem que a cliente melhorasse, o médico disse para Dr. Deca que o caso era de cirurgia, mas não tinha como fazê-la em Simplício Mendes. Disse-lhe ainda para levá-la a Salvador, onde deveria procurar o Dr. Fernando São Paulo, especialista de nomeada e proprietário de uma clínica famosa.

Dr. Isaías descreveu num papel a enfermidade e os procedimentos cirúrgicos necessários, indicando um livro da literatura médica francesa onde o caso era detalhado. Entregando o papel com essas anotações num envelope, recomendou ao farmacêutico:

– Somente entregue este envelope se o Dr. Fernando não diagnosticar a doença ou tiver dificuldade em realizar a cirurgia.

Assim foi feito. Em Salvador, Dr. Deca levou sua esposa à famosa clínica do Dr. São Paulo. Ali ela foi examinada por Dr. Fernando e outros especialistas, mas todos se sentiam impotentes para solucionar o caso. Diante disso, o envelope contendo o diagnóstico e a indicação do livro relatando os procedimentos operatórios foi entregue aos médicos baianos. Estes foram tomados de espanto ao constatar no livro francês de literatura médica a real descrição e igual relato como escrevera o Dr. Isaías.

A operação foi realizada com sucesso e da forma recomendada. Dona Cristina sobreviveu a muitos anos após esse tratamento.



O casal Homero Coelho e Anísia, no início da vida conjugal, residia com o tio médico, fazendo-lhe companhia. No

primeiro parto de Anísia, tendo a criança nascido normalmente, adveio-lhe uma brutal hemorragia interna. Pedindo socorro ao tio, ela já sentia escurecer-lhe a visão.

Diante desse quadro obscuro, Dr. Isaías mandou chamar o estudante de medicina Anchieta Santana, que passava férias escolares em casa. Sabendo compatível o tipo de sangue do acadêmico médico com o de sua sobrinha, Dr. Isaías fez espetacularmente breve transfusão de sangue, diretamente do braço do jovem Anchieta para o de Anísia, salvando-lhe a vida.



Um rapaz estava de casamento marcado e foi acometido de doença estranha. Preocupado, na dúvida se estaria bom no dia do casamento, foi receitar-se com o Dr. Isaías. Este o tranqüilizou, porém receitando um remédio indisponível em Simplício Mendes. Disse-lhe para comprá-lo em Recife ou Salvador.

O noivo encomendou o remédio ao comerciante Toinho Araújo, numa de suas habituais viagens para compras em Recife. Na capital pernambucana, Toinho procurou a encomenda numa das mais tradicionais farmácias. O farmacêutico disse-lhe que estava esperando chegar no dia seguinte um lote vindo dos Estados Unidos, onde o produto havia sido lançado recentemente.

No outro dia o comerciante voltou à farmácia e fez a compra conforme a receita. Toinho Araújo foi testemunha da admiração do farmacêutico ao constatar que um médico do sertão do Piauí estava perfeitamente atualizado com as novidades da área médica produzidas no mundo. Não sabia ele que a despeito do tirocínio de médico competente, Dr. Isaías vivia em dia com o mundo da medicina, em boa parte, pelas leituras de revistas científicas estrangeiras recebidas regularmente. Leituras muitas vezes realizadas até altas horas da noite, à luz de lampião a querosene.

O noivo passou a tomar o remédio conforme a prescrição. Ficou completamente curado, a tempo de se casar sem mais preocupações.



Uma moça da cidade de Barra, na Bahia, contraiu câncer no seio. Filha única, seu pai levou-a para Juazeiro (BA) em busca de recursos médicos, mas foi informado que ali não tinha jeito. Talvez pudesse salvá-la em Salvador.

Sem dinheiro suficiente para ir à capital baiana, o pai da moça lastimava-se diante de um comerciante. Este lhe falou de um médico famoso do interior do Piauí.

Na oportunidade, chegou o Sr. Saló Carvalho, de São João do Piauí, também conhecido do comerciante, que lhe disse ser verdade as informações sobre o famoso médico: Chamava-se Isaías Coelho e residia em Simplício Mendes, situada próximo à sua cidade.

Pai e filha decidiram fazer a viagem via Remanso, São Raimundo Nonato e São João do Piauí, até alcançar Simplício Mendes depois de alguns dias.

Procurando o doutor, o velho pediu-lhe que consultasse sua filha e um lugar para se arrancharem, pois o dinheiro estava escasso para pagar pensão. Dr. Isaías entregou-lhe a chave de uma das casas que mantinha para esse fim, provendo-a de lenha, água e víveres. Mandou que fossem procurá-lo mais tarde no consultório.

Após a consulta, foi marcada a data da cirurgia para a extração de um seio, o que aconteceu no dia previsto com sucesso absoluto. Para acompanhar o restabelecimento, Dr. Isaías recomendou a permanência na cidade por uns três meses, tempo suficiente para a cicatrização. Todos os dias a moça ia ao consultório fazer o curativo.

Durante a permanência na cidade, o velho conseguiu trabalhar numa oficina, como ferreiro, o que lhe rendia o suficiente para se manter e ainda fazer alguma economia.

Quando o médico julgou a moça curada e sem risco, liberou-a para viagem de volta. O pai ficou muito grato e perguntou ao doutor quanto devia, pois tinha conseguido economizar algum dinheiro, e completou: “tenho aqui alguma coisa para dar por conta e o resto eu mando de minha cidade tão logo o consiga.”

Diante da insistência do pai agradecido, Dr. Isaías cobrou-lhe a quantia de quinhentos mil réis. O velho quis pagar o triplo, ou seja, um conto e quinhentos mil réis, pois desejava remunerar bem aquele que salvara a sua filha. O doutor aceitou apenas o cobrado inicialmente, dizendo-lhe que o restante era para as despesas da viagem de volta.



Sempre que podia, Dr. Isaías ia para Salvador, onde se inteirava das novidades da área médica e adquiria livros e revistas. Numa dessas viagens aproveitou para se consultar com um especialista sobre um problema surgido no seu nariz. Pagou a consulta à recepcionista e ficou aguardando a sua vez.

Na sala de espera havia também um senhor para ser atendido. Ao observá-lo atentamente, Dr. Isaías percebeu que aquele cidadão tinha algo anormal na parte externa do nariz. Entabulando conversa, soube que o cliente estava ali para marcar a data da cirurgia. Dr. Isaías disse-lhe que o caso não era de operação, mas bastaria um tratamento de tal e tal forma. Acrescentou ainda que a cirurgia seria um risco desnecessário.

Ao ser autorizado a entrar no consultório, o cidadão disse ao médico o que ouvira de outro cliente que aguardava a vez na ante-sala. Surpreso, o especialista-cirurgião quis conhecê-lo, autorizando-o a adentrar à sua sala.

Dr. Isaías foi recebido com certa descompostura por estar emitindo opiniões não solicitadas. Não deu a farinha por menos, entretanto: Apresentou-se como médico e explicou em detalhe o tratamento que poderia ser feito para o problema no nariz daquele senhor, sem a necessidade de cirurgia. Sem disfarçar a admiração, o médico, então, perguntou-lhe o que ele estava fazendo ali. Dr. Isaías disse-lhe que estava esperando a vez para uma consulta, a qual já havia pago. O especialista mandou a atendente devolver-lhe o dinheiro e ainda o agradeceu pela lição recebida.

O tratamento foi prescrito tal e qual fora indicado pelo “esculápio do sertão”. O cliente ficou satisfeito e agradecido por ter escapado de uma cirurgia com eficácia duvidosa.



Em depoimento a este autor, José Cronemberger disse que certa ocasião, quando residia em São Raimundo Nonato, ficou mouco e sentindo os ouvidos como se estivessem completamente “tapados”.

– Era um incômodo danado, acrescentou.

Foi receitar-se com o médico otorrinolaringologista Dr. Abílio Costa, residente naquela cidade. Depois de examiná-lo, Dr. Abílio não quis arriscar tratamento, aconselhando-o a consultar-se com um especialista num centro mais avançado, indicando Salvador ou Petrolina.

Mas José Cronemberger preferiu ir para Simplício Mendes consultar-se com o Dr. Isaías Coelho. Este o examinou e entregou-lhe uma receita com a fórmula de uma solução que deveria ser feita na farmácia por Constantino Cronemberger. O remédio foi feito e ele voltou ao consultório.

– Dr. Isaías injetou a solução nos meus ouvidos. Saíram os “tufos” de cera e outras coisas mais... Foi um alívio só. Garantiu-me José Cronemberger, com precisa memória.



Teresinha Araújo levou um dos seus sobrinhos, filho de sua irmã Hilda Araújo e de Nelson de Moura Fé, para se consultar com o Dr. Isaías.

Política que só ela mesma, começou a “politicar” com o Doutor, seu adversário. No confronto das opiniões e cada qual defendendo seu lado, houve uma discussão acirrada. O médico irritou-se e disparou uns de seus rompantes:

– Vá receitar esse menino no inferno, que lá também tem médicos.

Teresinha não se fez de rogada:

– Tudo bem. Não quero mais saber do senhor.

Arrependido, Dr. Isaías tornou com mansidão e ternura:

– Largue de ser tonta! Traga o menino, eu vou atendê-lo.



A escritora simplício-mendense Rita de Cássia Amorim Andrade, quando adolescente em Teresina, foi acometida de fortes dores na coluna vertebral, cuja curvatura ficou muito acentuada. Apesar de já estar morando na capital, onde a medicina era mais evoluída, sua mãe expôs pelo telégrafo a situação da filha para o Dr. Isaías. Este receitou um remédio e orientou-a no sentido de fazer a garota dormir deitada numa tábua reta, uma vez que não havia no tempo a cama ortopédica. Rita ficou completamente boa e nunca mais voltou a sentir o problema.

A mesma Rita Amorim ainda hoje guarda com carinho uma carta-mensagem lida na Difusora Ideal, no dia 2 de dezembro de 1952, data do seu aniversário.⁶

A mensagem era assinada por Socorro Coelho, sobrinha do Doutor e amicíssima de Rita, ambas garotas na época. Na verdade, vê-se pela letra que foi escrita por Dr. Isaías. Dele também

6. “Difusora Ideal” era um serviço de amplificadora para entretenimento da sociedade, existente em Simplício Mendes nas décadas de 1940 e 1950.

é, com certeza, a autoria, como se depreende pelo conteúdo filosófico e de poesia que encerra.



Maria Amélia Amorim, irmã da escritora Rita Amorim, guarda na memória a imagem inesquecível do Dr. Isaías. Admiradora incondicional do grande médico, para quem reza todos os dias, tornou-se sua devota fervorosa, por considerá-lo um verdadeiro santo. Diz dona Maria Amélia que, por volta do ano de 1965, ela teria que se submeter a uma delicada cirurgia. Na véspera do dia marcado, ela se “apegou” com o espírito do Dr. Isaías. Rezou com muita fé e pediu-lhe para assisti-la, acrescentando que tinha muita esperança e fé na sua cura se fosse possível a intervenção espiritual do médico. Ao ir para o leito dormir, Maria Amélia vestiu-se de branco e mais uma vez solicitou-lhe intervenção. Antes de cair no sono, e após orações e mais orações intercaladas por “conversas” com o Dr. Isaías, sentiu um alívio indescritível. Dormiu bem, acordou cedo no dia seguinte e encaminhou-se para o hospital a fim de submeter-se à cirurgia já marcada. Qual não foi a surpresa do cirurgião ao constatar, através de exames clínicos e laboratoriais, que a dona Maria Amélia já estava completamente curada! Teria havido uma cirurgia espiritual pelas mãos do Dr. Isaías, à época já falecido?



Um fazendeiro do interior de Goiás chegou em Simplício Mendes, buscando tratamento, quase sem poder respirar. Dr. Isaías verificou tratar-se de uma bolsa de líquido que forçava o deslocamento do coração para o lado direito do tórax. À medida que aumentava a quantidade de líquido, a bolsa empurrava mais ainda o coração para o outro lado.

Não se sabe como ele descobriu isso, o certo é que iniciou o tratamento no mesmo dia da chegada do fazendeiro. Usando uma

grande seringa, o médico introduziu no peito do paciente uma agulha grossa para a sucção do líquido. À medida que o líquido era retirado, a respiração melhorava e o coração voltava ao normal. Receitou medicamentos necessários e continuou o procedimento operatório nos dias seguintes.

Após alta do tratamento, o cliente procurou pagar a conta. Agradecido, foi logo dizendo para o médico: “Se o dinheiro que eu tenho aqui não for suficiente, mandarei, em breve, uma pessoa aqui especialmente para trazer o restante.” Dr. Isaías cobrou 500 mil réis. O fazendeiro achou o preço cobrado muito irrisório, tendo em vista o resultado do tratamento, e insistiu: “É pouco, Doutor, posso pagar mais”. E pagou um valor quatro vezes maior, ou seja, dois contos de réis.

O médico pediu ao cliente para lhe escrever quando completasse um ano da operação. No tempo marcado, chegou a carta na qual o fazendeiro informava que estava bem de saúde e agradecia-lhe mais uma vez pela cura alcançada. De tão satisfeito com a notícia, Dr. Isaías foi à farmácia mostrar a carta ao amigo Constantino.

A ÚLTIMA VIAGEM

- Morte aos 69 anos
- A comoção do povo
- A repercussão nos jornais

Do livro “Simplício Mendes – História e Notáveis”, conforme constante nas páginas 65 e 66, do mesmo autor desta obra, transcreve-se:

“MORRE DR. ISAÍAS - Início de 1960. Certo dia, Dr. Isaías sentiu fortes dores no peito. Seus familiares se comunicaram com os médicos de Oeiras, Dr. Paulo de Tarso e Dr. José Expedito Rêgo, que de pronto vieram para Simplício Mendes e diagnosticaram o que Dr. Isaías já sabia: angina do peito, infarto do miocárdio. Providenciaram um avião para levá-lo a Teresina, onde a medicina tinha mais recursos. Estando em repouso, ele se levantou e foi até o consultório, ligado à sua residência. Sabendo do real estado de sua saúde, Dr. Isaías falou para seu discípulo e colega: ‘Expedito, eu não quero ir para Teresina... Sei que vou morrer, morro aqui mesmo...’

Convencido pelo colega, concordou em viajar para se tratar, com a condição de o trazerem de volta para o sepultamento em Simplício Mendes, onde ‘a terra é mais leve’, como disse na ocasião.

O avião partiu para a capital levando o grande médico, deixando o povo suplicando em fervorosas orações pela sua pronta recuperação, que, infelizmente, não aconteceu. Faleceu no dia 21 de janeiro de 1960. Seu corpo foi trasladado para o sepultamento em Simplício Mendes, cumprindo-se o seu desejo. Na ocasião, houve verdadeira romaria de moradores da cidade e do interior para o último adeus àquele que foi um ‘grande esculápio dos sertões’, como o definiu Dr. José Expedito Rêgo. Foi o mais concorrido cortejo fúnebre que se tem notícia na cidade. O prefeito Homero Coelho decretou luto oficial em todo o município”.

A morte de Dr. Isaías, ocorrida às 20 horas e 15 minutos do dia 21 de janeiro de 1960, foi uma perda irreparável para o povo pobre de Simplício Mendes e região. O corpo foi velado durante toda a noite, em câmara ardente, no salão nobre da Associação Piauiense de Medicina, da qual era sócio. Nas primeiras horas da manhã do dia 22, uma ambulância partiu para Simplício Mendes levando o corpo do grande médico. À tarde do mesmo dia chega àquela cidade, onde foi velado na sua residência. Ao dissiparem-se os últimos raios vespertinos, deu-se o sepultamento sob forte comoção popular.

Na lápide de seu túmulo lê-se a seguinte inscrição, de autoria do seu amigo José Atanásio: “Grande médico, generoso e culto, viveu a vida dos simples destes sertões, honrando a ciência, amando a terra e enternecendo a família, assegurando assim, no culto dos pósteros e na gratidão dos beneficiados, a memória do seu nome.”

Os jornais de Teresina noticiaram com pesar:

JORNAL DO PIAUÍ, edição de 24 de janeiro de 1960:

“DR. ISAÍAS RODRIGUES COELHO – Seu falecimento a 21 em Teresina – Transportado o corpo para Simplício Mendes”.

“Vítima de infarto do miocárdio, faleceu a 21 do corrente, às 20 horas e 15 minutos, nesta cidade, o Dr. Isaías Coelho, um dos mais notáveis clínicos piauienses de todos os tempos, residente em Simplício Mendes, sua terra natal, onde exerceu a profissão, em toda a sua plenitude, durante mais de 46 anos.

Médico culto e humanitário, o Dr. Isaías Rodrigues Coelho, era esse o seu nome completo, nasceu em Simplício Mendes a 20 de outubro de 1890. Era filho do Cel. Joaquim Jusselino Coelho e de Gabina Rodrigues Coelho. Formou-se em 1913, pela Faculdade de Medicina da Bahia.

Vivendo no interior do Estado, inteiramente dedicado à profissão, o Dr. Isaías Coelho pouco ou nada viajava. Entretanto, estava perfeitamente em dia com os progressos da ciência, e os aplicava com sabedoria e inteligência.

Vítima de infarto, o Dr. Isaías Coelho foi trazido para Teresina, sendo imediatamente internado no Hospital Getúlio Vargas. À tarde, soubemos de sua presença aqui por intermédio do Dr. Agenor Martins, que o visitara, encontrando-o com boa disposição. Foi, pois, com certa surpresa, que à noite, por intermédio do Dr. Zenon Rocha, tomamos conhecimento de seu passamento. Zenon, que tinha por Isaías verdadeira admiração, confirmou que o pranteado médico realmente estivera melhor, pela manhã, e que com ele palestrara sobre assuntos da profissão, admirando-se justamente de o encontrar tão perfeitamente em dia com as mais recentes publicações especializadas.

O corpo do Dr. Isaías Coelho foi velado em câmara ardente na sede da Associação de Medicina, tendo ali recebido numerosas visitas, sobretudo de colegas. O corpo seguiu para Simplício Mendes, onde se realizaram os respectivos funerais”. (JORNAL DO PIAUÍ, edição de 24/25 de janeiro de 1960, transcrito do Jornal Q-3).

JORNAL DO COMÉRCIO, 24 e 25 de janeiro de 1960:

“DR. ISAÍAS RODRIGUES COELHO”

“Acometido de infarto do miocárdio, chegou a Teresina, na manhã de 21, vindo a falecer às 20:15 horas da mesma data, no Hospital Getúlio Vargas, onde fora internado, o Dr. Isaías Rodrigues Coelho, grande médico e uma das inteligências mais brilhantes já surgidas, até agora, no Piauí.

Formado em 1913, pela Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia, com distinção grau 10, desprezou convites para fixar-se nos grandes centros, preferindo situar-se em sua terra natal, a cidade piauiense de Simplício Mendes. Ali dedicou-se à caridade de cuidar dos pobres sem ambicionar riquezas. Suas receitas miraculosas eram fornecidas acompanhadas do remédio aos desprovidos de recursos. Aos afortunados cobrava, de início C\$ 10,00, por último C\$ 50,00. Sua fama alastrou-se por Estados vizinhos, sendo procurado por doentes das mais longínquas paragens do Brasil. Simplício Mendes era a Meca de seu sacerdócio e lhe deu o título “do mais humanitário médico do interior”

Inteligente, culto e sabidamente humano, seu ‘olho clínico’ fez-se respeitado. Cientista sábio, rejeitou convites para ir trabalhar ao lado de Professores de Medicina da Bahia e São Paulo. O seu prestígio era de tal sorte preponderante que os colegas mais novos não se sentiam diminuídos em ouvir os seus conselhos. Sua residência era um verdadeiro hospital particular. Seu nome significava algo digno de respeito pela autoridade que encerrava.

Morto, Dr. Isaías Coelho deixa em clamor, não apenas o povo de Simplício Mendes, mas toda uma região do Piauí, onde se fez querido e necessário.

Nascido a 20 de outubro de 1890, era filho do Cel. Joaquim Jusselino Coelho e de dona Gabina Rodrigues Coelho.

Faleceu solteiro. Seus trabalhos literários e científicos, constantes de discursos e conferências, comprovavam sua atualização continuada com a ciência, apesar de viver 46 anos no interior e poucas vezes haver se ausentado de sua cidade.

Rendemos ao Mestre, ao insigne cientista, vulto imperecível da história do Piauí, as homenagens e gratidão que faz jus, pela grandeza de coração e de espírito humano, que soube emprestar à sua existência, extraordinariamente benéfica e insubstituível.

Assistido por colegas no seu leito de dor, faleceu Isaías Coelho sob o pátio da Associação Piauiense de Medicina, em cuja sede foi velado o seu corpo até a manhã do dia 22 do corrente, quando, transportado para Simplício Mendes, foi ali sepultado.” (JORNAL DO COMÉRCIO, Teresina, 24/25 de janeiro de 1960).

ISAIAS COELHO

MÉDICO

SIMPLICIO MENDES-PIAUI

30/8/52

Sauz

Para

Laura Moura.

Uso

ort:

P. Tembucira

Oleo de gmelinoidis - XII

cloroformi - XII.

Ess. de eucalipto - XII.

Oleo de ricin - 30,0

Mi de uma vez pela

membro.

Int Luminolgon - 10.

Mi de uma pastilha

pr dia.

Int Acetitol - 10.

(Acetitol)

Voltando a consulta queira trazer esta receita

Mi de 20 gotas duas vezes
pr dia L. Saalub.



AS HOMENAGENS

A morte do Dr. Isaías Coelho deixou órfão todo aquele povo pacato da bucólica Simplício Mendes. O prefeito da cidade, seu sobrinho Homero Coelho, sentiu muito mais a perda: tornou-se também um órfão político. Talvez por isso, somada à falta de perspectivas para seus filhos, abandonou o cargo dois anos depois e foi morar em Linhares-ES, cedendo a vaga para o substituto legal.

O grande médico precisava ser homenageado à altura de sua grandeza. Mudar o nome da cidade com o topônimo Isaías Coelho parecia a medida certa para preencher essa lacuna. O prefeito Homero tentou concretizar a homenagem desejada por toda a comunidade, fazendo aprovar, na Câmara Municipal, a Lei nº 256, de 2 de junho de 1960, que “muda o nome da Sede e do Município de Simplício Mendes para o nome de Isaías Coelho e dá outras providências.”

A gafe de Homero foi evidente, vez que é de competência do Parlamento Estadual - e não do Municipal - legislar sobre mudança de nome de município. Mas a aprovação definitiva desse dispositivo legal pelo Parlamento Estadual era do conhecimento do prefeito e vereadores, pois o Artigo 3º da referida Lei expressa de modo inequívoco que “(...) esta Lei, depois de ratificada pela



Praça Isaías Coelho, em Simplicio Mendes, onde ao centro ergueu-se uma estátua de bronze do grande médico, em tamanho natural, obra do escultor Dante Croce e fabricada na Fundação Zan, do Rio de Janeiro.

Assembléia Legislativa do Estado, entrará em vigor na data de sua publicação no Diário Oficial do Estado”.

Encaminhada para discussão na Assembléia Legislativa, essa Lei encontrou forte reação de setores da imprensa e de familiares e conterrâneos do médico Simplicio Mendes. A idéia foi arquivada.

Mudou-se, então, o nome da praça da Independência, em Simplicio Mendes, para Praça Isaías Coelho, onde mais tarde, precisamente em 9 de julho de 1964, o prefeito Ney Madeira Moura Fé inaugurou os canteiros com jardins floridos e de beleza ímpar, tendo um abrigo, onde “a juventude dançava iê-iê-iê ao som de uma radiola”⁷, e uma estátua de bronze do grande médico, erigida no centro da praça, “de ledas, vivas flores rodeado”⁸.

7. Revista Veja, edição de 29/04/1970

8. Verso do Soneto de autoria do Dr. José Expedito Rêgo



Vista parcial da cidade de Isaiás Coelho-PI

Em vida, Dr. Isaías sempre foi reverenciado. A homenagem mais marcante deu-se em 27 de dezembro de 1953, quando a sociedade e o povo de Simplício Mendes e cidades vizinhas prestaram-lhe significativas homenagens pelo transcurso do quadragésimo aniversário de sua formatura em medicina. Na ocasião lhe entregaram uma estatueta fundida em bronze, com o retrato do médico ampliado e emoldurado *“na mesma veste talar, na mesma beca, ornada do mesmo arminho que simbolizava a pureza do sonho de 1913...”*. (Vide discursos de saudação, proferido por José Atanásio, e de agradecimento, pronunciado pelo próprio homenageado no capítulo *Discursos e Outros Escritos*).

O prefeito Costa Andrade o homenageou também, em vida, com uma escola municipal de nome Isaiás Coelho, atualmente desativada.

Outras homenagens:

Em Simplício Mendes: Ginásio Isaías Coelho, inicialmente um órgão da antiga CNEC - Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, fundado em 11 de março de 1962. Esse educandário foi uma conquista da sociedade e muito contribuiu para a educação dos jovens de Simplício Mendes e região. Atualmente esse importante órgão constitui-se de Unidade Escolar e faz parte integrante da rede estadual de ensino.

Em Teresina: Rua Isaías Coelho, localizada no Bairro Três Andares.

Dr. Isaías é o patrono da Cadeira nº 03 da Academia de Medicina do Piauí

O novo município de Isaías Coelho – O Projeto de Lei do deputado Nelson de Moura Fé foi transformado na Lei nº 2549, de 9 de dezembro de 1963, que criou o município de Isaías Coelho, com sede no povoado Tamboril, sendo este elevado à categoria de cidade pelo mesmo instrumento legal.

A citada Lei foi sancionada pelo governador em exercício, João Clímaco d'Almeida, vice-governador que na ocasião respondia administrativamente pelo governador Petrônio Portela, e publicada no Diário Oficial do Estado em 16 de dezembro de 1963. Por essa Lei foi elevada à categoria de Exatoria de 5ª classe a Agência dependente localizada no então povoado Tamboril e, pelo Art. 5º, a Escola Isolada do citado povoado foi elevada à categoria de Escolas Reunidas, com a denominação de “MOURA FÉ”.

O Art. 6º da referida Lei estabelece: “O município de Isaías Coelho constituirá Termo Judiciário da Comarca de Simplício Mendes, no qual existirá um Cartório do Registro Civil, na forma da Lei de Organização Judiciária do Estado.”

Dessa forma, o município de Isaías Coelho foi desmembrado de Simplício Mendes, sendo sua circunscrição territorial constituída das datas Limoeiro e Poções. Seu território constitui-se, em sua maior parte, de áreas de terras das antigas Fazendas Estaduais.

A instalação do município de Isaías Coelho ocorreu no dia 19 de abril de 1964 com a posse do primeiro prefeito, Nelson Lopes Buenos Aires. Três parentes do Dr. Isaías foram prefeitos: os sobrinhos Joaquim Coelho Ferreira (Quincó) (1971-1973) e Lauro Coelho Ferreira (1977-1983), e o sobrinho-neto Isaías Coelho Sobrinho (1989-1992).

1 – ASPECTOS FÍSICO-GEOGRÁFICOS

1.1 – Localização

O município de Isaías Coelho fica localizado na Microrregião Alto Médio Canindé, parte integrante da Mesorregião Sudeste Piauiense, zona fisiográfica “sertão” do Estado do Piauí, Brasil.

1.2 - Área Territorial

A área territorial é de 740,0 Km², segundo o Mapa Municipal Estatístico do IBGE, edição 2000.

1.3 - Razões do Topônimo

O topônimo é uma homenagem ao médico Isaías Rodrigues Coelho, grande benemérito, nascido na região. A honraria é um reconhecimento a seus méritos e virtudes evidenciados ao longo de sua vida.

1.4 - **Gentílico**

Isaiense, segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, *relativo a Isaiás Coelho-PI ou o que é seu natural ou habitante.*

1.5 – **Posição Geográfica**

Altitude da Sede: 275 m

Latitude (S): 07° 44' 16''

Longitude (W): 41° 40' 34''

Distância da Sede Municipal à Capital (Teresina): 315 Km em linha reta ou 456 Km por rodovia, via Simplício Mendes, e 383, via Picos/Itainópolis.

1.6 - **Limites**

Norte: Vera Mendes/Campinas do Piauí

Sul: Conceição do Canindé/Simplício Mendes

Leste: Vera Mendes/Patos do Piauí/Jacobina do Piauí

Oeste: Campinas do Piauí/Simplício Mendes

Trujillo, 23 de Setembro 1858.

Queridos amigos Felizes.

Acabo de regressar de Joliba, e a primeira coisa
que me lembrei, se me lembra que por elle me
respondei a suas cartas.

Instantaneos - me vem a ideia que me
sempre, e cada vez mais, me vem a
ideia de "brigado"! Devo a Deus a
abac: si ainda me lembra, me lembra
que me lembra, me lembra, me lembra
me lembra - me lembra, me lembra, me lembra
me lembra, me lembra, me lembra, me lembra

Discursos e Outros Escritos

DISCURSO MUDO

(Discurso escrito por Dr. Isaías Coelho, por ocasião do sobrevôo pelos céus de Simplício Mendes da imagem da Virgem Nossa Senhora de Fátima, vinda de Portugal, em peregrinação pelo Brasil, quando do retorno de São João do Piauí, em 26 de outubro de 1953).

Mais uma vez se evidencia a verdade do provérbio que subordina os nossos frágeis aos imutáveis desígnios da Onipotência Divina.

Pois que, sempre foi e será sempre assim: - O homem põe, Deus dispõe.

E dispõe certo, ainda quando escreve por linhas tortas.

No vosso vôo, ó Virgem peregrina! – vejo confirmada a sabedoria do provérbio.

- Vínheis voando sobre os mares e os continentes na vossa gloriosa peregrinação pela recristianização do mundo, por um mundo melhor, pela paz entre os povos, pelo amor entre os homens unidos pela Fé, à sombra da Cruz de Cristo, vosso Filho, Senhor e Redentor nosso.

E, à vossa passagem, os povos se curvavam; do meio das multidões em êxtase, os paralíticos se levantavam e erguiam os braços, para que também rendessem graças ao Céu; os cegos rasgavam os véus que lhes vendavam a luz dos olhos para que também vissem a alvura sem mancha da vossa imagem; os lábios

dantes inertes como se moldados em cera, ao toque da vossa divina graça, se moviam para que os mudos também falassem e entoassem hinos de glória a Deus nas alturas e louvores à paz entre os homens unidos pela Fé, à sombra da cruz de Cristo, vosso Filho, Senhor e Redentor nosso...

Vínheis glorificada por toda parte, venerada por todos os povos que, à vossa passagem, vos aclamavam a Torre Ebúrnea, a Consolação dos aflitos, a Mãe da divina graça. Mas, enquanto as nossas aflições se dissipavam ao sopro da graça que em vós é imanência divina, o vosso coração sangrava de dor, como na “noite sinistra e má” em que, aos pés da Cruz plantada no Calvário, dizíeis aos que passavam: - “Ó vós que percorreis o caminho da dor! Vede se há dor que se compare à minha dor!”

Sim; o vosso coração sangrava porque seguíeis o caminho traçado pelo homem, não o que vos traçara o coração boníssimo de Mãe ansioso por alcançar a terra sofredora, onde o homem-mártir padece o suplício da fome e da sede, com tantos e tais lances que lembram os de uma página do inferno de Dante decorada pelo gênio de Doré... O vosso coração sangrava porque, guiada pelo dedo do homem, a vossa peregrinação não vos levaria a São João, a terra do precursor do Rei dos reis, nem vos levaria a sobrevoar, sequer, Simplício Mendes que se consagra no altar ao Coração de Jesus e o tem entronizado no lar e no coração de cada um de seus filhos!

E assim vínheis exaltada, glorificada, aclamada, mas o coração a sangrar de dor...

Eis que, - não se soube antes como, - mas hoje se sabe que pela intervenção da Providência divina corrigindo o que o homem traçara errado – eis que (dizia) ocorre o acidente que não teve outra consequência senão a de sustar, em Fortaleza, a vossa peregrinação que em seguida prosseguiria, apenas com itinerário modificado nas terras flageladas do Nordeste.

E ontem, - qual Torre Ebúrnea desfraldando a bandeira branca da paz, - qual Arca Santa, Vaso Espiritual trasladando à terra a celestial bondade – descestes na vizinha cidade de São João do Piauí... No meio da multidão de fiéis que vos aclamava, avultavam os peregrinos que daqui foram fazer a afirmação de sua fé e levar as oferendas do seu amor em vós e a vós.

Maior, porém, é o número dos que aqui ficaram retidos pela pobreza, pela doença, pelas distâncias a percorrer, numa quadra em que ao viajor falta até a sombra acolhedora das árvores, cujas folhas o sol queimou, o vento levou...

Pelos que foram, ouvistes a palavra fulgurante, tão castiça quanto sincera, do nosso orador, cuja inteligência privilegiada mais se aprimora e mais se sublima ao passar pelo cadinho da Fé.

Pelos que ficaram, ninguém falou, nem falará, dentro em pouco, quando o avião sobrevoar a cidade, pois – está escrito! – não pousará no nosso campo que o medo do homem – vale dizer a sua pouca fé – julgou pequeno para vos receber.

Medo, pouca fé, dos que esquecem que também é pequeno o vale de Josafá, onde, sem outro atropelo que não os das nossas culpas, nos acomodaremos folgadoamente no dia de Juízo, no dia da grande cólera... **dies irae... dies irae...**

Medo, pouca fé que nos faz esquecidos de que menor era a velha manjedoura que elegestes berço do vosso Filho...

Pouca fé que nos faz esquecidos de que mais sem segurança eram as velhas tábuas sobre as quais se ajoelharam, em adoração, os Reis que vieram do Oriente carregados de ouro, incenso e mirra...

Pouca fé que nos faz esquecidos de que menor é a cova minúscula, da minúscula Fátima, onde armastes o altar da vossa primeira aparição aos meninos do pastoreio...

Ó Virgem peregrina!

A esta hora já levantastes vôo de São João... Aos nossos ouvidos começam a chegar os ruídos do motor resfolegando.

Ao longe, entre as nuvens brancas – tão brancas que parecem cortinas, véus, grinaldas do céu em festa, - muito ao longe, já se vislumbra um ponto que se desloca no espaço reverberando a luz do sol ardente do Sertão...

É ele... O avião!

De lá, do alto, os vossos olhos divinos já pousaram na Cruz que a nossa fé plantou no mais elevado píncaro, como sentinela a velar, dia e noite, pela cidade, de braços abertos, dia e noite, para nos acolher e amparar...

Já contemplastes a cidade pequenina, as casas arrimadas umas às outras a subirem, como procissão festiva, a colina graciosa onde a nossa fé levantou a Igreja do Coração de Jesus...

Enquanto, do alto, contemplais a cidade e nós, na ânsia de nos ver, levantando ao céu os olhos ofuscados de luz, o avião mais e mais se aproxima, veloz como as andorinhas que, ao alvorecer, levantam o vôo, rumo ao sol, em busca de luz...

Mas, a velocidade, vencendo a gravidade, é condição elementar do vôo dos corpos mais pesados do que o ar.

O vosso avião, - Ó Virgem peregrina! – não podia fugir às leis divinas que regem a Criação: a grande velocidade, como as andorinhas que vão ao encontro da luz, a grande altura, como o albatroz que cruza os mares, como o condor que, de um vôo, transpõe os Andes, - ele, o avião – sobrevoou a cidade e, já agora muito longe, parece um ponto apenas “no velho engaste azul do firmamento”.

E, rasgando passagem na cortina do céu, desapareceu entre as nuvens brancas, longe, aonde não chega o nosso precário raio visual!...

Às nossas pobres orelhas, já não chega, sequer, a trepidação do motor... Mas aos ouvidos divinos, estou certo, estão chegando as palavras deste meu “discurso mudo”. Ouvi, pois! Bem sei que não foi por amor à vossa segurança, nem porque transigísseis com o medo, que deixastes de pousar nesta pequenina terra votada ao Coração de Jesus: - não descestes porque já havíeis descido em São João. E São João e Simplício Mendes não são apenas cidades vizinhas que se tocam dentro da relatividade das distâncias neste nosso imenso país, mas cidades irmãs, sem paredes-meias nem meias-paredes no coração de seus filhos, ou seja, duas cidades – uma alma só...

Descendo em uma, foi como se houvésseis descido em ambas.

Ide, pois! E a qualquer distância, a qualquer altura, a qualquer velocidade que a esta hora vos conduza o avião, onde quer que estejais, ouvi as palavras apenas sussurradas desta minha súplica:

- Ó Virgem peregrina! Não vos peço nem espero de vós o milagre de sarar-me o corpo que, por ser pó, ao pó vai voltando... O que peço e espero de vós é o milagre da Fé... Da Fé que afugenta a vespa má da dúvida e poupa a abelha mestra do cortiço das idéias sãs... Da Fé que remove montanhas e abre clareiras que dão para o infinito... Da Fé que faz os corações sempre voltados para o céu, como o helianto sempre voltado para o sol... Da Fé que guia, como a estrela de brilho nunca dantes visto guiou os Reis ao estábulo sobre cujas palhas vagia o Rei dos reis recém-nascido... Da Fé que nos guia, como as estrelas guiaram os navegadores que trouxeram ao Brasil a Cruz pintada na veia das caravelas – a Cruz que Cabral deixou plantada na praia do Porto Seguro e Anchieta levou às florestas virgens, desenhada na testa dos Colomis que batizou... A mesma

Cruz que a nossa fé plantou no morro-sentinela da cidade... A Cruz de Cristo, vosso Filho, Senhor Redentor nosso. Ó Virgem peregrina: - a mim, o milagre da Fé! É o que peço, é o que espero da vossa divina graça...

Simplicio Mendes, 26 de outubro de 1953

Isaiás Coelho

SAUDAÇÃO AO PADRE ANCHIETA CORTEZ

(Discurso proferido por Dr. Isaías Coelho, por ocasião da primeira Missa celebrada pelo Padre Anchieta Cortez, após unção sacerdotal).

Da penumbra que envolve o recolhimento a que os anos me votaram, - os meus conterrâneos e amigos foram buscar-me para orador desta solenidade, inédita pelo seu brilhantismo, como inédita pelos objetivos espirituais que colimaram aqueles que a promoveram.

É, bem o vedes, um apelo ao efeito dos contrastes, tão do agrado da sabedoria divina que acendeu no firmamento miríades de estrelas que brilham há miríades de séculos e brilharão pelos milênios afora, ao mesmo tempo em que a mesma sabedoria divina acendeu a fosforescência fugaz do vaga-lume, no seu vôo rasteiro, a voar e a revoar, em noite escura, acima das poças d'água, na ilusão de que sobrevoa mares, - santa ilusão de coleóptero que se julgou estrela e era apenas pirilampo... O contraste, vedes bem, é sugestivo: - orador quando há quarenta anos, - tantos quantos são os da vida profissional, a minha palavra não se fazia ouvida senão no ambiente estreito limitado pelas quatro paredes do mais modesto consultório do sertão, onde, em vez das altas tonalidades exigidas pelos espaços amplos e pelos grandes auditórios, o que mais se quer e se requer são as baixas tonalidades da voz para maior sigilo

e recato exigidos pelas dores alheias... Orador, quando a cinza dos anos já cobriu a brasa que crepitava na lareira e os dons do espírito e da inteligência já perderam a vivacidade e a agilidade que são atributos da mocidade... Orador, quando o próprio coração já não palpita ao calor das emoções e já não vibram as cordas frouxas da velha lira desafinada... Querer daí um pouco de calor, um pouco de luz, uma nota à altura da vibração dos vossos corações, à altura da grandeza desta solenidade, é, convenhamos, muito amor ao contraste.

Mas, conterrâneos e amigos, eu não farei a injustiça de atribuir a minha presença nesta tribuna só ao desejo vosso de, pelo contraste com o orador e a sua oração, realçar o brilhantismo desta solenidade.

Bem sei que, exaltando a Religião na pessoa do primeiro conterrâneo unguido sacerdote, quisestes que, de algum modo, as vossas homenagens se refletissem sobre o filho da terra que, primeiro, se fez obreiro do ofício divino de sarar as dores. Quisestes, mais ainda e sobretudo, deixar bem patente que não compreendeis, como eu não compreendo, o antagonismo que o materialismo arma entre a Religião e a Ciência, ou mais objetivamente, entre a Religião e a Medicina que não cuida só do corpo, mas também do espírito.

Sim, repito: - não vos faço a injustiça de julgar que me tenhais feito orador só pelo amor vosso ao efeito dos contrastes.

Do mesmo modo, conterrâneos e amigos, não me façais a injustiça maior de me julgar na ignorância do velho “**nosce te ipsum**” – o velho conselho de nos conhecermos a nós mesmos, - tão velho que já andava gravado pela sabedoria dos gregos no frontispício dos seus templos.

Não! Louvado seja Deus! – Conheço-me a mim mesmo! E se aqui me tendes nesta tribuna, não é porque desconheça a minha inaptidão manifesta para os torneios de oratória, mas, porque não podia negar à nossa terra a modesta colaboração de duas palavras

no dia em que ela, emocionada, ouviu a primeira missa celebrada pelo seu primeiro filho ordenado sacerdote – dia, para nós, de grande regozijo e alta significação espiritual, porque registra o resgate de uma velha dívida, dessas que não se pagam em quilates de ouro, mas pela firmeza de uma vocação, de vez que é dívida moral: - dívida nossa para com a nossa Fé.

Por outro lado, meus conterrâneos, a missão que confiastes à minha inaptidão não se me afigura dessas que requerem grandes recursos de oratória nem grandes vôos de eloquência, pois segundo o conceito de Ruy a que me reporto, em momentos como este, quando os auditórios estão eletrizados pelo fluido de uma só idéia, cada um pode ser intérprete de todos e todos de cada um: - basta deixar aos lábios a missão de dizerem o que o coração lhes está ditando... Apenas, os meus são frios, mas, crede, o coração arde por serem eles frios, pois grande é o desejo de elevar-me até as alturas desta solenidade, elevando-me, assim, até às alturas da vossa confiança.

Revm^o Padre Anchieta!

Há pouco falei das dívidas da Fé que só a firmeza das grandes vocações pode saldar.

Outras vocações não nos faltaram, mas, para o sacerdócio, só a vossa! Quem vos fala, foi uma dessas outras vocações: - Nos primórdios deste século, menino ainda, deixou a fazenda e a roça e na velha Bahia das grandes tradições religiosas, onde, segundo a lenda, há uma igreja para cada dia do ano, mesmo quando bissexto, na velha Bahia onde, primeiro, a Cruz abriu os braços como um convite ao silvícola, - na Bahia, onde, do púlpito, Vieira, pela mesma vocação, pela mesma Fé que lhe fez estalarem os ossos do crânio, - apostrofou o próprio Deus que permitia a vitória dos holandeses, invasores e hereges, - na Bahia de Nosso Senhor do Bonfim, na Bahia **mater** do primeiro bispo do Brasil – aquele menino, dizia eu, não se fez padre, fez-se médico e nunca mais deixou de ser senão médico da roça.

Depois outro, mais outro, enfim dezenas de médicos, bacharéis, farmacêuticos, professores que, dos Campos de Piratininga ao extremo norte da Guianas, elevam e dignificam o nome da terra estremeçada.

Mas, repito, vocação para o sacerdócio, Revm^o Padre Anchieta, só a vossa, essa vossa vocação invencível, hoje vencedora, graças à própria firmeza e à tenacidade nunca demais louvada da vossa família, dos vossos estremeçados pais.

E apenas recebestes a unção sacerdotal das mãos do nosso amado Bispo D. Expedido Lopes, cujo nome não pronuncio sem uma reverência e a homenagem sincera da gratidão, da admiração, que não é só minha, mas de todos nós, - apenas ungido sacerdote, como a ave que a lenda faz voltar para rever o ninho onde se emplumou e donde alçou o primeiro vôo em busca de paragens luminosas – também voltastes ao vosso ninho, à nossa terra, não apenas para revê-la, mas para trazer-lhe o primeiro fruto, as primícias da vossa vocação realizada.

Dir-se-á, como no sermão memorável de Mont' Alverne, que foi tarde... Muito tarde. Não! Nem tarde, nem cedo!

Ontem seria talvez cedo... Amanhã seria, ao certo, tarde... Muito tarde! Hoje, sim, na hora exata que a sabedoria divina fez soar na velha ampulheta que, sem possibilidade de erro, conta, em grãos de areia, os milésimos de momentos que somam os milênios da Eternidade; na hora exata em que a Religião mais precisa da palavra, da ação e do zelo dos seus ministros – ou seja – hoje! Nem ontem, nem amanhã: - hoje!

Ontem, a bandeira inimiga era o “crescente”. Mas, o “crescente” é apenas fase de um satélite que tem também o “minguante” e, se faz a enchente, faz também a vazante da maré.

Hoje, a bandeira é o martelo e a foice... O martelo que esmaga. A foice que ceifa. Que ceifa vidas. Mais do que vidas: idéias...

Ontem, era, se assim posso dizer, uma aberração do espiritualismo em cuja escala Cristo ainda tinha as dimensões de um profeta – profeta menor, pois Mafoma era o maior...

Hoje a bandeira é o materialismo pesado que nega Cristo; que subordina o espírito, sopro divino, às contingências da matéria que é pó... Materialismo que nega os direitos sagrados da pessoa escravizada à máquina estatal que ele próprio forjou e articulou... Materialismo que, por uma estranha heterotaxia, por uma curiosa transposição de órgãos e funções, ao cérebro – centro da elaboração das idéias, - e ao coração – crisol dos sentimentos afetivos, a um e a outro – sobrepõe o estômago que apenas digere... Materialismo famigerado e famélico que promete pão, mas nega o direito ao ideal – a nós que, da boca de Cristo, aprendemos que não só do pão vive o homem, pois vive também do ideal, do ideal que, por paradoxal que seja, é “a parte mais grave da realidade humana”...

Materialismo, enfim, que nega às mães o direito de, ao filho pequenino, ensinar o Deus do céu adorar...

Mas, dir-se-á, o materialismo na sua modalidade política e social – ou seja, o Comunismo, está isolado dentro da cortina de ferro que ele próprio forjou e estendeu. Puro engano d’alma! Ledo e cego que os fatos não confirmam e a fortuna não deixa durar muito... Seráfica simplicidade de avestruz que oculta a cabeça sob a asa para não ver a nuvem de pó que o tufão levanta!

A cortina é impermeável apenas ao bem que através dela tente penetrar; para o mal que de dentro se derrama e se espraia, é porta aberta. Há, vê-se a olhos nus, uma osmose imperfeita, em que o bem que, de fora, tente passar, encontra fechadas não apenas as malhas, mas os poros da cortina, ao mesmo tempo em que o mal, dentro dela represado, encontra abertos não só os poros, não mais as malhas, porém abertas, de par em par, escancaradas, as portas todas para por elas golfar o veneno sutil que, sob a forma ideológica, antes do corpo, atinge a alma, como, antes da pessoa, atinge a família.

Daí, conterrâneos e amigos, a dura realidade do dia de hoje: - em vez de um, - dois mundos; um além, outro aquém da cortina; um a verter o mal; outro, a se deixar delir pela ação do mal vertido, e prestes a soçobrar ao ímpeto da tempestade que, de dentro da cortina, Moscou semeia, do mesmo modo que, sem sair da sua caverna, Éolo soprava o temporal que ia arrebatar o leme às naus; quebrar-lhes os mastros; fazer em tiras as velas; em pedaços a cordoalha.

Esta, Revmº Padre Anchieta, a situação, o campo, na hora exata em que chegais, em que assentastes praça na linha de frente, como voluntário de Cristo, na mesma hora exata em que a Virgem Peregrina, cruzando os mares, sobrevoa a nossa terra e desfralda, no céu, a bandeira de Cristo, o Lábaro da Cruz contra a foice e o martelo – o mesmo Lábaro que Constantino, o Grande, viu desenhado no céu com a signa da vitória – “**In hoc signo vinces**” – com este sinal vencerás! – o mesmo Lábaro, a mesma bandeira, a mesma Cruz que, naquele dia, com Constantino, venceu a batalha nos muros de Roma, sagrando, desde então, a vitória do Cristianismo contra o paganismo, a mesma Cruz, vitoriosa amanhã, na grande peleja do espírito contra a matéria, do Cristianismo contra o comunismo.

Porque, ninguém tenha dúvida, com aquele sinal, venceremos! Com aquele sinal, mas também com as vocações como a vossa, Revmº Padre Anchieta; com aquele sinal, mas também com a palavra a serviço da Fé. E, não só com a palavra, mas, sobretudo, com os exemplos, com a ação, pois, como diz a Imitação de Cristo: a hora é de ação, a hora é de luta – **nunc tempus est faciendi, nunc tempus est pugnandi!**

E a hora, Revmº Padre Anchieta, não é preciso repetir, é esta que passa, esta em que a Virgem Peregrina, não apenas no céu, mas descendo do céu à terra, desfralda a bandeira, na hora exata, nesta hora em que chegais.

E, após a tempestade, virá a bonança! Como os vagalhões que a fúria dos ventos arremessa contra os rochedos e contra os rochedos se quebram e se desfazem em espuma que a areia bebe, - as arremetidas do mal se quebrarão de encontro à rocha viva sobre a qual assentou alicerces o idealismo de Cristo.

E contra ele não prevalecerão as portas do inferno, porque o Espírito é hálito divino que tende para o céu; a matéria, pó que tende para o pó.

A nossa terra, Revm^o Padre Anchieta, exulta porque um dos seus filhos – o primeiro – já se inscreveu, como voluntário, na linha de frente da grande peleja.

Esta solenidade mal traduz o nosso regozijo, a vibração da nossa alma Cristã e do nosso patriotismo exaltado pela antevisão das glórias que, na grande peleja, vos estão reservadas. Mas, os troféus, os loiros da vitória, não vos pertencerão: de onde quer que vos leve a vossa missão de soldado da milícia de Cristo, de onde quer que estejais, estou bem certo, e assim espera a vossa e nossa terra estremecida, vós os vireis depositar no altar do Coração de Jesus, no altar da vossa, da nossa terra, o mesmo altar aonde hoje viestes fazer a oferenda do primeiro fruto, as primícias da vossa vocação.

Revm^o Padre Anchieta!

Da retentiva da vossa memória, por mais que sobre ela passem os anos – da vossa lembrança, estou certo, nunca mais se apagarão as emoções do dia de hoje, em que, olhos voltados para o céu, a vez primeira, consagrastes e oferecestes a Hóstia pura, a Hóstia Santa, Pão da vida eterna, e o Cálice da Fé, o Cálice do Sangue de Jesus, o Cálice da salvação eterna, - **Calix salutis perpetuae!!...** Essas emoções - estou certo – não se apagarão jamais.

Do mesmo modo, estejais também certo, nunca mais se apagará da nossa memória, na lembrança dos vossos conterrâneos,

a emoção de hoje, ao ouvirmos a primeira missa celebrada pelo primeiro filho da terra ungido sacerdote. Esta festa reflete aquela emoção que não esmorece, não se esvai, mesmo traduzida pela palavra do seu intérprete, esta mesma palavra fria, sem brilho e sem colorido, que acabais de ouvir.

Simplício Mendes, 20 de dezembro de 1953

Isaias Coelho

AGRADECENDO

(Discurso pronunciado por Dr. Isaías Coelho, a 27 de dezembro de 1953, em agradecimento às homenagens que lhe foram prestadas pelo povo de Simplicio Mendes, por ocasião do transcurso do quadragésimo aniversário de sua formatura).

Bendita seja a bondade!
Ela vai até ao milagre de, em noite quente de verão, fazer o céu suar uma gota de orvalho, cristalina e pura como se fosse uma lágrima que o mesmo céu vertesse.

E, “ingênua e luminosa”, como a do poema imortal de Junqueiro, a gota de bondade que se fez gota de orvalho, suspensa no firmamento por fios que ninguém vê, fica a tremer, mais de emoção que de medo, a cismar, eu ia dizer a pensar, indecisa, sem saber ainda onde vai cair...

Nos jardins suspensos de Babilônia? Não! Esses já nem sequer existem: - tudo era vaidade, só vaidade das vaidades de Semíramis...

Nos jardins suspensos da opulência e da vaidade das Babilônias de hoje? Esses bebem as pulverizações irisadas das fontes luminosas... Não cairia!

E recusando o ouro que um velho judeu lhe trazia nas arcas tão pesadas que fazia vergar a corcova dos camelos – ouro, arcas, caravana que – tudo – daria só pela volúpia de tê-la, por um momento, na palma da mão mareada de ouro e de

riqueza; - recusando os reinos, os diademas, as coroas que os reis traziam e lhe dariam só pela glória de serem, um momento que fosse, súditos da majestade de uma gota; - recusando os troféus, os louros, que os guerreiros traziam e lhe dariam pela glória maior de vê-la brilhar, um momento que fosse, na cruz da sua espada tisonada de sangue; recusando tudo – o ouro do judeu, a majestade dos reis, a glória dos heróis – ela, a gota luminosa, ficou a tremer de emoção, a cismar de dúvida, sem saber onde iria cair!

Foi quando um velho cacto, só tristeza e só espinhos, levantou nos braços ressequidos o cálix da sua última flor queimada pelo sol e, como no poema imortal, implorou: “Ó lágrimas de Deus, ó astro, ó gota d’água... / Cai na desolação desta infinita mágoa!”

E, maravilha da bondade! – a gota ingênua e luminosa não se quedou a tremer e a cismar na sua indecisão: - Caiu na salva do esmoler, saciando-lhe a sede, como, a Jesus, saciara-lhe a ânfora da Samaritana, junto ao poço de Jacob...

E – maravilha maior! – onde eram só espinhos e tristeza, abriu-se o sorriso de uma grande flor – a mesma flor, branca como a caridade, que desde então, e ainda hoje, abre o seu sorriso de gratidão, mal se condensa no céu a primeira gota de orvalho...

Bendita seja a bondade do céu que, para fazer brotar um sorriso onde era só tristeza, se fez gota de lágrima vertida do mesmo céu! Mas, bendita, também, a bondade da terra, a bondade dos homens!

Bendita, a vossa bondade, conterrâneos e amigos!

Ela fez o milagre de manter, quarenta anos suspensa no céu pelos fios da amizade, a gota de orvalho, não a tremer de emoção, não a cismar de incerteza, mas a esperar que o velho cacto, - como o do poema imortal, “bebendo o sol, comendo o

pó, mordendo a rocha”, já não encontraste uma gota de umidade para o sorriso de uma flor...

E, como nas lendas de “Mil e uma Noites”, ela – a vossa bondade – realizou a magia desta noite encantada que nos transporta aos templos do Himalaia, à Índia maravilhosa dos faquires que, fazendo avançar o tempo e precipitando, uma sobre as outras, as fases da evolução da planta, lançam a semente, fazem-na germinar, crescer, florir, frutificar, tudo aos nossos olhos maravilhados e tudo dentro do espaço de um só momento.

No deslumbramento desta noite – ela – a vossa bondade – realizou milagre maior, aquele que não ocorreu aos magos da terra da magia: - estes partem da semente que é a força latente, energia estática emanada da atração universal que “une estrelas no céu, coração na terra;” ela – a vossa bondade – parte da árvore já cansada que ultrapassou a meta do seu destino, o limite do seu crescer, do seu florir, do seu frutificar, e a faz voltar sobre si mesma até ser, de novo, árvore moça, na sua plena floração e no dinamismo fecundo dos seus frutos sazonados!

Este, amigos meus, o grande milagre da vossa infinita bondade: - fizestes recuar o tempo e o espaço; fizestes o velho médico retroceder sobre os próprios passos; do presente, fizestes o passado; do velho, fizestes o jovem médico vibrante que, há quarenta anos, em 27 de dezembro de 1913, jurou à sua fé, à sua vocação, por Deus e por Hipócrates, que exerceria o divino ofício de sarar a dor – **divinum opus sedare dolorem** – sempre fiel aos ditames e aos preceitos da honestidade, da caridade e da Ciência. E eis-me restituído à mocidade... eis-me na Bahia!

Salve magna **parens frugum!** Salve Bahia **mater** dos grandes frutos... Berço da civilização, pedra angular da primeira Escola de Medicina, onde os moços do passado, velhos mestres do meu tempo, beberam a seiva do saber... Velha Bahia! Ninho

murmuroso onde não se emplumavam apenas os condores dos mais arrojados vôos da poesia, as águias dos mais largos remígios, dos mais altos vôos da eloqüência, - mas, também, os grandes mestres da ciência, redivivos ainda hoje na tríade jubilada e emérita de Frois, Clementino Fraga, Pinto de Carvalho, e na maturidade sábia de Fernando São Paulo... Bahia da minha mocidade; da tradição acadêmica; das repúblicas ruidosas de estudantes; das noites de São João e da canjica; dos inocentes idílios improvisados à meia luz dos velhos lampiões, contemporâneos de Tomé de Souza, ainda àquele tempo, acesos por um archote! Velha Bahia da minha mocidade, da minha saudade! ... Boa terra! Hoje... ela lá; eu, aqui!

Aqui, na minha, na vossa, na nossa terra – nesta terra pequenina de bondade imensa! Salve, Simplício Mendes! Tua bondade é infinita... Não pode ser expressa pela palavra que é limitada pelas leis que regem e disciplinam as línguas; não pode ser expressa, sequer, em números, cuja série é infinita: - só poderia ser expressa por esse sinal, um tanto cabalístico, que ninguém sabe onde começa, nem onde acaba, e de que a matemática se serve para representar o próprio infinito – o infinito que, nem ela, nem a filosofia, nem ninguém sabe onde começa, menos ainda, onde acaba.

Seria eu, quem viesse tentar medir-lhe a grandeza, tentando um agradecimento?

Não, conterrâneos e amigos!

Nem, sequer, tentarei agradecer a bondade da nossa terra, da nossa gente reunida em sessão solene como em missa campal, na praça pública, aberta a todas as almas, a todos os corações, a todos os olhos que quiserem ver e testemunhar o milagre desta noite, da gota de bondade, que se fazendo gota de orvalho, fez sorrir o velho cacto no sorriso bom da sua grande flor de gratidão; o milagre da gota de bondade que fez florir, frutificar a velha árvore já cansada; o mesmo milagre da vossa

bondade que, do velho, fez o jovem médico de há precisamente quarenta anos...

E quem vos fala já não é esse velho médico cansado dos anos e dos desenganos, a quem a cinza já lhe empoava os cabelos, e fazia carvões, nela sepultados, as brasas que já não crepitavam; velho médico a quem a neve já lhe apagara o lume na lareira e invadira até o coração que já não batia ao sentir, e só sentia ao bater... Velho médico – coitado! – que, estou certo, não teria remédio sequer para as emoções de um dia como este. Todo de emoções que, mesmo aos moços, lhes fariam trêmula a palavra e marejados de lágrimas os olhos, como eu os sinto, não obstante a eclosão da mocidade. Sim! Quem vos fala não é o velho, mas o jovem médico que ressurgiu da obscuridade de quarenta anos vividos entre as paredes de um modesto consultório do sertão. E tudo é mocidade: - mocidade nos mimos que a bondade dos amigos, dos clientes, do povo de Simplício Mendes, trouxe aqui para minha gratidão, imorredoura como a perenidade do bronze em que é fundida a estatueta que constitui um desses mimos... Mocidade no retrato em que apareço ampliado, emoldurado e, modéstia à parte, bonito, na mesma veste talar, na mesma beca, ornada do mesmo arminho que simbolizava a pureza do sonho de 1913... Mocidade na carta, antes amadurecida pela reclusão de quarenta anos em um canudo e que dele ressurgiu, bela como a faixa pendente em que parece refletirem-se as cores todas do arco-íris... Mocidade no anel que, de símbolo da esperança, havia passado a símbolo das desilusões e aqui revive, no esplendor de seu verde esmeraldino, as mesmas esperanças que alimentou há quarenta anos... Mocidade em tudo! E tudo por obra e graça da vossa bondade... Sim! Dela e não do meu merecimento: - percorrendo mentalmente a estrada que, durante quarenta anos, dia a dia, palmilhei, não vejo os meus próprios rastros, as minhas próprias pegadas. Se por ali passei, o vento apagou os vestígios por ventura deixados na areia movediça; se semeei, não fui o bom

semeador: - à beira do caminho, à margem da estrada não vejo árvores por mim plantadas – boas árvores como as dos versos de Bilac: - ... Velhas árvores agasalhando os pássaros nos ramos dando sombra e consolo aos que padecem.

Se não plantei para mim a árvore boa que dá sombra à doçura de um lar, a cujos galhos se pendura a ternura de um ninho, muito menos, plantei as que dão sombra e consolo aos que padecem. E esta era a minha missão – missão do divino ofício de Hipócrates que jurei cumprir! Do balanço de quarenta anos, me fica a convicção íntima do vazio, da falência da minha vocação que falhou no seu objetivo. Na vossa imensa bondade, na unanimidade dos vossos votos expressos no comparecimento a esta sessão solene, aberta a todos, aberta ao próprio céu acima das nossas cabeças, quisestes, neste dia para mim de grandes emoções, dar-me a ilusão de que cumpri o juramento prestado, de que não falhei a mim próprio, à minha própria vocação. E fizestes esta festa, dando-me, assim, a sensação da felicidade. Felicidade transitória, talvez, como tudo neste vale de lágrimas que é o divino ofício de sarar a dor. Mas, seja como for e por quanto tempo for: - felicidade!... Bendita a felicidade de um momento que seja! Graças a ela, já me libertei das gotas de veneno que o pessimismo de Schopenhauer me havia vertido na alma, quando me sussurrou ao ouvido que “a felicidade é negativa e só a dor é positiva”. Não! Louvado seja Deus: - nem só a dor é positiva! A felicidade também. Ela também existe. Está, sem dúvida, na conformação filosófica, na conformidade espiritual de cada um “aceitar, como boa, a sorte que tem”. Mas, está, sobretudo, na bondade do céu, na bondade da terra, na bondade dos homens, na vossa imensa bondade, contrerrâneos e amigos!

Bondade do céu!... Da nesga de céu azul que Deus sustém, como um pálio aberto acima da terra do sol, acima da terra dos verdes mares de Alencar, viestes pousar na cadeira de primeiro Bispo da nossa amada Diocese, e, daí, santificando-a, viestes presidir

esta solenidade: - bondade do céu, aqui estais presente na pessoa de D. Expedito Lopes! Estais presente na pessoa do Revm^o. Padre Sólon Pinto, e do nosso contrerrâneo, primeiro sacerdote filho de nossa terra – Padre Anchieta Cortez!

Bondade da terra, desta terra que, mesmo aquecida dos homens, tem larguezas de generosidade para querer bem ao filho que só tem mérito de a amar, de a querer como ao claustro quer o monge: - bondade de Simplício Mendes!

Bondade dos colegas que, em vez de oficiais do mesmo ofício, preferem ser sacerdotes do mesmo culto: - bondade de Tarso, Laurentino, Raimundo Mendes.

Bondade não apenas de Simplício Mendes, mas também das cidades vizinhas que aqui estão presentes nas pessoas dos amigos que vieram trazer-me a solidariedade e o conforto dos seus abraços de amizades...

Bondade desta velha amizade, já de cabelos brancos, que, como se fosse o irmão mais velho, me levou pela mão ao colégio na Bahia: - bondade de Vitalino Coelho.

Bondade na palavra do orador desta solenidade – de quem não direi, como de outro já se disse, que é o diamante perdido na selva, mas o diamante que a si se achou, a si se lapidou, não só para refletir nas suas facetas a inteligência privilegiada, mas sobretudo, a amizade – a nossa velha amizade: - bondade de José Atanásio.

Bondade do céu, bondade da terra, bondade da nossa gente: - homens e mulheres, ricos e pobres, velhos e crianças, que colaboraram, par a par, uns e outros, senão com a bolsa, mas, par a par com a alma, com o coração para que este fosse, para mim, o dia pelo qual tanto ansiava: - o dia da felicidade suprema de saber que, em vez do malquerer que mereci, tive o vosso bem-querer.

Não vos agradecerei: - na minha sensibilidade, no teclado da minha sentimentalidade, esgotado de tantas emoções, já não há

uma nota à altura da minha gratidão, muito menos à altura da vossa bondade, conterrâneos e amigos! Apenas digo: - o céu vos pague a esmola da vossa bondade... E pague como mereceis: - a juro de mil por um, que é como o céu paga a quem dá aos pobres, aos velhos, aos cansados...

Deus vos pague...

Simplicio Mendes, 27 de dezembro de 1953

Isaías Coelho

SAUDAÇÃO

(Discurso pronunciado por José Atanásio de Santana, como orador oficial da solenidade que marcou as homenagens prestadas ao Dr. Isaías Coelho, por ocasião do quadragésimo aniversário de sua formatura, em 27 de dezembro de 1953).

Quando alguns amigos, não faz tantos dias, fomos te comunicar, à tua casa, a idéia deste preito, da homenagem que deverias receber neste avançado marco de quarenta anos de uma vida profissional sem símile nestes sertões, nos disseste, na aquiescência que buscávamos, que aceitarias, sim, a homenagem amiga, com a condição, entretanto, de nela não haver discurso...

Já está, assim, de início, explicada minha presença aqui. Os teus amigos, amigo meu, bem compreenderam que, mandando-me a mim dirigir-te a palavra, estariam, com toda certeza, seguros de te satisfazer plenamente aquela exigência, uma vez que, por muito que se me esforçasse a mente, por mais que quisesse ou sentisse o coração, meus lábios sensibilizados não lograriam jamais proferir discurso. Ademais, agravando ainda as minhas deficiências, já o deveis ter notado, eu vejo ante mim, neste recinto, as cintilações de tantas inteligências, o peso de tantos valores como que a esmagar a minha pobre mediocridade, que sinto, sinceramente, a constrição da garganta a apertar, a embargar a minha voz, a fraca voz da palavra que se vos dirige agora.

Culpa deles, minha gente, dos amigos que me cometeram a tarefa, não aceitando de nenhum modo minhas escusas insistentes.

Acreditavam, talvez, que o convívio de alguns anos com o homenageado, este que um dia me dera toda a sua amizade generosa, não disse tudo, toda a sua amizade e confiança toda, ainda falta, porque me dera a sua casa também, onde eu era, para ele, ao tempo, como ainda hoje, uma espécie de irmão um pouco mais moço, com o direito de mexer nos seus livros e remexer as suas gavetas, - entenderam eles, os amigos, que só isso era título bastante para dizer de uma vida como a tua, meu caro Isaiás, tão cheia de beleza moral, mas também tão complexa como soem ser as grandes vidas, a se desdobrar nessas mil facetas que formam o luminoso bloco de tua personalidade de homem de cultura de médico, de médico sobretudo, de amigo incomparável, de benfeitor incontentável, de filantropo enfim, que, por grato que fosse, fácil não seria, de certo, o desempenho da tarefa que erradamente me cometeram.

Mas, por outro lado, não importa isso, ou não valem palavras, quando esta multidão inteira, que se estende derredor de ti, já está falando a linguagem mais eloqüente desta manifestação ao médico estremecido, a linguagem do coração, nestas efusões de todas as classes, das mais altas às mais modestas, e em que vibram todas as idades – o moderado fervor dos velhos, o ardente entusiasmo dos jovens, a saltitante alegria das crianças.

Belo e comovedor espetáculo de carinho e simpatia a envolver, neste instante e nesta data memorável, a figura prestigiosa do grande médico conterrâneo, que aqui vive e luta para enaltecer a nossa terra, trabalha e sofre para servir e querer devotamente à nossa gente.

Assim, estes sentimentos, o calor destas efusões, na sua espontaneidade, nos seus ímpetos, vêm de ti mesmo, são a resultante dessa vida de devotamento que há sido a tua, vida de bondade, de caridade, de humanidade, onde quer que te encontres, para servir, para dar, para curar, seja em casa, no consultório, na rua, em viagem, à soalheira ardente dos caminhos ou sob os ranchos sujos das estradas, sempre o mesmo homem, a mesma caridade, o mesmo médico.

Em casa, onde vamos encontrá-lo algumas vezes em meio à balbúrdia dos que freqüentemente lh'a encham, - pessoas que o

procuram, amigos que o visitam, doentes a exigir receita, mendigos a pedir esmola, parentes que ele hospeda e crianças que ele adora, lá está o homem, afável e risonho algumas vezes, seco e reservado algumas outras, atencioso em qualquer dos casos. Ali, em meio a conversa, a quantos assuntos possam vir, nada, nada se lhe escapa à maravilhosa antena dos seus cuidados: uma ordem ao aguadeiro que passa, uma pergunta gritada ao cozinheiro no seu labor à distância, à copeira se já levou ao hóspede da rancharia o candeeiro ou a bilha, - vendo tudo, provendo tudo naquela sua encantadora simplicidade doméstica. E entremos ainda, os mais íntimos, até mais adiante, ao quarto de dormir, que é também o seu quarto de leitura. Tudo ali em desalinho: revistas pelo chão juncando o piso; jornais, também pelo chão, ou sobre a cama, amarrotados, desdobrados, acenando em bandeira; pontas do lençol escapando da rede, balançando ao vento; livros, alguns em pilhas dismantelados sobre a mesa, outros abandonados a esmo, fora de lugar, sobre malas ou por detrás destas, pensos, semiabertos como a nos oferecer a leitura, - tudo aquilo em tal desordem, em tamanha desarrumação, que o dono do quarto, homem limpo e educado, vexe-se naturalmente, desconcerta-se tantas vezes à entrada ali de visitas menos íntimas que o procuram. Pois, não vos enganeis, meus amigos, aquela desarrumação, aqueles livros em dismantelo, aqueles jornais em bandeira, aquelas revistas abertas, emborcadas, atrapalhando a passagem, está tudo paradoxalmente muito bem arrumado na sua cabeça, muito bem distribuído e guardado no seu cérebro. Aquilo que vedes é o resíduo, o bagaço imprestável, que outros, ante a necessidade de reler, guardam zelosamente, e de que ele já não carece e se pode atirar fora, porque o suco, a seiva, a substância, essa, seja uma fórmula científica, uma verdade filosófica, um episódio político ou um gracejo de almanaque, ficou para sempre muito bem arrumado lá dentro na sua cabeça, muito bem guardado na maravilhosa retentiva da sua memória e melhor assimilado pela robustez da inteligência, concorrendo ou tornando-se tudo aquilo elementos constitutivos da cultura, do saber, da graça, da pujança, enfim, da personalidade que ora festejamos.

Não será também assim a floresta? Árvores tombadas, ramos destrançando frondes, troncos arrancados, raízes em garfo para o ar, lianas enredando ramos, cipós enroscando veigas, folhas secas passeando o chão, cascas desprendendo, desnudando troncos, galhos revirados, despencando, - dir-se-ia, também uma tremenda desarrumação, por constituir, no entanto, a beleza selvática da floresta.

E o médico agora? Deus do céu! Quem poderia dizer bastante desta vocação extraordinária, ajudada ainda da argúcia, desse tino raro que faz com que se embrenhe, sempre seguro, sem jamais se perder, no emaranhado mundo da patologia humana?

Devotado levita da medicina, não procurou jamais, para a sua vitoriosa carreira nesta ciência, os grandes meios, as cidades adiantadas, onde, em prédios de ruas movimentadas se anunciasse ali com a clássica placa rebrilhando à porta. Não! Médico ele seria, e grande médico, aqui ou acolá, instalado nos altos arranha-céus, aonde só se chega levado pela gaiola metálica dos ascensores, ou numa aldeia modesta, onde se encerrasse entre quatro paredes de um consultório de taipa.

Por isso, sem vaidade ou sede de lucros, escolheu estes sertões desprotegidos e armou neles, providencialmente aqui, a tenda benfazeja. Armou-a e, apaixonado sacerdote que é da ciência que abraçou, e que ele honra e serve como os que mais a tenham honrado e servido, a ela, a sua tenda, ou seja, o seu consultório de médico da roça, como ele modestamente se diz, chegam de toda parte, de perto, de longe, do Estado ou de além fronteiras, clientes ansiosos, tocados pela confiança na eficácia certa das suas receitas ou pela segurança quase infalível dos diagnósticos, para os quais nunca se fizeram precisos raios-X ou prévios exames de laboratório, porque uma simples percussão ou o disco do seu estetoscópio colado ao corpo do doente lhe dão a enxergar, sem ver, com assombrosa precisão, o vírus ou a doença que anda lá por dentro.

É extraordinário, de certo, tudo isso; mas é verdade, porque me consta que a doentes abastados que, duvidosos, chegam até ao asfalto, neles os raios-X acusam a mancha do derrame, tal qual já enxergara sem ver o médico da roça, este que, louvado seja

Deus, prescindiu até hoje daquele aparelho...

E, se não é extraordinário, ou, contrariamente, haja quem assegure seja coisa muito simples tais façanhas, desconfio sempre deva-se aí aquela história do ovo de Colombo, para cujo equilíbrio ninguém, antes dele, se lembrara de preparar a base com aquela pancadinha...

E depois, meus amigos, a envolver ainda o exaustivo exercício de quarenta anos de clínica ininterrupta, a sua honestidade profissional sem mancha, o seu escrúpulo, a sua comovedora caridade, esta, então, de que o cliente leva tantas vezes gratuitamente a receita e o remédio, quando não se deixa ficar até mais tarde para o almoço, repetindo-se as ocasiões de levar, àquele preço, a receita e o remédio, o dinheiro, o almoço e o farnel...

Convenhamos, é comovedor! E ainda não se consignaram os serviços numerosos, infinitos, prestados a desoras, fora de casa, em noites tremendas, ao preço, às vezes, de nem um agradecimento.

Mas, não vos espanteis agora, quando, a esses extremos de bondade, de humanidade deste homem educado e caridoso, se sucedem inexplicavelmente momentos de dureza, de estouvado aborrecimento, de zanga, de cólera ou barulhenta revolta à aproximação de um cliente qualquer, que foge então daquela tempestade, sem graça, desservido algumas vezes, e quase todas assombrado. A quando e quando, no consultório ou em casa, a rudez dessas manifestações.

Pura aparência, meus amigos, vos afirmo, porque ali não está nunca o Dr. Isaías, o homem caridoso e de fina educação que todos conhecemos; tudo aquilo deve ser a deflagração de órgãos que se chocam, possivelmente os nervos e o coração, que já não se satisfazem. Eu vos asseguro que a briga é toda desses órgãos, - não sei se ele próprio já descobriu, - do coração generoso, imenso, magnânimo que quer dar, que quer servir, com os nervos gastos, doentes, revoltados, que já não podem conceder. E então, a descarga: deflagra-se a tempestade. Mas, torno a dizer, não é ele: são os nervos e o coração que estão brigando...

Deixemos, agora, estas feições do seu temperamento, que fora, de certo, veleidade explicar, por isso que, na análise de um homem, queiramos ou não queiramos, vamos inelutavelmente esbarrar nesse, que sempre seremos, o eterno desconhecido de Carrel. Volvamos antes, pois, à significação desta festa nestes transportes de corações em volta de um coração; sintamos com ele, estremecendo, a extensão, a profundidade, a sinceridade destas expansões, a que se vieram juntar, esquecendo distâncias, tantos amigos, não faltando colegas seus a rodear também, em deferência afirmativa, como num preito à ciência, o coração do grande médico; a que se junta, igualmente, sentindo o seu amor, todo o comovido amor de sua família; a que se faz presente, ainda, como graça do céu ou uma grande bênção de Deus a santificar o momento, a figura querida deste bispo amigo, que é S. Excia. Reverendíssima, Dom Francisco Expedito Lopes.

E em meio ainda a estas demonstrações de fervoroso carinho; em meio a estes transportes, estas luzes, estas músicas, estes hinos, - o hino maior do coração do povo, da benquerença dos seus amigos, do amor desta cidade, que ora lhe trazem, sim, a cidade, os amigos e o povo, à falta de mais alto mimo, aquela estatueta simples, em que, em todo caso, entendem perpetuar, no bronze de uma alegoria, a lembrança deste dia inesquecível e a sua viva e imorredoura gratidão; tão viva, tão imperecível gratidão, que um dia, quando, junto do nosso, já não pulsar o coração do amigo; quando esta cidade, estas ruas, estas famílias não mais ouvirem o manso perpassar dos seus passos costumados; quando a correnteza do tempo, sim, a inelutável correnteza do tempo o houver levado tristemente à paz da morada derradeira, e lá se vir uma gota de orvalho a rorejar a lousa estremecida, eu vos afirmo que não terão sido as frias madrugadas ou as noites indiferentes que a verteram ali; será, antes, a dor, a lágrima sentida da saudade perene desta terra amiga que não o esquecerá jamais.

E então, meus amigos! E que mais queres, amigo meu?

Simplicio Mendes, 27 de dezembro de 1953

José Atanásio de Santana

DISCURSO NA INAUGURAÇÃO DA ESTÁTUA

Discurso de José Atanásio de Santana por ocasião da inauguração da estátua do Dr. Isaías no centro da praça que leva seu nome, em Simplicio Mendes (09/07/1964)

Quando, neste instante e nesta tarde comovida, se descobre aquela estátua, e estareis aqui a esperar, talvez, um discurso bem falado, eu vos asseguro com pesar que, de mim, mal ouvireis palavras só sentidas.

Começo por dizer que nunca me foi dado conhecer, como é natural a todo homem sem cultura, nunca me foi dado conhecer, ia eu dizendo, a origem remota das estátuas; mas, decerto, deve vir de muito longe, do começo dos tempos até, antes mesmo das primeiras civilizações da terra, porque dois poderosos sentimentos humanos – o amor e a admiração – não careceram jamais de qualquer técnica para, antes mesmo da idade dos metais, modelar no barro ou na pedra a imagem dos seus heróis e dos seus deuses.

Ao irresistível impulso desses sentimentos, o homem de todas as épocas, das mais recuadas até nossos dias, sempre buscou eternizar a memória dos seus maiores, e desde então o escopro e o cinzel dos artistas, guiados pelo gênio deles, povoam com a maravilha das suas estátuas e esculturas, talhadas no mármore ou fundidas no bronze, os mais famosos museus e jardins da terra. E não só os heróis, não só os santos ou os grandes homens tiveram, em todos os tempos, a consagração das estátuas senão até mesmo as ficções,

os entes da imaginação, multiplicados aliás pela força do gênio grego, cuja mitologia, personificando-os, criou para eles formas ou símbolos de impressionante e encantadora expressividade.

Desnecessárias digressões estas, minha gente, quando vos venho falar aqui das razões fortes, mais que isso, dos irresistíveis sentimentos que levaram esta cidade, na sua sensibilidade e gratidão, a fazer modelar a estátua, a cuja ereção estamos aqui tão comovidamente assistindo, dessa extraordinária expressão humana, transbordante de bondade e de talento, que foi, nestes sertões e sem contestação possível, o Dr. Isaias Rodrigues Coelho.

Todos ou quase todos conhecemos a comovedora vida social e profissional do grande médico sertanejo. Mal saído, aos 23 anos de idade, da tradicional Academia de Medicina da Bahia, o moço de então, cujo crânio encerrava uma robusta e formosíssima inteligência e cujo peito um imenso coração de filantropo, deixa o asfalto citadino, despreza os meios adiantados, que lhe estariam, de certo, a acenar com vantagens tentadoras para a sua incipiente cultura médica e natural ambição de jovem, e, à força de um poderoso impulso – o amor da sua terra e da sua gente -, busca, precipite, estes incultos e desolados sertões do Piauí.

Como aqueles mansos e heróicos eremitas da Tebaida – porque isto aqui, ao tempo, era também uma Tebaida – o jovem médico demanda estas paragens desprotegidas e arma então, bem ali, no princípio de uma modesta rua, a sua tenda benfazeja. Arma-a, sim, e ela vai ser, já o sabeis, não sei se por 45 anos de labor consecutivo, aquele seu desarrumado mas prodigioso consultório médico. E foi ali, dentro dele, e tantas vezes fora dele, que o monge da ciência, aquele beneditino obstinado, fez de toda a sua vida, para a vida de tanta gente, um exaustivo e humanitário sacerdócio, de labor sem trégua, que lhe não permitia método nem marcar horário, no seu devotamento ao enfermo, na sua imensa magnanimidade para com todos, na sua tão grande consagração à ciência, que veio a tornar-se, no interior do Piauí, o oráculo incontestado, a pontífice sem rival da ciência que abraçara um dia.

Mas, a sua ciência só, o só apego obstinado à vocação não criariam nunca, no coração do povo para com ele, no rude meio onde viveu, aquele amor, aquela gratidão admirativa, se não fosse, aliada a tantas outras excepcionais qualidades, a sua bondade, a sua renúncia, a sua filantropia, isso que se traduz no interesse pelos outros, escrevendo assim, com a alma e consagração à ciência, o poema torturado do trabalho, que foi, comovidamente, a sua existência toda.

Sessenta e nove anos viveu ele, ou não sei se só sofreu, porque foram 69 anos bem cansados e mal vividos no asfixiante desconforto destes sertões incultos, onde o escrupuloso exercício de uma profissão o debruçou pertinazmente, por mais de 45, em interessada ausculta, estetoscópio colado ao ouvido, aquele seu estetoscópio que era o seu incomparável Raio-X, que lhe dava a ver por dentro o mal que muitos não lograriam nem mesmo enxergar por fora.

Curvado ali no seu tocante espírito de renúncia, deslembado de qualquer remuneração que fosse, de que não fazia caso, porque o caso para ele era curar; preso que estava assim ao escrupuloso esforço de acertar, auscultando, apalpando, esmiuçando antecedentes patológicos do cliente, ele chegava sempre, ajudado de assombroso tino médico que possuía àquela segurança admirável dos seus incontestados diagnósticos.

Foi isso, meus senhores, foi assim, vivendo assim, clinicando assim que o extraordinário médico sertanejo alcançou a merecidíssima fama que o havia de aureolar até a morte, mas lhe custava também aquele preço, o preço do trabalho, da pertinácia, da bondade, do escrúpulo científico, da honestidade profissional sem símile nestes ingratos sertões de nossa terra.

Esse nobre procedimento e escrupulosa capacidade profissional haviam compreensivelmente de lhe encher o consultório, aonde acorriam às vezes verdadeiras multidões – gente daqui, gente de perto, de longe, de outros estados, em busca do apóstolo, cujas receitas eram comovedoramente pagas a cinco mil réis, muito maior número gratuitamente, e os mais pobres voltando de lá com a receita no bolso,

os remédios na mão, se não ainda, depois de uma ligeira volta pela residência contígua, mais alguma coisa no bernal para a viagem de volta. Não sei eu é calcular, nem talvez mesmo qualquer contabilista hábil, a percentagem de lucro em todo aquele incrível trabalho médico, querendo crer que daquele jeito a coisa acabava em déficit.

É decerto comovedor, mas era assim. E em meio a todo esse duro e exaustivo labor, cansado, achacado, a sua inexcedível magnanimidade ainda deixava espontar, não obstante, aqui e ali, o chiste, o gracejo fino, com que suavizava adrede a imensa canseira cotidiana. Assim é que, num desses dias de plethora consulente, ele diz para uma pequena de seus seis a oito anos que acabava de receitar e sabia ser filha de um casal paupérrimo e de numerosa ninhada, não sei se dos seus 13 ou 14 filhos:

– Menina, diga a sua mãe que o Dr. Isaías manda dizer que já basta, não precisa mais filhos, não, que seu pai é muito pobre, não poderá sustentar mais dos 14 que já tem. Não é você mesma a caçula da família? – indaga interessado e amigo o generoso médico.

– Não, seu doutor, responde, viva e ingenuamente, a menina; Mamãe ainda tem outros depois de mim, sendo que o derradeiro ela ainda está dando de mamar.

– Então, minha filha, desiste ele com saborosa graça, deixe estar, não dê mais o recado não, que não tem jeito...

Era assim, e são estes, entre tantos outros episódios, uma amostra apenas da simplicidade amiga na vida do incomparável filantropo destas paragens. Mas, não vos espanteis agora: o apóstolo, o santo homem vai, não sei se logo no outro dia, virar demônio. É que recém-chegado de incômoda viagem, aborrecido, nervos descontrolados, desanda agora com o primeiro cliente que, talvez ruído pelo pé, como se diz, no aluguel da roça para o cavalo, havia já três dias, à espera do doutor ausente, lhe suplica às pressas a receita libertadora.

– Vou chegando, o senhor me deixe, estou cansado, explica o médico.

O homem insiste, e - valham-nos os céus! - cansado, neurastênico, ele se volta e aplica no infeliz, desta vez não foi nenhum remédio não, mas tremenda descompostura, que finaliza mandando ainda o pobre coitado para o inferno que - dizia ele - é onde deve haver mais médicos, referindo-se de certo aos incapazes ou maus de coração. De qualquer sorte, acho, de mim, que não deveria ter posto assim, nem mesmo por aborrecimento, tantos colegas seus naquele lugar horroroso.

Mas aquilo era um instante apenas. Descansando um pouco, amainavam-se-lhe os nervos, e lá se vinha o imenso coração de homem que, agora vexado, condoído, talvez mesmo arrependido, apressa-se em mandar procurar pela cidade, na feira, pelas lojas ou rancharias, a pobre vítima da sua neurastenia sem remédio, para, agora, auscultá-la escrupulosa e demoradamente e dar-lhe depois, solícito, a receita desejada.

Resultado:

- Não ganhei hoje um tostão que fosse, - disse-me ele na noite desse dia. - Só dois clientes me procuraram o consultório. Um deles, pelo aspecto, me pareceu muito pobre, não lhe cobrando por isso a receita; o outro, pelo contrário, até trajava paletó e chapéu de feltro (era o homem com quem zangara) e bem me poderia pagar os dez mil réis da receita, - que já era esse o preço, - mas eu dispensei também esta, de que me senti sem direito e de antemão pago em virtude da descompostura que de mim, sem razão, logo cedo agüentou o coitado.

Era assim. E de outra feita já não aconteceu com nenhum matuto, não. O pelintra cidadão lhe aparece em casa para um assalto desonesto, desconfiava ele, à Prefeitura, a cargo então de um sobrinho seu, com quem morava. Ele tinha um tremendo horror à desonestidade. Não obstante, educadamente se desculpa e, maneiroso, informa que, além de pobre o município, não via qualquer vantagem na contribuição solicitada contra apenas fotografias e dados que colhia o interessado sobre a comuna, a serem publicados,

segundo este, numa revista, não sei se nunca vista e não sei também de onde.

– Mas, coronel, - ia o moço discordar...

Santos do céu! Que veio em má hora aquele “coronel” que o velho médico julgou pejorativo ou de zombaria. E sapecou:

– Coronel não senhor; coronel é o mineiro que compra bonde; eu sou é médico, mas, para ser médico, não preciso de distintivo, de enfiar (a expressão é dele) de enfiar o fura-bolo num anel de pedra verde que eu possuo...

O resto já podemos adivinhar: deixa a sala de visita o nosso homem, naturalmente camisa esporte a caixeiro viajante, manga curta e bem passada, com um frio e desconsertadíssimo “até logo”.

Mas tudo isso são meros incidentes, já se vê, que em todo caso ilustram e dizem muito do caráter e nervoso temperamento do caro estatuado. Eram esses os seus defeitos que, em ocasiões assim, o levavam às vezes a desservir. Defeitos, sim, defeitos humanos, de que nenhum homem logrou jamais, neste mundo, passar incólume. Mas, no grande livro da vida, as parcelas que ele tinha do lado do “haver” eram infinitamente maiores e mais numerosas do que as do lado do “deve”. O saldo credor era, assim, tão grande que apagava ou mal deixava ver, na coluna do outro lado, o débito insignificante.

E quando, por quarenta e tantos anos, agarrado, fisdado à humanitária profissão de médico, de médico da roça, como modestamente se dizia ele, é que se começou a sentir intensamente a enternecida compreensão de todos e um reconhecimento mais profundo dos beneficiados para com aquele homem simples, paradoxalmente manso e enfurecido, 8 vezes desesperado neurastênico e 88 santamente angélico, na sua enternecedora lida de curar e de servir, em que viveu, em que sofreu, se desfez e morreu. Desdobrava-se deste jeito a vida profissional do grande médico sertanejo, e diferente não era o encanto e desprendimento de sua vida social ou doméstica. Pela rua, sustendo sempre aquela estragada

e clássica bolsinha, portadora de alguns instrumentos, talvez o bisturi para cortar por fora e o estetoscópio para enxergar por dentro, ele atravessava esta pequena cidade (quem não o lembra?) devagar e meio curvado, nas suas visitas costumeiras, repetidas e gratuitas, tantas vezes quisessem os doentes ou quantas se fizessem necessárias.

Foi, assim, comovedor e imenso, o seu devotamento; mas a cidade e o povo não esquecerão jamais, e tão grande e enternecida é, para com ele, o seu carinho e reconhecimento, que ainda guarda, nítida na retina, a figura derreada do benfeitor incomparável e ao ouvido lhe chega ainda, e estará por toda vida, o eco dos seus passos moderados pela calçada amiga destes lares. E era nestes, que já pareciam mais uma extensão querida do seu lar, que ele conversava longa e amavelmente, sem que nunca tivesse sido bom conversador, sabia em todo caso pontilhar de fina graça e trocadilhos oportunos a palestra descuidada, que esta, já despertando interesse, entrava de logo a agradecer e fortemente atraía. Assim é que, conversando certa vez com um colega que, de certo, lhe admirava a cultura e capacidade profissional, ele diz com modéstia e numa bem achada comparação, que, quanto à medicina, vivendo aqui, no sertão distante, ele era como aquele devoto, que, de tão atrasado na procissão, já havia até perdido o andor.

Pois, enganar-se-ia quem assim pensasse, porque, por mais longe e mais alto que o levassem os corifeus da medicina, ele, o velho e achacado monge, de dentro ali de sua cela, que era um quarto em incorrigível desmantelo, estava sempre atento, não o perdendo de vista nunca, e, se enganasse quem quisesse, ele estava era toda vida bem junto e rente ao andar da sua ciência.

Afinal, meus senhores, aquela figura superior, robusta inteligência e possante cultura médica, plantada aqui, vivendo em meio a estes sertões distantes, e a derramar por eles o doce mel da sua bondade e sabedoria, leva-nos a lembrar, como por uma natural associação de idéias, “o buriti perdido”, de Afonso Arinos; mas este, a velha palmeira solitária, ao menos tinha vida, era “o poeta

dos desertos, o vegetal ancião”, como lhe chamou o apaixonado sertanista mineiro, podendo assim ouvir e sentir o gorjeio e contato amigo das aves ariscas que lhe procuravam a fronde. E mais que isso, podia ainda cantar, farfalhando à doce aragem das poéticas paragens de Minas, pela garganta verde de suas palmas, num comovido louvor ao Deus da natureza, o seu hino murmuroso de palmeira. Mas o nosso caro Dr. Isaías – oh! Meus Deus! – esse já não vive, e, diante de sua estátua, passarão, decerto, bandos de colegiais sobraçando livros; devotos demandando a Igreja; pares de namorados, vagarosos, em reticentes e cálidos idflios; crianças – oh! As crianças que ele adorava tanto! – saltitando em torno, parecendo doidos passarinhos em risos de celestial gorjeio, e ele, aquela fina sensibilidade de antena que ele era, agora ali numa efígie, mudo, morto, estático, sem alma, nessa brônzea e fria indiferença mesma das estátuas. Tristemente havia de ser assim, porque aquele grande, aquele imenso coração, de tanto servir, de tanto dar e assistir tanto, havia também de arrebentar, como arrebentou num enfarte que impiedosa e fatalmente o matou. Estava em Teresina, aonde o levava desta cidade algumas horas antes um avião particular, a conselho amigo e insistente de colegas seus que o assistiram aqui. Acolhido carinhosamente lá por médicos, admiradores ou amigos, de pronto o levam à câmara de oxigênio. Melhora um pouco, conversa ainda e, tremenda fatalidade, um novo acesso e ele tomba, estertoriza e morre.

Devia ser uma noite triste de janeiro. Sendo noite e sem horário telegráfico para aqui, nada nos comunicou de pronto o telégrafo. Na manhã seguinte, o horror da notícia, que nos atinge com a força de um impacto. A cidade estremece sem querer acreditar. Era demasiado dura para ser uma inexorável realidade. E no entanto, àquela hora, já não vinha muito longe o esquife trazendo o corpo para a sepultura aqui, onde lhe seria mais leve a terra, segundo dissera ele, horas antes em Teresina, num último, amigo e doloroso gesto.

O povo apinhado em frente à casa dele aguardava estremeando o benfeitor incomparável. Mais alguns instantes e se anuncia em pranto a aproximação do jeep, empoeirado da velocidade nos caminhos, e já agora rodando devagar, como para chocar menos a multidão em pranto que o espera ali. Fechado no seu caixão de cetim roxo, retiram do veículo empoeirado o morto estremeado. A romaria é então imensa e não sei se a mágoa maior ainda. Caía já a tarde quieta e triste quando o levamos para o cemitério. Nada vos digo do trajeto. Lá, algumas palavras sentidas de oradores, flores e lágrimas, e o sepultamento. Regressa, depois, calada, a multidão. Dir-se-ia a personificação da mágoa voltando em silêncio, sacudida de soluço e molhada de pranto. É que, sob o montículo de terra de uma sepultura, lá ficara, efetivamente, o Dr. Isaías Coelho.

Meus amigos, é ante acontecimentos assim que o homem, o homem que cogita, nesses momentos em que só os pés o têm preso à terra, mas o pensamento voltado inteiro ao de cima de nossas cabeças, atira instintivamente o olhar ao longe, perdendo-o sempre no horizonte distante; e tão intensa e demoradamente o fita que dir-se-ia querer alcançar horizontes detrás do horizonte, como que a interrogar, a perscrutar o seu destino na terra e além da terra, num indefinível desejo de infinito, na sua sede de Deus, na ânsia de eternidade, não sei.

Sem o amigo e benfeitor sem símile, via-se que uma como sensação de desamparo angustiava a cidade toda, que, numa recordação e saudade enternecida, não o esquecerá jamais.

Inconformados com a enorme perda, pensamos, conterrâneos, admiradores e beneficiados, num meio, num símbolo, um testemunho que fosse, para, perpetuando a memória do inolvidável filantropo, dizer também às gerações adiante, do nosso reconhecimento e sensibilizada gratidão.

Veio assim a idéia da estátua, que aqui está e para a qual, em sensibilizante gesto, concorreram, generosos, municípios vizinhos, como tantos amigos de fora, e, para acolhê-la, rodeando-a de canteiros, de jardins e de luzes, esta praça bem cuidada,

homônima do inesquecível morto, a inaugurar-se hoje, esta praça, sim, que, numa demonstração positiva de bom gosto e capacidade realizadora, nos oferece o Sr. Ney Moura, esse inteligente e esforçado prefeito municipal. E a estátua aqui está, expressiva e perfeita, digna em verdade do cinzel de escultor consagrado que é Dante Croce, que, à distância, no Rio de Janeiro, e sem elementos bastantes para uma obra perfeita, pôde não obstante realizá-la assim, graças ainda à solicitude amiga, à influência e escrúpulo inteligente de nosso encarregado ali, desse, por sinal grande admirador do morto e um dos mais robustos talentos do Piauí, o engenheiro Dr. Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves. E, torno a dizer, a estátua temo-la diante de nós, e em torno dela, que se inaugura hoje, toda uma multidão comovida – estes amigos, estes médicos, estes sacerdotes, gente humilde e altas personalidades – todos juntos a nós nesta sensibilizante e póstuma consagração.

Mas, minha gente, um temor, um receio ainda nos assalta. É que a terra cresce, diz-no-lo a ciência, asseguram-no-lo os geólogos. Se assim for, formações geológicas, superpondo camadas e camadas por estas regiões, em séculos, idades ou milênios, poderão um dia – quem sabe? – a infinita distância de hoje, vir a soterrar a nossa estátua. Só de pensá-lo, que imensa, que infinita mágoa! Em todo o caso, bem poderia acontecer que, milênios e milênios adiante, após o lento fenômeno geológico que a houvesse soterrado, arqueólogos viventes nessas eras, em escavações possíveis por estes lugares, como nos nossos dias o fazem no Egito e na Mesopotâmia desenterrando cidades e monumentos da antiguidade, viessem também a descobrir, por um desses estarrecedores acasos, a estátua estremecida. E então, surpresos diante dela, admirando, limpando, esquadrinhando o precioso achado, baixassem os olhos até ali a peanha e ainda pudessem ler, suja de terra e enferrujada das idades na escuridão do subsolo, aquela inscrição singela e comovida: “Ao Dr. Isaiás, esta terra agradecida”. Consola-nos a hipótese. E tenho dito.

José Atanásio de Santana

UM RETRATO DO DR. ISAÍAS

Discurso pronunciado por Dr. José Expedito Rêgo, por ocasião da inauguração da Praça Isaías Coelho, em Simplício Mendes, em 9 de julho de 1964, onde se ergueu uma estátua de bronze do grande médico, em tamanho natural.

Surpreendeu-me grandemente e me encheu de emoção o convite que recebi da ilustre Comissão Organizadora desta homenagem póstuma ao grande médico, para que pronunciasse aqui, nesta sessão solene, a palavra oficial. Não desejo cair no lugar-comum do modesto “Senhor, eu não sou digno!”, mas confesso que não mereceria tamanha deferência, no meio de tantos e ilustres filhos da terra, se não fosse a bondade e a própria modéstia desse povo bom de Simplício Mendes.

Alegam que eu era colega do grande homenageado. E eu tenho a dizer que jamais considerei Dr. Isaías Coelho meu colega: sempre o tive na conta de mestre!

A intimidade que houve entre ele e mim foi a do professor bondoso para com o aluno admirado e agradecido. Jamais o tratei por você, sempre o chamei de senhor.

Nos vários contatos que tivemos em nossas vidas, muito aprendi daquele cérebro luminoso e sábio, que tinha a virtude de ensinar como quem se desculpa por saber mais que os outros. Parece que o estou vendo falar:

– Você sabe, Expedito, isto assim, assim, você já deve ter lido...

Eu não tinha lido, eu não sabia. E ele me ensinava, assim como quem estava apenas avivando-me a memória... E eu recebia uma aula melhor do que muitas das que tive na Faculdade.

Quantas consultas lhe fiz, quer pessoalmente, quer pelo telégrafo! Ele sempre solicitamente, sabiamente, respondia, ainda pedindo escusas por não estar muito a par dos modernos conhecimentos médicos, por viver “socado nestes cafundós”. É, porém, do conhecimento de todos que a modéstia e a simplicidade são virtudes do sábio. Não a falsa modéstia, a modéstia farisaica, mas a verdadeira, aquela que vem do conhecimento, da experiência de ver que, quanto mais se aprende, mais se enxerga crescer, em progressão geométrica, ante o olhar assombroso, a vastidão do campo do conhecimento e do mistério.

Relembrar aqui a vida e a obra do Dr. Isaías Coelho torna-se, ao meu ver, supérfluo. Ele é por demais conhecido de todos, sua memória é recente, ele está vivo, ali no bronze da praça pública, ele está presente aqui nesta assembléia, sentimos sua pessoa entre nós, neste momento, como se tratasse de verdadeira materialização espírita.

Desejo apenas realçar, quanto esteja ao meu alcance, a obra desse grande médico do interior, tão grande como houve poucos, ousou dizer, em todo esse Brasil de nossos dias. Refiro-me à classe de médico do interior, essa classe de homens abnegados, verdadeiros monges do sacerdócio médico, que se tornam exímios no manejo diagnóstico, em virtude de não disporem dos recursos da moderna técnica laboratorial, dos raios-X, dos inúmeros exames complementares, tão necessários ao exercício da prática médica. Homens como o Dr. Isaías, com sua fulgurante inteligência, com sua bondade, com sua dedicação ao doente, com seu interesse pela profissão, com sua devoção à Medicina, tornam-se tão peritos no exercício da clínica médica, que nada deixam a desejar, no tocante a diagnóstico, aos mais exigentes catedráticos dos grandes centros nacionais de cultura.

Metido aqui neste recanto perdido do Brasil, Dr. Isaías só dispunha de seus livros, de suas revistas chegadas com bastante atraso, de sua experiência, de sua inteligência, de sua insônia solteirona, de seu indefectível cigarro, para o estudo dos casos difíceis. No entanto, Dr. Isaías diagnosticava, aqui, casos da terrível moléstia de Chagas e os doentes iam para São Paulo, e o exame de laboratório confirmava o diagnóstico. Dr. Isaías diagnosticava, aqui, casos de Calazar, a insidiosa leishmaniose visceral e os doentes iam para São Paulo e era confirmado o diagnóstico e era continuada a terapêutica já por ele instituída. Cito esses exemplos apenas para mostrar a grandeza do tirocínio, o gabarito desse grande esculápio dos sertões. E também para que compreendam ter sido ele um grande clínico não somente porque morava numa cidade pequena, no estado mais subdesenvolvido da Federação, num meio de pouca cultura científica. Não! Dr. Isaías teria sido ainda maior do que foi entre nós, se tivesse vivido em um grande centro. Se a vaidade, nele, fosse maior do que o amor a esse rincão desprotegido, a esse povo pobre e sofredor, a que ele serviu como escravo. Infelizmente, o leigo, por mais educado e inteligente que seja, jamais poderá compreender o sacrifício que é praticar a medicina no interior. O povo de Simplício Mendes nunca resgatará sua dívida para com o Dr. Isaías. Se por um acaso de todo impossível, se repetisse aqui o episódio evangélico da mulher adúltera, por certo Jesus não diria: “– Atire a primeira pedra, quem estiver sem pecado!” Mas sim: “– Atire a primeira pedra aquele que não deve um favor ao Dr. Isaías!” A pecadora seria, com certeza, igualmente salva. Só mesmo um médico pode aquilatar o sacrifício do exercício da medicina numa cidade pequena. A paciência que é preciso ter com o doente ignorante; o auto-domínio necessário para reprimir os diques da indignação para com o cliente pedante, o que dá palpites, o que quer orientar o médico, julgando ser certo o anexam que diz: “De médico e louco, cada um tem um pouco”. De louco pode ser, mas de médico, não! Unicamente o médico, por menos dotado que seja,

está apto a exercer a clínica. O cuidadoso processo de triagem das Faculdades não permite que delas saiam ineptos. O leigo mais culto e erudito em assuntos alheios à Medicina está menos preparado para indicar a conduta que se deve seguir diante de uma doença, do que o médico mais inexperiente, recém-saído da Faculdade.

Imaginem agora o Dr. Isaías, o grande terapeuta, o exímio perito da diagnose, a suportar os palpites, as suposições, as insinuações do paciente convencido, dos familiares, das comadres palradeiras! Nem a esmerada educação, nem o coração grande e bondoso impediram que seus nervos eclodissem, de quando em vez, nos célebres calundus tão conhecidos de seus íntimos.

Só mesmo o médico pode avaliar a dor funda e cruciante da ingratidão, tão comum no doente curado, das murmurações, do “diz-que-diz-que” dos ignorantes.

Essa estátua, ereta hoje, aqui, mesmo no coração desta cidade, diz bem do reconhecimento do povo de Simplício Mendes. Mas é pouco ainda, a dívida nunca será paga! Neste momento, onde estiver a alma do nosso querido homenageado, entre os eleitos do Cristo ou, talvez, no Limbo de que fala Dante em seu divino poema, confabulando com Platão, com Sócrates, com Hipócrates, onde ele estiver, estará sorrindo desta homenagem. Sorrindo, na sua modéstia, da ingenuidade desse bom povo de Simplício Mendes, que lhe erigiu uma estátua. Dirá sem dúvida que esse povo é bom demais, que é de uma bondade infinita, como já disse certa vez. Bondade infinita, porém, é a do Dr. Isaías Coelho, que se deu todo, que se entregou, que se deixou sugar até a última gota de sangue, até o último instante de vida, como o pelicano do lírico poema de Musset, por essa terra que foi sua única esposa, por esse povo que foram seus únicos filhos.

Não, a dívida jamais será paga! Somente os médicos podem compreender, avaliar o que representa o exercício da medicina, numa cidade pequena. Vivemos uma vida de constante “stress” psíquico. Temos diariamente debaixo de nossa

responsabilidade, vidas preciosas de crianças inocentes, de homens angustiados, de mães de família insubstituíveis. Temos uma existência de perene estado de emoção e expectativa, como nos contos de “suspense” da literatura policial. Não há coração que resista, não há nervos que se não desgastem, não há organismo que se não aniquile. A estatística demonstra, com sua infalibilidade e rudeza matemáticas, que o tempo médio de vida dos médicos é inferior ao dos outros indivíduos do mesmo grau socioeconômico. Não sei se já foi averiguado o tempo médio de vida do médico do interior, mas deve ser, com certeza, menor ainda.

Dr. Isaías poderia estar vivo, entre nós, em carne e osso, não na representação simbólica de um êneo monumento público, se se não tivesse deixado matar por esse bom povo de Simplício Mendes. Cumpriu, todavia, as leis da Natureza: os pais foram feitos para se dar aos filhos, para se deixarem sugar até a última gota de vida. Os filhos foram feitos para exaurir até o último instante, o sangue dos pais. A gula dos filhos não deve ser tomada como usura, nem apelidada de egoísmo. O mal que se pratica inconscientemente, por um imperativo da Natureza, pode ser um erro, mas não é um pecado. Dr. Isaías poderia estar vivo aqui entre nós, mas Deus não o quis, a Natureza Humana não o permitiu. O “stress” profissional minou-lhe as artérias do miocárdio, determinou o infarto.

Assisti, certa vez, a um parto feito por Dr. Isaías. Era uma extração a “fórceps”. Ele manejava aquele instrumento, cuja simples visão causa arrepios na espinha dorsal dos leigos, com a perícia dos mestres, com a mesma facilidade com que se pode mover as peças de um jogo infantil. A diferença é que aquilo não era um jogo infantil. Quem olhasse para a fisionomia do grande médico, naquele instante, veria nela estampada a tensão emocional dos grandes momentos. E Dr. Isaías era um médico de grande experiência, havia feito talvez mais de cem “fórceps”, mas a Medicina é assim mesmo. Cada caso é uma experiência nova, cada doente é único. Cada intervenção nos enche de nervosa expectativa, de apreensiva e

angustiosa “suspense”. Como poderia um coração velho e cansado sobreviver a tanta luta? Como poderia o povo de Simplício Mendes deixar de exigir que aquele coração lutasse até não poder mais, esse povo movido do inconsciente egoísmo que é também uma forma de amor filial?

Certa vez, Dr. Isaías me confessou que se sentia cansado, que gostaria de entregar sua clínica a um médico mais novo e mais disposto para o trabalho, a fim de que ele ficasse apenas com casos de clínica escolhidos, para um estudo metuculoso e agradável, que lhe seriam verdadeiro passatempo na velhice cansada. Quem sabe, ele não tencionaria escrever um livro de Clínica Médica, de Medicina do Sertão, que seria de tamanha utilidade para nós outros seus discípulos? Sonho vão, sonho impossível!! O povo de Simplício Mendes não poderia largá-lo senão depois de morto. O amor entre ambos era grande demais. O velho cacto espinhoso a que ele se comparou no famoso discurso de 27 de dezembro de 1953 deveria continuar brotando flores benfazejas, rorejadas do orvalho da bondade desse bom povo que ele amou demais.

Grande prova de amor da gente de Simplício Mendes ao seu querido médico, tive-a eu em circunstância singular, alguns meses depois da morte do Dr. Isaías. Vindo até aqui, chamado para atender a um caso de doença, dei algumas consultas, maculando com a minha presença aquele santuário da Medicina, aquele consultório ali tão conhecido de todos, onde o mestre passou grande parte de seus dias, no labor incessante do exercício de curar. E a primeira doente que me apareceu, uma senhora pobre, de cor parda, vestida humildemente, logo que penetrou no recinto, começou a chorar. Julguei que se tratasse de nervosismo, tão comum nos doentes à presença do médico; medo de uma doença incurável. Quando, porém, perguntei à mulher por que chorava, respondeu-me que era de saudade de Dr. Isaías; que era aquela a primeira vez que entrava no consultório depois da morte dele e que não suportara a lembrança, a recordação do grande morto, que sempre a recebera

ali com o conhecido carinho e devotamento. Eu, por minha vez, me deixei tomar de emoção, de sentimento de culpa, de profanação daquele ambiente e, por certo, a doente não aproveitou bem a consulta.

A primeira vez que vi Dr. Isaías, eu era uma criança e ele era já famoso. Vi-o pela primeira vez à cabeceira de um doente de minha família. Achei-o sisudo e feio, mas aprendi, desde logo, a admirá-lo, por causa dos elogios que lhe fizera já, antes, a gente grande. Na minha inocência, não distinguia o belo do bom, não podia divorciá-los, e me espantei de que o feio pudesse ser bom e grande. Quem sabe se aquela primeira impressão não influiu na escolha desta profissão que abracei, se bem que não tenha jamais encontrado as pegadas do mestre?

A última lembrança que guardo de Dr. Isaías, a mais viva, foi naquele mesmo consultório, ligado à casa de sua residência. Era uma tarde de tristeza e de luto. Dr. Paulo de Tarso e eu havíamos diagnosticado, no velho coração do grande amigo, o sombrio acometimento de um infarto do miocárdio. Tínhamos pedido que ele guardasse repouso. Ele se levantou, veio até onde eu estava, no consultório. Lembro-me bem: o ricto da dor na face combalida, a mão espalmada sobre o precórdio e me falou: “– Expedito, eu não quero ir para Teresina... Sei que vou morrer, morro aqui mesmo...”

Convenci-o, então, de que devia ir e muito de tal me arrependi. Que desejava eu contrariando o mestre? Se ele sabia que ia morrer, por que não o deixei morrer no seio do povo amado? Por que privá-lo desse conforto no último instante? Por que deixá-lo morrer no leito indiferente de um hospital distante, quando poderia ter vivido seus últimos momentos, acarinhado pela família que o idolatrava, cercado pelos amigos, pelo povo, bem como um rei ou patriarca bíblico, que ele foi nessa terra de Simplício Mendes? Peço agora perdão ao povo desta cidade por ter concorrido para o desenlace distante. A Dr. Isaías não o peço mais. Há muito já, deve ele ter absolvido esta imprudência do discípulo ingênuo.

E os tempos passaram. Os anos se foram e o povo não se esqueceu do grande amigo. A cidade se encheu de flores e, no meio das flores, levantou-se uma estátua. Ali está ele, ereto na imortalidade do bronze. Ali está o velho cacto, cuja vida foi tão cheia de espinhos, sentinela eterna desta cidade adorável, velando as noites frias do sertão, recebendo na frente os vapores escaldantes da soalheira, tal como foi em vida; e, nas madrugadas frescas, recebendo a bênção do orvalho reconfortante, a gota do orvalho da bondade do povo de Simplício Mendes.

E para que talvez me veja redimido da falta para com o povo desta terra, desejo terminar estas palavras oferecendo a esse mesmo povo um retrato do Dr. Isaías, pintado por mim. É o seguinte o retrato: Um soneto ao povo de Simplício Mendes, em memória de Dr. Isaías Coelho:

Esse que vês, em bronze esculpado,
Na praça principal desta cidade,
De ledas, vivas flores rodeado
Qual sombra triste em meio à claridade;

Trazendo no semblante fatigado
Fundas rugas de dor e de ansiedade
E, no comprido lábio desolado,
Um travo de desgosto e soledade;

Não foi poeta, nem se fez famoso
Na política, nem também se diga
Que nasceu nobre, que foi poderoso!

Está todo seu mérito no amor
Com que se deu a sua gente amiga,
Na luta ingente de sanar a dor!...

José Expedito Rêgo

Dr. Isaías Coelho,
DR. ISAÍAS COELHO,
Exemplo às novas gerações
EXEMPLO ÀS NOVAS GERAÇÕES

(Discurso pronunciado pelo então deputado federal Felipe Mendes, durante sessão na Câmara Municipal de Simplício Mendes, comemorando com um ano de atraso, em 19 de outubro de 1991, o Centenário de Nascimento do Dr. Isaías Coelho).

H onrado com a distinção para ser orador nesta solenidade, em que prestamos justas mas insuficientes homenagens ao Dr. Isaías, hesitei entre as palavras improvisadas, que revelam melhor as emoções, mas quase sempre traem a memória, e o discurso escrito, que enseja maior reflexão.

Este é um momento em que devemos ter mais reflexões que emoções, ao evocarmos a vida e a obra do Dr. Isaías.

A maioria de nós, seus conterrâneos, não é contemporânea ou não guarda muitas recordações de sua passagem entre nós. Há 31 anos falecido, o Dr. Isaías continua vivo na lembrança dos que estão na faixa dos 40 anos ou mais, logo, à maioria do nosso povo, ainda na juventude, não conheceu pessoalmente ou não reteve na memória os traços da figura ou os frutos da obra do grande médico.

Eu, por exemplo, deixei Simplício Mendes aos seis anos de idade, em 1955, seguindo com meus pais e meus irmãos o

caminho de tantos conterrâneos, forçados a buscar, em outras terras, a realização pessoal.

Conheço o Dr. Isaías das histórias que os mais velhos sempre contam. Guardo pálidas lembranças de sua figura, o que procuro compensar com as reflexões que faço sobre sua vida e sua obra.

A emoção deste momento não pode igualar-se à comoção havida quando do seu falecimento, nem se compara ao sentimento daqueles que dele receberam a cura material ou o conforto espiritual. Essa maioria, a que me referi, não teve o privilégio do convívio com o Dr. Isaías, mas o privilégio de seguir seus exemplos.

Neste momento, devemos refletir sobre os mesmos temas que tanto o afligiam: a pobreza do nosso povo, mas tão rico em bondade e em esperanças.

Como poucos, ele soube cumprir sua missão na Terra, não apenas a de médico, mas também de cidadão comum, ainda que tenha sido, na verdade, um guia de seu povo.

Recém-formado, decide pelo caminho de volta, em vez de buscar outras terras adiantadas no progresso para estarem à altura de sua inteligência, de sua ciência e de sua arte. Mas, ele sabia, nenhuma outra cidade lhe ofereceria o que lhe era mais precioso: a bondade do povo.

De Simplício Mendes ele disse: “Desta terra, que, mesmo esquecida dos homens, tem larguezas de generosidade para querer bem ao filho que só tem o mérito de a amar, de a querer como ao claustro o monge: Bondade de Simplício Mendes!”

Eis aqui a essência de sua vida: o amor à Terra Natal. Cada um de nós pode, e deve, seguir o exemplo de Isaías Coelho.

De minha parte, procuro cumprir minhas responsabilidades, inspirando-me no seu exemplo.

Tenho compromissos com o povo que represento. Guardo como uma permanente cobrança o telegrama que recebi de Ney Moura Fé, cumprimentando-me por minha posse como Secretário de Fazenda e me informando que eu era o primeiro filho de Simplício Mendes a assumir uma Secretaria de Estado. Esta circunstância eu a tenho como uma permanente renovação de minhas responsabilidades para com o nosso povo.

Mais tarde, fui novamente distinguido com a condição de primeiro filho desta terra a ser eleito Deputado Federal.

Em todos os momentos de grande significado, para mim, procuro revigorar-me com as lições e os exemplos daqueles que souberam prolongar suas existências pela eternidade. Para nós, de Simplício Mendes, o Dr. Isaías é eterno.

Quero aproveitar a oportunidade para lembrar que, se nossa terra excede na bondade do povo, tem também a generosa bondade de Deus, que nos dá, hoje, a presença do Pe. Geraldo, que deixou sua Alemanha para vir tornar-se um sacerdote da roça.

Esta referência vem a propósito de ter sido o Dr. Isaías um homem de profunda crença em Deus. Na saudação que fez ao Padre Anchieta, primeiro filho de Simplício Mendes a ordenar-se sacerdote, ele revelou a firmeza de sua Fé, “não só com a palavra mas sobretudo com os exemplos, com a ação”. Ele hoje certamente estaria agradecendo a Deus pela derrocada do Comunismo, “que nega Cristo, que subordina o Espírito, que nega os direitos sagrados da pessoa escravizada à máquina estatal...”

Médico da roça, como se considerava, humildemente, era um homem à frente do seu tempo, um cidadão do mundo sem sair do seu precário consultório.

Era um filósofo, pois era Sábio.

Era um poeta, pois sabia amar a sua gente.

Que as novas gerações reflitam, para então sentir as

emoções que a lembrança do Dr. Isaías nos proporciona, e para sentir o peso da responsabilidade de cada um no cumprimento do dever de servir aos que estão desamparados.

Como ele disse, “a hora é de ação, a hora é de luta”, referindo-se a esse dever.

Simplício Mendes, 19 de outubro de 1991

Deputado Felipe Mendes

UM BENEMÉRITO

*Carlos Rubem Campos Reis**

Em criança, a primeira estátua pública que conheci foi a de Dr. Isaiás Coelho, plantada no centro de Simplício Mendes. Isto se deu exatamente no dia 03/11/68. “Por que você se lembra desta data?” – os amigos hão de indagar. Ora, associo este dia ao da morte da estimada avó materna, Bembém Nogueira Campos (Maria de Jesus). Naquela época, papai fora ao antigo “Barreiro Branco” receber bens de herança..Estacionou o Jeep em frente da casa da prima Graziela para manter conversa rápida. Saltei do carro. Fui contemplar aquela obra de arte. Causou-me profunda impressão suas linhas esculturais. Achei, porém, desproporcional o tamanho da maleta médica: pequena demais. Ouvia sempre relatos sobre o grande esculápio nas rodas familiares, na querida Oeiras. Absorto, não percebi quando o veículo partiu. Notaram minha ausência. Vieram me procurar. Meu velho estava a “buzinar”. Ao pisar no estribo, levei um cocorote... Chorei!

Mais de quatro lustros, quiseram os fados colocar-me à beira daquela estátua, quando da comemoração do centenário de nascimento deste verdadeiro benemérito, a declamar um soneto da lavra de José Expedito Rêgo, em sua homenagem.

Não quero ressaltar as suas comprovadas qualidades profissionais. Seria lugar comum. Vozes abalizadas já o disseram. Veja, exerço funções ministeriais em Simplício Mendes. Contam-me fatos interessantes protagonizados pelo inolvidável mestre. Ele que nunca deixou de dar uma colher de chá aos “excluídos”. Pena que ninguém até hoje cuidou de colher, por completo, depoimentos orais, ricos em humanismo, envolvendo o renomado médico.

Eis, portanto, algumas historietas sobre o mesmo. Ou estórias. Sim! “Ninguém mente tanto nem mais do que a história”, sentenciou o Marquês de Maricá.

O Dr. Isaías Coelho só gostava de tomar leite de suas vacas. Era o próprio quem as ordenhava. Lavava as tetas desses animais com água morna. Levava para o curral duas toalhas. Em tom professoral, divulgava noções de higiene em todos os aspectos. Debalde os seus exemplos. Quase ninguém assimilava a sua didática. O que fazer?

A sua mansuetude bem o caracterizava. Entretanto, momentos havia em que se tornava irreconhecível. Em ares de doido, bradava que não iria receitar aquela gente que não arredava o pé de seu consultório. Passada a tempestade emocional, para logo procurar os clientes em suas casas ou rancharias, contrito, como que pedindo perdão ante o seu tresloucado gesto. No fundo, vivia estafado!

Entregou-se à sua faina por completo. Tanto assim, faleceu solteiro. Não porque não encontrasse moça casadoira.

Demorava-se dias em Oeiras onde tinha vários afilhados. Determinada ocasião, tendo receitado uma leva de pacientes, procurou distrair-se. Passou pela feira cidadina. No Mercado Público, um caboclo, que não o conhecia, solicitou-lhe que o ajudasse a levantar um jumento caído ante a excessiva carga. O Dr. Isaías prontamente atendeu o pedido. O caboclo puxou as orelhas do jegue. Quando o Dr. Isaías soltou o rabo do animal, as suas mãos estavam sujas de merda... Limpou-as numa casa próxima. Estupefação dos que presenciaram insólita cena. Ao saber de quem se tratava, o caboclo pediu desculpas pela “apresentação”. O Doutor fez de conta que nada lhe sucedera. Afinal, simplicidade cabe em todo lugar.

O seu consultório bem que poderia transformar-se num memorial. Isto depende de sensibilidade. Espírito cívico. Gratidão. O investimento financeiro seria ínfimo. Que tal a Associação Piauiense de Medicina tomar essa iniciativa. Mas, é pedir demais...

*. Carlos Rubem Campos Reis é Promotor de Justiça da Comarca de Simplício Mendes.

DEPOIMENTOS

“**D**e Doutor Isaías falo com o respeito que a infância alicerçou. Cresci vendo-o ministrar as mais honestas e práticas lições de medicina no ‘modesto consultório do sertão’ que sua sábia bondade transformara em verdadeiro centro de ‘romaria’. Havia qualquer coisa de místico na crença com que o procuravam pacientes dos mais diversos e distantes lugares. Só que no seu caso, o mito jamais suplantou o homem de ciência. Nem ele, em nenhum momento, fez-se ou deixou-se confundir. Foi um apóstolo da ciência na mais verdadeira acepção do termo. Viveu e praticou a medicina como idealizada por Hipócrates, fazendo do seu exercício o mais abnegado e sublime sacerdócio.” **(Dagoberto Carvalho Jr., escritor, In Op. Cit., pp. 10 - 11).**



“Foi, inegavelmente, um dos maiores médicos do Piauí, em todos os tempos. Muito simples, modesto ao extremo, à primeira vista não parecia ser o que realmente era: um repositório vivo de cultura e saber.

Estudioso, acompanhava, atentamente, em leituras constantes e as mais variadas, tudo o que se passava no Brasil e no mundo, especialmente no campo da medicina. E a Simplício Mendes

acorriram pessoas de lugares os mais diversos, ansiosos de ouvir a palavra do grande médico que fazia curas verdadeiramente impressionantes para a época. No seu consultório atendia indistintamente a ricos e pobres, sendo que destes não cobrava e a mais das vezes fornecia remédios e alimentação, e até mesmo hospedagem, em sua própria casa.” (Abimael Clementino Ferreira de Carvalho, In Família Coelho Rodrigues – Passado e Presente, p. 408)



“Dr. Isaías fazia operações no próprio consultório, fazendo-se às vezes de enfermeiro, aplicando injeções, cuidando dos curativos e acompanhando a evolução da cura. Realizou verdadeiros milagres, curando doentes que vinham à sua procura, muitos deles até desenganados por colegas médicos de outras regiões. (...)

Foi um médico, sobretudo, humano. Muitas e tantas vezes dava a receita, os remédios e uma ajuda financeira ao cliente para a viagem de volta. Sua conta na farmácia atingia mensalmente somas elevadas. Possuía algumas casas denominadas “rancharias” destinadas a abrigar os enfermos pobres e seus acompanhantes vindos de outras regiões. Providenciava o abastecimento dessas rancharias com lenha, água, querosene para as lamparinas e, não raro, víveres para aqueles mais pobres.” (Sílvio Mendes de Oliveira, In Revivendo Meus Caminhos e Outras Notas, pp. 142 - 143).



PARTE DE ARTIGO PUBLICADO EM MARÇO DE 1980, NUM JORNAL DE SÃO PAULO, DE AUTORIA DO ESCRITOR EDUARDO MAFFEI:

Nos meus tempos de andejo por esses brasis afora, estive, por diversas vezes, nos anos 40, em algumas cidades do Piauí. Todas me impressionaram negativamente tanto pela pobreza material como cultural. Nesse conjunto ficaram-me, entretanto, algumas impressões fortes, excepcionais: as “Sete Cidades”; um estranho médico, misto de sábio e de santo, que residia em Simplício Mendes, o Dr. Isaías a quem cometi a deslealdade de esquecer o resto do nome; e uma certa publicação literária de Parnaíba. Sobre as “Sete Cidades” fiz, na ocasião, uma grande reportagem para o “Cruzeiro”, então a revista semanal de maior circulação no país. Quanto ao meu colega de Simplício Mendes – eu também sou médico – sobre ele já ouvira referências em todo o sertão, da Bahia para o Norte, de variados tipos: como médico, como homem e como cultura. Quando o conheci aconteceu-me algo parecido ao que havia Bates se deparado. Há mais de um século, em 1848, navegando o Tocantins em direção às cabeceiras, esse naturalista topou, próximo de Baião, com uma aldeia de meio milheiro de habitantes, dos quais a maioria de mulatos, poucos negros, alguns índios e nenhum branco. Travou relações com um funcionário público ali sediado, Soares de nome, moço, mestiço de branco e curiboca, que lhe convidou a ver sua biblioteca. A casa não era casa, mas sim uma choça de pau-a-pique, coberta de sapé, na margem do rio. Examinando-a não teve o enfado do galo da fábula que encontrara, ao invés de um grão de milho, uma pérola. Bates não era animal; era naturalista e pela cultura especialmente diferenciemo-nos dos irracionais. Espantou-se. Havia, entre a aparência e a pobreza do mameluco e de sua habitação e a

variedade qualitativa dos livros existentes, algo insólito. Escreveria para a História: “Fiquei surpreso ao ver numerosos clássicos latinos em muito boa encadernação, e entre eles, Tito Lívio, Virgílio, Terêncio e as Epístolas de Cícero. Foi para mim um espetáculo desusado”. Eu conhecia já, desde os anos 30, essa passagem, citada por Tristão de Atahyde, e foi exatamente isso que senti mais tarde ao meu contato com Isaías, um médico que fazia inveja a uma Academia de Medicina. (...). **Eduardo Maffei, médico, romancista, autor de “A Greve” (Paz e Terra) e “Maria da Greve” (Brasiliense).**

ATENÇÃO, MEUS AMIGOS DE SIMPLÍCIO MENDES

(Mensagem lida no dia 21/10/1952 nos microfones das difusoras do Bar Central, de propriedade de José Constâncio, e do Bar Avenida, de propriedade de Alarico Amorim, com a qual o Dr. Isaías agradece as manifestações de carinho do povo de Simplício Mendes por ocasião do transcurso do seu 62º aniversário, ocorrido no dia anterior, 20/10/1952).

Ontem colhi mais uma flor – bem murcha, está visto! – no jardim da penosa existência, juntando assim, mau grado meu, o peso de mais um ano ao fardo de anos que já me pesa aos ombros.

E por este motivo, desde a madrugada de ontem, desde as vibrantes clarinadas da alvorada do Bar Avenida, até os rútilos clarões do sol de hoje, as vossas mensagens de amizade cruzam e ainda agora continuam cruzando os ares, vindas de todos os quadrantes, de todos os cantos da cidade, enviadas por pessoas de todas as condições sociais, as mais opulentas e as mais humildes, ricos e pobres, velhos, moços e crianças, sem distinção de cor política e de epiderme.

Meus amigos!

Tantas foram as vossas mensagens de amizade, - tantas e tão vibrantes e efusivas que, num dado momento, tive a impressão de que a cidade inteira, a população em peso, havia ocupado as nossas possantes difusoras e, de posse dos seus microfones, estava a bradar aos meus ouvidos que sabia perdoar os defeitos do cidadão, os erros do profissional, os momentos de mau humor do celibatário, e, sobretudo, que a ela – à cidade – ainda sobrava magnanimidade

para confessar gratidão, benevolência para dedicar amizade, para acatar e até para querer bem a seu velho médico, que nunca foi, que nunca aspirou ser, que nunca quis ser senão isto que sempre foi, isto que é e será sempre: médico do sertão, ou seja, como por aí se diz, médico do mato, médico da roça!

Meus amigos!

Tantas foram as demonstrações do vosso regozijo pela passagem do meu aniversário; tantas e tão efusivas e espontâneas as mensagens da vossa amizade que, confesso, me senti emocionado como se vibrasse dentro de mim todo o teclado da minha sentimentalidade!

Mas, não foi pelo seu número que as vossas mensagens me comoveram, e sim pela sua sinceridade que o timbre metálico das difusoras não pôde mascarar, porque não está nas palavras, e sim no coração que as dita – esta sinceridade com que vos digo : Muito obrigado, meus amigos! Muito obrigado às famílias de Simplício Mendes, à Comissão promotora do grande baile nos salões amplos do Bar Central. Muito obrigado ao seu brilhante orador, meu amigo Lourenço Campos, pelas palavras tão belas quanto generosas com que se referiu à minha modesta personalidade; muito obrigado às gentis senhoritas que recitaram lindas poesias do seu repertório a mim dedicadas; muito obrigado às gerências dos nossos dois grandes e modelares estabelecimento de recreio – o Bar Central e o Bar Avenida. Muito obrigado aos dois brilhantes locutores, Agenor Rocha e Almir Amorim, pela sua colaboração, pelo calor e a vibração que souberam dar às próprias mensagens e às que a cidade por seu intermédio me enviou e tanto me comoveram; a todos, mais uma vez, o meu agradecimento!

E por ser de praxe, e em retribuição às que me foram dedicadas, ouçam as gravações “Gotas de Lágrimas” e “Mar Negro”. A escolha me pareceu adequada – porque a vida depois dos 60, especialmente a vida do celibatário, não são gotas apenas, é uma torrente de lágrimas que vai dar ao Mar Negro, onde jazem afogados os sonhos, os ideais, as aspirações e as ilusões da mocidade.

VENTURAS E AVENTURAS ISAIANAS

*Luiz Ayrton Santos Junior**

Por quanto tempo dura o “universo” de um homem? Se imaginarmos que todo ser é um ser biográfico e dele nascem ligações com as coisas e as pessoas que o cercam, o “universo” na vida de um homem dura o quanto seus tentáculos sócio-emocionais alcançarem.

Isaias Coelho foi um médico diferente, que marcou um tempo, com uma vida que se desenvolveu num “universo” infinito, rompendo barreiras do tempo e do espaço, se é que eles existem.

Separar sua história do imaginário das pessoas ou encontrá-la nos depoimentos dos que o conheceram é um grande desafio. A história da medicina, em especial no Piauí, é de uma fragilidade que o mais tênue dos ventos a desfaz para sempre. Buscar Isaias em documentos, fotos e registros diversos é encher nossa memória de fatos inesquecíveis, de exemplo de vida para todos e de contribuir para o conhecimento científico e histórico de nossa terra/gente.

Como vimos, o engenheiro José Mendes de Sousa Moura conseguiu. Conseguiu um apaixonante e singular material da história

de um homem exemplar. E, como engenheiro, desafia agora, com essa obra, historiadores e médicos que não o fizeram antes.

Apaixonado por sua terra, a cidade de Simplicio Mendes, digamos, ficou até fácil para o autor discorrer sobre um conterrâneo, cuja história se confunde, por muitas vezes, com a própria história da cidade. Discorrer sobre essa respeitável figura humana que foi Dr Isaias Coelho é uma prestação de serviço incomensurável às nossas emoções e apreços pela medicina.

Ao chegar ao final do livro somos imbuídos de uma enorme gratidão ao autor pela destreza das informações e pela busca de valores ímpares de nossa gente.

A história de Dr Isaias Coelho confunde os sonhos e os pesadelos, reconstruindo-os. No passado, o exercício da medicina não era baseado em evidências e sim na intuição e na experiência pessoal de cada um, que esse médico tinha de sobra.

Para encontrar Isaias Coelho é preciso ter um encontro marcado com a caridade, o carisma para com as pessoas e as enigmáticas fontes e ânsias de saber que tentam explicar a existência e a grandeza de um médico que, encravado nos confins dos sertões brasileiros, as desdobrava.

Romper a isolada caatinga, o seco sertão e o sol torrente a cavalo, em caravana, os médicos dessa época iam de cidade em cidade, parando de fazenda em fazenda, sempre muito bem recebidos pelas pessoas que lhes davam guarida, comida e às vezes até uma boa rede. Ilustres viajantes que cruzavam o sertão em todos os períodos de chuva e nas terríveis secas nordestinas, à sorte de animais, inclusive peçonhentos.

Consta-se nos percalços da história oral, pois nada ainda foi escrito sobre isso, que esses cavaleiros do bem levavam saúde através de remédios, receitas caseiras, inclusive regionais, além da força de sua sabedoria para realizar partos, tão temidos naquela época, pequenas cirurgias, orientações dietéticas, de enfermagem, e irreveláveis segredos, etc.

Estas caravanas, que na maioria das vezes eram compostas do médico, que notadamente era a pessoa mais importante, de pequeno grupo de amigos, de serviçais que orientavam o melhor caminho a ser percorrido, burros e jumentos amontoados de alimentos, remédios e pequenos materiais cirúrgicos. Quando essas caravanas partiam rumo sertão adentro, os rumores e as notícias travavam uma luta de velocidade sobre o destino dos caminhos a serem percorridos. Todas as fazendas, naquelas épocas, esperavam com ansiedade a chegada de um médico e era a oportunidade para todos serem atendidos e receitados. Era chique ser receitado nem que fosse para tomar uma vitamina ou uns míseros vermífugos. Os pacientes adoravam.

As desventuras e aventuras da medicina brasileira no interior do Piauí são de uma riqueza inesquecível mesmo que, infelizmente, estejam à mercê das ações dos tempos esquecidos, se enquadram em belas histórias de desafios.

Sabemos que muitas vezes na chegada de um médico à Casa Grande da fazenda, a história se espalhava rapidamente e até doentes já curados vinham para conversar com esse médico para terem certeza do que tiveram e assim se protegerem melhor.

É fácil imaginar o Dr Isaias Coelho chegando tarde da noite numa fazenda, quando todos os bichos barulhentos já dormiam, cansado de mais algumas léguas montado num jumento, roupas sujas, um arranhão na perna por uma “unha-de-gato” que se aproximou demais da sua caravana, batendo à porta da casa da fazenda e um velho aos gritos dizendo: “acorda, Maria, estamos a receber o Dr Isaias. Prepara um café e forra a melhor de nossas camas...”. Hospedar um homem desses não era só uma oportunidade de consulta mas uma honra das mais nobres. As portas sempre se abriam para esse médico que na manhã seguinte, poderíamos ter certeza, seria acordado por uma leva de meninos mal-nutridos e suas mães com as roupas mais bem

lavadas que podiam, iniciando-se uma manhã de boas energias, risos tímidos e satisfação à flor da pele.

Pontilhados por boas ações, medicina baseada em experiências pessoais, intuição baseada em ciência, os médicos dos tempos de Dr Isaias foram extremamente generosos com a vida, deixando o universo mais longo e duradouro cujo sol demora a se apagar. E o sol do universo de Dr Isaias Coelho parece ser de uma luz infinita.

Sinto-me grato pelo prazer da leitura deste livro, bem como acho que esse mesmo prazer teve quem o leu e sinto-me também demasiado feliz por proferir suas palavras finais. Ajoelhemo-nos agora para o autor e seu médico-inspirador. Eles merecem, pois foram e serão indeléveis.

*Luiz Ayrton Santos Junior é médico mastologista e membro da Academia de Medicina do Piauí (cadeira 28).

Bibliografia
BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, Abimael Clementino Ferreira de. Família Coelho Rodrigues - Passado e Presente.

COELHO, Joaquim Jusselino Rodrigues. Livro de Notas Particulares, Anotações.

Família Mendes - Joaquim Mendes de Oliveira no seu 100º aniversário. Teresina, 11 de fevereiro de 2000.

Isaías Coelho - Centenário de Um Mestre: co-edição das prefeituras municipais de Simplício Mendes e Isaías Coelho e do Instituto Histórico de Oeiras.

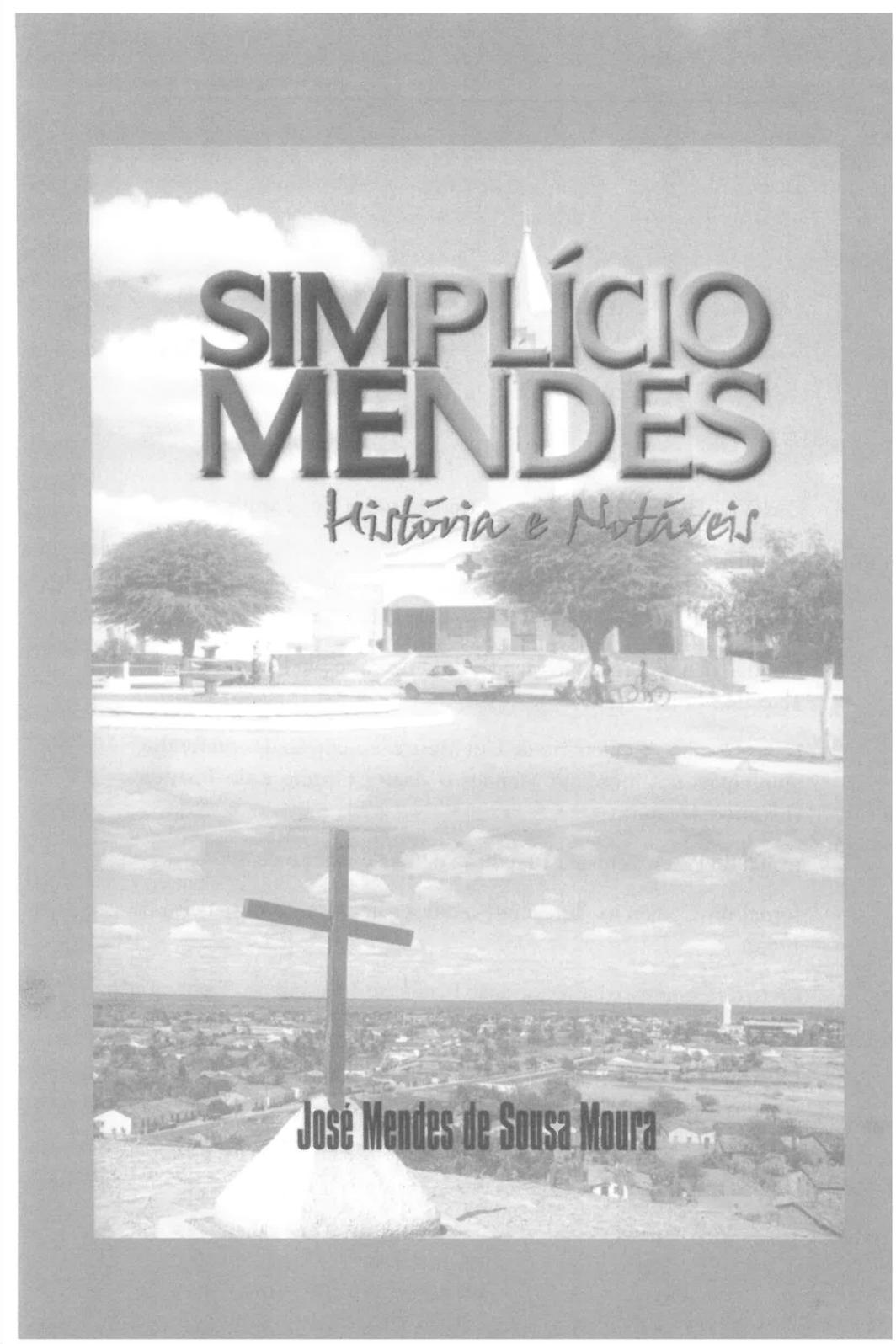
Jornal do Piauí. Teresina-PI, edição de 24 de janeiro de 1964.

Jornal do Comércio. Teresina-PI, edição de 24 e 25 de janeiro de 1964.

Livro do Congresso da Associação Piauiense de Imprensa. Tipografia Popular. Teresina-PI, 1934.

MOURA, José Mendes de Sousa. Simplício Mendes - História e Notáveis. Teresina-PI, 2001.

OLIVEIRA, Sílvio Mendes de. Revivendo Meus Caminhos e Outras Notas. Teresina-PI, 2002.

A black and white photograph of a town square. In the background, a church with a tall steeple is visible. In the foreground, a large wooden cross stands on a white, conical base. The scene is set in a town with various buildings and trees.

SIMPLÍCIO MENDES

História e Notáveis

José Mendes de Sousa Moura

Alguns depoimentos coligidos sobre
“Simplicio Mendes – História e Notáveis”
Primeiro livro de José Mendes de Sousa Moura

“Trata-se de uma importante obra que tem como principal objetivo contribuir para o resgate das raízes e da formação histórica, política, econômica e social de uma progressista comunidade interiorana (...).” – **Adrião Neto**, escritor, apresentando o livro no lançamento – Teresina, 10/11/2001.



“(...) O objetivo do livro é resgatar a memória do município, que vem progredindo lentamente, assim como o restante do Estado”. – **Diário do Povo**, edição de 3/11/2001 – Teresina(PI).



“Com esse trabalho, o engenheiro (José Mendes) não só resgata a história de sua terra natal, mas oferece relevante repositório de acervo histórico destinado a uma permanente e valiosa fonte de pesquisa para gerações presentes e futuras”. – **Caderno Municípios, jornal Meio Norte**, edição de 18/11/2001 – Teresina(PI).



“Um livro de grande importância para a história piauiense, porquanto resgata a história daquele município ao longo do tempo”. – **jornal Norte do Piauí**, edição de 2 a 8/11/2001 – Parnaíba(PI).



“**Simplício Mendes – História e Notáveis**” é o livro de estréia na literatura do meu sobrinho José Mendes de Sousa Moura, engenheiro civil, estudioso e amante das coisas piauienses e, de modo muito especial, da nossa terra natal, a sempre lembrada Simplício Mendes.

(José Mendes) deu uma prova de que a boa vontade, a obstinação e o amor às coisas nobres vencem quaisquer obstáculos, transpõem todas as barreiras e o objetivo a que se propõe o homem é alcançado.

E o fez com muita competência, buscando os registros da fonte primária, os arquivos que nem sempre são completos ou fáceis de encontrar para trazer, com fidelidade, a verdade histórica da terra simplício-mendense.” – **Anchieta Mendes**, magistrado e poeta, In Coluna Literária, jornal “Norte do Piauí”, edição de 25 de abril a 01 de março de 2002 – Parnaíba(PI).



“Eu tive o prazer de ler
Uma obra interessante
Escrita por José Mendes
Um literato vibrante
Que de maneira sensata
Simplício Mendes retrata
Numa versão fascinante”.

Barripi, In Mensageiro da Rima, p.14, edição abril/2002
– Teresina(PI).



“É um repositório de acervo histórico muito importante, não só para o município de Simplício Mendes, mas também para o

Piauí.” – **Paulo de Tarso Cronemberger Mendes**, engenheiro e professor, por telefone – Teresina(PI).



“Meus cumprimentos pelo belíssimo trabalho, que recebi por João de Moura Fé, e ao qual dedicarei a minha maior atenção.” – **José de Anchieta Moura Fé**, engenheiro agrônomo, por telegrama – Brasília(DF).



“A obra é importantíssima, inclusive como objeto de aprendizagem para a geração atual e as que se sucedem. Parabéns.” – **Beni Teixeira**, aposentado, por carta – Elesbão Veloso(PI).



“Quero parabenizá-lo pela iniciativa do registro de aspectos da história de sua terra natal, que, certamente, demandou grande empenho para transpor os desafios, mas, acima de tudo, tem o preço do amor à terra onde nasceu.

Além de constituir fonte para estudos, pesquisas, trata-se de importante memória de lutas, ações, vidas...” – **Mundica Teixeira Coelho**, professora, por carta – Petrolina(PE).



“O referido compêndio superou toda minha expectativa. Confesso que fiquei bastante emocionado ao lê-lo e, concomitantemente, ao lembrar fatos e fotos que marcaram a minha infância e juventude. Você foi muito feliz ao concretizar tão brilhante idéia.” – **João Bosco de Andrade Araújo**, comerciante e escritor, por carta – São Paulo(SP).



“O livro retrata Simplício Mendes de uma forma que a gente compreenda que uma cidade não é fruto apenas do trabalho de ‘notáveis’, mas que também constrói e vive sua história através do cotidiano, dos sonhos, das esperanças, da loucura, das frustrações, do inusitado e das peripécias de pessoas simples, como a louca Raimunda Margoza, o Pedro Mudo, o vendedor de gengibirra Miguel Mocó, o seresteiro Joquinha, a cozinheira Ana Roxa e tantos outros que marcaram a existência da cidade de Simplício Mendes.” – **Marcos Vilhena**, professor, por e-mail – Teresina(PI).



“Terminei, com grande satisfação, a leitura do livro ‘Simplício Mendes – História e Notáveis’, de sua autoria. Fiquei convencido de que esta obra passará a figurar entre os registros históricos do nosso Estado do Piauí e certamente ficará como um marco na preservação da memória da cidade de Simplício Mendes. As imperfeições e eventuais omissões são largamente superadas pelos inegáveis méritos da publicação, que é, até onde conheço, a mais completa fonte de dados sobre a história do nosso município.” – **Ivan Moura Fé**, médico, por e-mail – Fortaleza(CE).



“Livro sério, paradigma, que deverá ser lido por todos que pretendem conhecer o nosso Piauí.” – **José Ribamar Garcia**, escritor, por carta – Rio de Janeiro(RJ).



“O livro ‘Simplício Mendes – História e Notáveis’, do engenheiro civil José Mendes de Sousa Moura, o ‘Dedim’ de

Simplicio Mendes (1953), é uma obra que transcende à bibliografia real para não discutirmos as menções originárias do patronímico simplicio-mendense. (...)

E é através do exemplo de Isaías Coelho, a consubstanciação cristã do simplicio-mendense ‘Dedim’, quando no último capítulo do livro (espelho refletindo as imagens das pessoas e suas coisas) o autor reverencia os vultos populares do luzidio município do sertão piauiense.” – **Carlos Said**, jornalista e professor, em sua coluna do jornal Meio Norte, edição de 21/12/2001 – Teresina(PI).



“É um livro de muito valor para Simplicio Mendes, porque resgata a História do nosso município com riqueza de detalhes.” – **Heli de Araújo Moura Fé**, médico e prefeito, em discurso no dia do lançamento – Simplicio Mendes(PI), 03/11/2001.



“O autor narra com clareza, ao longo da primeira parte do livro, a origem do município a partir das ‘Feiras da Maniçoba’, perpassando pela sua formação e sua história política. (...)”

“Além de contribuir para a modesta historiografia do município, com esse livro José Mendes oferece uma valiosa fonte de pesquisa para interessados do presente e do futuro.” – **Revista ‘De Repente’** nº 27, edição de fevereiro de 2002, Teresina(PI).



“Estou muito grata e feliz com o recebimento de seu livro ‘Simplicio Mendes – História e Notáveis’, que reúne ao mesmo tempo uma bem elaborada pesquisa histórica e as lembranças eivadas de sentimentos e ternura. Confesso que fiquei com os olhos

marejados ao ver tantas pessoas queridas, ali presentes, avivando minhas recordações infantis e tocando o cerne de minha alma sertaneja, sempre voltada para a realidade maior de nosso povo.

Primeiro fui percorrendo as páginas de seu livro, assim como quem faz um vôo aéreo e depois, aos poucos, me deixando envolver pela sutil emoção daquelas páginas especialmente caras à minha emoção. (...)

No prefácio de estimado parente Norbelino Lira de Carvalho, os encômios e também a citação de Tolstoi: ‘Canta a tua terra e cantarás o mundo...’ (...), é nosso dever sagrado defender os valores de nossa cultura e de nossas tradições, entre os valorosos defensores está o nobre autor de ‘Simplicio Mendes – História e Notáveis’, que talvez nem perceba a grandeza de seu gesto ao resgatar os feitos de nossos antepassados, de todos aqueles que lutaram para nos oferecer um chão, uma estrutura moral e social sólida e edificante.

Seu livro chega na hora certa e certamente vai marcar um capítulo importante no gênero ensaio histórico.” – **Josélia Costandrade**, jornalista, poetisa, escritora e artista plástica, por carta – Brasília(DF).



“Eu que ando por aí a catar histórias que vou achando nas ruas e quebradas das imensidades brasílicas, folguei ter em mãos dois livros que falam de coisas e de gente lá de Simplicio Mendes.

‘Simplicio Mendes – História e Notáveis’, de José Mendes de Sousa Moura, e ‘Revivendo Meus Caminhos e Outras Notas’, de Sílvio Mendes de Oliveira: duas obras que flagram a vida simplicense, em olhar diverso.

O livro de Moura tem a intenção expressa de ‘resgatar a História e contar histórias de [sua] nossa cidade natal’. E o faz, ora revisitando umas, ora trazendo outras novas informações sobre a origem da hoje cidade-município. Lembra o tempo de Mafrense, a

Inspecção de Santo Inácio do Canindé, a Feira do Barreiro Branco, o lugar da Caridade, os maniçobais chorando o leite-borracha derramado a nutrir a vila-nascente de 1905.

São 353 páginas falando dessas histórias, em texto que organiza, quase que totalmente, tendo por referência a cronologia histórico-política-administrativa local, e um farto repertório de biografias de simplicenses que considera notáveis. Tudo bem ilustrado, com fotos e outros recursos cuidadosamente tratados,” – **Fonseca Neto**, professor da UFPI e historiador – em artigo publicado no jornal Diário do Povo, edição de 14/04/2003 – Teresina(PI).



“Antes de mais nada, ‘**Simplicio Mendes – História e Notáveis**’ foi um grande achado. A cidade precisava de um documento como esse.

Com suas pesquisas, você foi até o início do século XVIII para compor um quadro que ajuda a compreender perfeitamente os fatos que tornaram possível a criação do município.

Naturalmente, cada um tem sua visão e suas preferências pelo que é abordado no livro. Gostaria de enumerar alguns episódios que mais me chamaram a atenção e ajudaram a entender alguns pontos que há algum tempo procurava a resposta:

Ano 1760 – Expulsão dos Jesuítas. Embora lamentável pelo prejuízo causado na catequese dos índios e na construção das escolas, a expulsão propiciou a intervenção do governo e a formação dos Departamentos ou Inspecções, das quais a de Santo Inácio do Canindé, de onde veio a origem de Simplicio Mendes.

Ano 1823 – Nomeação do Cap. Arnaldo José de Carvalho para administrar o que vieram a ser as Fazendas Nacionais e depois Estaduais.

Ano 1891 – Primeira feira de maniçoba. Essas feiras foram muito importantes para a vida social e política, mostrada no livro quando da discussão sobre o local da criação do município.

Ano 1905 – Instalação da Vila e Município de Simplício Mendes. O fato de haver dois lugares (Barreiro Branco e Ligeiro) na disputa, com defensores importantes e com o mesmo sobrenome, e uma possível consulta aos feirantes é muito interessante. Primeiro, pelo valor simbólico de uma consulta. Segundo, não ter havido nenhuma ruptura em razão disso, como normalmente acontece em situações semelhantes.” – **Hiram de Moura Rodrigues**, analista de sistemas, Conselheiro do Fluminense Futebol Clube, por carta – Rio de Janeiro(RJ).



“Agradeço sua gentileza de enviar-me um livro de tão grande interesse para mim.” – **Adalberto Costa Reis**, odontólogo, por carta – São Paulo(SP).



“Li com satisfação o seu “Simplício Mendes – História e Notáveis” (...). Embora de engenheiro o seu livro é de um verdadeiro historiador. Os engenheiros, pela sua objetividade e capacidade de construir, elaboram maravilhosas teses de história, como a sua.

Lembrei-me que estive em sua cidade com meu pai Bugyja Brito, meu marido Edgard Falci e meu primo Carlos Rubem Campos. Visitei-a e guardo boas lembranças da cidade.

Li com satisfação e recordei-me de várias figuras queridas, especialmente o Noé Mendes.” – **Miridan Brito Falci**, escritora, por carta – Rio de Janeiro (RJ).



Rio de Janeiro, Sexta-feira, 05 de Abril 2002.

JOSÉ MENDES DE SOUSA MOURA
Rua Agripino Maranhão, n° 652 Bairro dos Noivos
TERESINA-PI 64.046-230

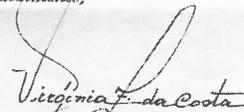
Prezado(a) Senhor(a):

*Vimos por meio desta, acusar e agradecer o envio da(s) obra(s) editada por V. Sa., contribuindo significativamente para o enriquecimento do acervo da **Fundação BIBLIOTECA NACIONAL** e cumprindo a **Lei do Depósito Legal** (Decreto n. 13.25 de 20.12.1907.)*

OBRA recebida: SIMPLÍCIO MENDES – HISTÓRIA E NOTÁVEIS

Sua participação é muito importante e a divulgação de sua(s) obra(s) dá-se através da Bibliografia Brasileira, distribuída no Brasil e no Exterior, através do nosso site: www.bn.br

Cordialmente,


Virginia F. da Costa
Chefe do Depósito Legal

Visite nosso site www.bn.br

A primeira edição deste livro foi lançada no dia 05 de agosto de 2006, em Simplicio Mendes, tendo o autor recebido como fortuna crítica:

Carta do Prefeito de Teresina, Dr. Sílvio Mendes de Oliveira Filho:

Caro Dedim,

Acabei de ler Isaías Coelho, O Esculápio do Sertão. Da capa à contra-capas, de uma tirada. E tive uma surpresa e muitas emoções.

A boa surpresa foi a lembrança, sensibilidade e maestria dos seus registros, em livro, da vida, morte e homenagens ao Dr. Isaías Coelho. Parabéns pela contribuição à nossa história.

Conheci-o, no consultório, fazendo uma cirurgia de amígdalas. Tinha a fisionomia da foto da página 38, segura e serena como de quem em paz consigo e com Deus.

Ele se tornou exemplo de homem, médico e cidadão pelos seus atos, pela coragem de voltar às origens e ser agente do bem para o seu povo, com idealismo, generosidade e discrição, despojado de vaidade. Você conta bem essa história e documenta.

Ouvi a notícia da morte dele no comício de Jânio Quadros, na Praça Pedro II, pela Rádio Pioneira. O seu livro faz parecer ontem.

Obrigado e um abraço do

Sílvio

29/07/2006

Parecer do relator do Conselho Editorial da Universidade Federal do Piauí:

Obra: Isaías Coelho – O Esculápio do Sertão

Autor: José Mendes de Sousa Moura

Relator: Conselheiro Tomaz Gomes Campelo

Parecer:

Recebo o livro ISAÍAS COELHO – O ESCULÁPIO DO SERTÃO, de autoria de José Mendes de Sousa Moura para, sobre o mesmo, proferir parecer.

É o livro ISAÍAS COELHO – O ESCULÁPIO DO SERTÃO de grande valor social, pois relata a vida e obra de um médico que se notabilizou pela competência na profissão, mas, acima de tudo, de humanismo incomum, qualidades que lhe foram exaltadas por todos que o conheceram.

Tem a obra, sob parecer, desenvoltura literária elogiável, no discorrer os fatos, tornando agradável sua leitura, aliado a um vocabulário adequado, que nada deixa a desejar, porém, o enriquece e o recomenda.

É histórico-biográfico, porque situa no tempo e no espaço o personagem central, que é o médico Isaías Rodrigues Coelho e seus serviços prestados, na profissão, com invulgar competência e elogiável zelo, na sua região de atuação, o que se faz necessário ser conhecido, como exemplo, para os pósteros.

Está a obra dividida em duas partes: a primeira que o autor, em capítulos, relata com brilhantismo e desenvoltura a vida e obra de Isaías Coelho e, a segunda contendo discursos deste e de outros sobre Isaías Coelho. Justificados, pois, estão o interesse literário e o social do livro ISAÍAS COELHO – O ESCULÁPIO DO SERTÃO em ser publicado, daí porque favorável é o parecer.

Teresina, 03 de novembro de 2005

a) Cons. Tomaz Gomes Campelo

Teresina, 25 de setembro de 2006

Meu caro Zé Mendes, saúde e paz.

Li com atenção e maior prazer o seu “Isaías Coelho, O Esculápio do Sertão”.

Trabalho meritório, não só por resgatar com fidelidade a vida e ação do grande mestre na arte de curar como esmiuçar, com acendrado zelo, toda a trajetória do mais ilustre paladino da medicina – de todos os tempos – no Piauí.

Você foi muito feliz na exploração do tema (também que tema!). Meus parabéns!

Agradeço penhorado pelo grande presente.

Cordialmente – **William Palha Dias**, escritor, por carta – Teresina (PI).

Quero parabenizá-lo pelo brilhante trabalho realizado no livro “Isaías Coelho – O Esculápio do Sertão”, pois além de resgatar uma história de inestimável valor cultural, sentimental e sócio-educativa, que certamente se perderia com o passar do tempo, traz à luz a memória de um homem ímpar em todos os sentidos que, com seu exemplo simples de vida, tanto nos orgulhou e projetou o nome de nossa pequena e pobre cidade nos mais distantes lugares desse Brasil e que deveria servir de modelo para todo simpliciomendense e, por que não, para todo brasileiro.

Parabéns mais uma vez pelo seu belo trabalho, pois com essa homenagem que você acaba de prestar a esse “mito”, você também contribui para a preservação da história de um povo carente de oportunidades e tão sofrido, bem como ajuda a consolidar um exemplo de dignidade tão escasso e que tanta falta faz nos dias atuais. Um abraço, - **José Edmar de Carvalho Filho**, bancário, por e-mail – Brasília (DF).

Assunto: LIVRO: ISAÍAS COELHO – O ESCULÁPIO DO SERTÃO

Data: 11/09/2006

Há pouco fiquei sabendo da existência deste livro. No princípio pensei alegremente que bom, mais uma pessoa que enaltece o grande homem: Dr. Isaías Coelho; pois mesmo não tendo presenciado o seu brilhante caminho e não só por ser da família e também ser médica simplíciomendense, sempre admirei e sou orgulhosa da existência única deste **HOMEM**.

Ao conhecer melhor o conteúdo do livro por muito fiquei decepcionada, como também em relação aos comentários seus em relação à ausência dos familiares na solenidade de lançamento. Somente hoje fiquei sabendo da existência deste e sei que não só eu como muitos familiares do Dr. Isaías Coelho gostaríamos de presenciar, agradecer e honrar todos aqueles que, como eu, sabe dar o valor que foi, é e sempre será da existência do grande médico e homem que Simplício Mendes teve como filho.

OBS: Como muitos simplíciomendenses são conhecedores sou Dra. Alice Maria Coêlho Marques, formada em Medicina em setembro de 2001 pela Universidade Federal do Piauí – UFPI, tendo concluído Residência Médica em Clínica Médica pela UFPI/Hospital Getúlio Vargas e Residência Médica em Cardiologia pela Escola de Saúde Pública do Ceará/Hospital Messejana e principalmente filha de Simplício Mendes e da família Coêlho. – **Dra. Alice Maria Coêlho Marques**, médica, por e-mail – Teresina (PI).

O engenheiro civil José Mendes de Sousa Moura (Simplício Mendes, 1953), escreveu e publicou recentemente o livro: “Isaías Coelho – O Esculápio do Sertão”. (...) Inspirado, então, já no intróito da cronologia histórica do renomado filho da primeira capital do Estado, José Mendes de Sousa Moura, apelidado carinhosamente Dedim, buscou Hipócrates, o Pai da Medicina (Ilha de Cós, Grécia, 357 A.C.) e, compilando a frase antológica e secular do imortal grego: “que me seja dado gozar da vida e da profissão,

honrando entre os homens, se bem cumprir este voto”, o escritor simplício-mendense revolveu na sua fecunda memória o brilhante trajeto de Isaías Coelho, o benfeitor amado pela simpatia com a qual conquistou os habitantes do semi-árido piauiense.

Começando, 1914, como médico espiritual que lhe condicionou a reputação de humanista, Isaías Coelho conseguiu percorrer os caminhos da hombridade profissional. (...)

Exercitou quase 46 anos de profícua atuação, peregrinando pelos sertões do semi-árido piauiense como amigo pessoal de todos, em todas as horas do seu cotidiano. (...) O falecimento do probo cidadão, aziaga ocorrência manifestada naquele janeiro de 1960, abalou a todos: familiares e amigos. Foi assim que o engenheiro civil José Mendes de Sousa Moura, do quadro funcional do Departamento de Estradas de Rodagem do Piauí – DER-PI, historiador às mancheias, honrando as tradições culturais de Simplício Mendes (...), resolveu escrever sobre o “esculápio do sertão”. – **Carlos Said**, jornalista e professor, em artigo intitulado “Isaías Coelho”, jornal Meio Norte, edição de 6 de setembro de 2006, Teresina (PI).

“Hipócrates exerceu durante mais de vinte séculos sobre a medicina uma influência análoga àquela de Aristóteles sobre o pensamento filosófico”. Assim escreveram Jacques Brunschwig e Geoffrey Lloyd no monumental livro “Le Savoir Grec” (O Saber Greco), nas suas mil páginas, em que dedicam um capítulo especial a Hipócrates, o qual nasceu no século de Péricles, considerado o século mais iluminado da história. (...)

Reli o texto dos autores franceses sobre Hipócrates ao ler o belo livro de José Mendes de Sousa Moura sobre o Dr. Isaías Coelho, o grande médico que, como assinala o autor “deu exemplo de abnegação, devotamento, humanidade e dedicação à nobre causa de salvar vidas”.

Conheci Dr. Isaías e, assim como muitos da região, fui a Simplício Mendes várias vezes na minha juventude, acompanhando meus pais, atraídos por sua fama de médico e por suas receitas infalíveis. Partindo de São João do Piauí, atravessávamos o rio Piauí

e desbravávamos a mata, emoldurados pela paisagem árida do sertão, numa longa viagem, que hoje pode ser feita em pouco menos de uma hora, graças à minha renhida batalha pela pavimentação da BR-020.

(...) Aristóteles disse, na sua “Política”, que “Hipócrates era o maior, não como homem, mas como médico, do que qualquer outro que lhe fosse superior em estatura física”. A figura franzina do Dr. Isaiás Coelho – homenageada em estátua de tamanho natural na praça de Simplício Mendes que recebeu o seu nome – sempre contrastou com sua grandeza. – **Paes Landim**, deputado federal e professor licenciado da UNB, em artigo intitulado “Dr. Isaiás Coelho”, jornal Meio Norte, edição de 23 de setembro de 2006.

É prazeroso comentar um livro feito por um engenheiro a respeito da biografia de um médico. Com razão, a maioria dos escritores ou são bacharéis em Direito ou são formados em Letras, raramente se tem um engenheiro escritor. O que não vemos aqui, onde, sob a pena de José Mendes Moura, em uma linguagem bem típica dos engenheiros, direta, objetiva, sem perder de vista, contudo, o galardão do que realmente quer dizer, foi buscar a biografia de um dos maiores e por que não dizer mais injustiçados médicos de nosso Estado. Digo maior porque o trabalho que realizou nas cidades onde foi médico (Simplício Mendes e região) foi de tão ponta que propagou por todo o Estado, inclusive e principalmente na Capital; mas injustiçado porque ao ser um homem que pouco dava importância ao dinheiro, mas à capacidade de curar os outros e exercer com dignidade a sua profissão, foi com o tempo esquecido. (...) Isaiás Coelho nasceu em 1890 e morreu em 1960, estando de parabéns o Engenheiro do DER, autor do livro “Simplício Mendes – História e Notáveis” e membro da UBE-PI, José Mendes de Sousa Moura, por reconstruir a biografia deste importante médico da história do nosso Piauí. Mais do que um Esculápio foi um cidadão cujo trabalho ultrapassou fronteiras. – **Joseli Magalhães**, Advogado e escritor, em sua Coluna “Estante de Livros”, jornal Meio Norte, edição de 1º de outubro de 2006.

Gostaria de parabenizar o autor pela brilhante obra. O livro “ISAIAS COELHO - O Esculápio do Sertão” retrata muito bem a história desse homem que foi um mito na medicina e na história de Simplicio Mendes. Quando criança e até hoje só conhecia a história de Isaias Coelho através de relatos das pessoas mais velhas e agora através desse livro pude então conhecer direito a vida desse espetacular médico e cidadão.

Cordiais Saudações.

Stanley Jesuino
(Médico - Ginecologista/Obstetra)
por e-mail - Oeiras-PI



SEGUNDA EDIÇÃO IMPRESSO NA
EDITORA GRÁFICA MODELO
(86) 3221-3326 • Teresina-PI

Desde 1977 José Mendes é engenheiro do quadro funcional do Departamento de Estradas e Rodagem do Piauí - DER-PI, tendo exercido diversos cargos e funções, destacando-se os de diretor das Diretorias de Conservação e Manutenção e de Engenharia.

Foi Suplente e depois Conselheiro do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura do Piauí - CREA-PI; coordenador do Congresso "27ª Reunião Anual de Pavimentação", evento realizado em novembro de 1993, em Teresina, promovido pela Associação Brasileira de Pavimentação; membro da União Brasileira de Escritores - Seção do Piauí - UBE-PI; sócio-correspondente do Instituto Histórico de Oeiras e Presidente da Associação de Letras e Artes de Simplício Mendes - ALEARTES, entidade da qual foi um dos idealizadores e fundadores.

Autor do livro "Simplício Mendes História e Notáveis" (2001), que trás um relato da história político-administrativa e tópicos sócio-econômicos e culturais, além de perfis de notáveis e vultos populares que marcaram a história e/ou dignificaram aquele município através da literatura, das artes e de outros feitos marcantes. É autor também do opúsculo "A Paróquia de Simplício Mendes", ensaio histórico lançado em fevereiro de 2004, para marcar o transcurso do cinquentenário da posse do primeiro pároco titular da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus.

Casado com Ceres Marinho Mendes Moura, com quem tem os filhos Olavo e Lenise.

CONTATO:

Rua Agripino Maranhão, 652,
bairro dos Noivos,
CEP: 64.046-230 - Teresina-PI.
Telefones: (86) 3233-2402 e 9981-6466.
E-mail: jmsmoura@uol.com.br



ISAÍAS COELHO

Esse que vês, em bronze esculturado,
Na praça principal desta cidade,
De ledas, vivas flores rodeado
Qual sombra triste em meio à claridade;

Trazendo no semblante fatigado
Fundas rugas de dor e de ansiedade
E, no comprido lábio desolado,
Um travo de desgosto e soledade;

Não foi poeta, nem se fez famoso
Na política, nem também se diga
Que nasceu nobre, que foi poderoso!

Está todo seu mérito no amor
Com que se deu a sua gente amiga,
Na luta ingente de sanar a dor!...

José Expedito Rêgo

ISBN 85-905815-1-9



9 788590 581512 >